

RODRIGO PIOVESANA

CIDADE EM MOVIMENTO:

**Um estudo sobre a reinvenção do espaço urbano por adictos de Marechal
Cândido Rondon – Paraná.**

RODRIGO PIOVESANA

CIDADE EM MOVIMENTO:

**Um estudo sobre a reinvenção do espaço urbano por adictos de Marechal
Cândido Rondon – Paraná.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade Federal da Grande Dourados, para
a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Eudes Fernando Leite

DOURADOS – 2007

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD

306.1 Piovesana, Rodrigo
P662e Cidade em movimento : um estudo sobre a reinvenção do espaço urbano por adictos de Marechal Candido Rondon – Paraná / Rodrigo Piovesana. – Dourados, MS : UFGD, 2007.
175p.

Orientador: Prof. Dr. Eudes Fernando Leite.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados.

1. Antropologia urbana. 2. Marechal Cândido Rondon , PR (Cidades) – Identidade. 3. Espaço urbano - Marginalidade. I. Título.

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a analisar as relações e práticas pelas quais os adictos de Marechal Cândido Rondon – Paraná, reinventam o espaço da cidade, em muitos momentos, estabelecendo uma relação de estranhamento com a cultura hegemônica local. Os estilos de vida dos adictos rondonenses acabam por apresentar a face de uma outra cidade, diferente daquela cidade ritualizada em torno da construção de uma identidade germânica, muito mais diversa, heterogênea e ambígua. O desafio foi construir uma análise, em que, o significado da experiência vivida pelos sujeitos e os valores elaborados ou reelaborados dela vieram a constituir-se no eixo central da investigação. Desta forma, a cidade deixa de ser um espaço puramente geográfico, plano e homogêneo, para constituir-se em um espaço social heterogêneo e tridimensional, onde os diversos lugares que constituem a cidade, são, na verdade, territórios dotados de uma racionalidade própria. Certamente, não bastou identificar a heterogenidade pertinente a cidade. Foi preciso, para além, verificar as implicações que decorrem do ato de impor a hegemonia cultural, diante da impossibilidade de homogeneizar o que por definição é múltiplo, fluído, diverso. Esta motivação levou-me a investigar, por meio da metodologia sustentada pela História Oral e inspirado no “fazer etnográfico”, os adictos de Rondon, no que concerne aos seus modos de vida, suas práticas cotidianas, suas visões de mundo e, de maneira mais pontual, a relação de estranhamento, derivada da contradição existente entre seus estilos de vida e os valores decorrentes da idealização da cultura germânica local.

Palavras Chaves: História – Espaço urbano – Identidade - Marginalidade.

ABSTRACT

This research proposes it analyzes it of the relationships and practices for the which the addicted of Marechal Cândido Rondon–Paraná, they reinvent the space of the city, in many moments, establishing a conflict relationship with the local culture hegemony. The lifestyles of the addicted rondonenses end for presenting the face of another city, different from that city organized around the construction of a Germanic, much more several, heterogeneous and ambiguous identity. The challenge went build an analysis, in that, the meaning of the experience lived by the subjects and the elaborated values or reelaborados of her came to constitute in the central axis of the investigation. This way, the city stops being purely a space geographical, plan and homogeneous, to constitute in a heterogeneous and three-dimensional social space, where the several places that constitute the city, are, actually, territories endowed with an own rationality. Certainly, it was not enough to identify the pertinent heterogenidade the city. It was precise, for beyond, to verify the problems that elapse of the act of imposing the cultural hegemony, due to the impossibility of homogenizing what by definition is multiple, flowed, several. It was with this motivation that I tried to investigate, by means of the methodology sustained by the Oral History and inspired by the “to do ethnographical”, the addicted of Rondon, in what concern to its life manners, its daily practices, its world visions and, in a more punctual way, the conflict relationship, derived of the existent contradiction between its lifestyles and the current values of the imposition of the local Germanic culture.

Key words: History - Space Urban - Identity - Exclusion

*A Izabel, minha companheira.
Ao Gabriel, filho amado.*

Só seremos universais se
conhecermos e amarmos nossa
aldeia.

Tostoi

SUMÁRIO

Resumo	5
<i>Abstract</i>	6
LISTA DE FIGURAS	10
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: Prazer! eu sou Rondon	26
1.1. <i>O Processo de colonização e a Maripá</i>	27
1.2. <i>Da vila General Rondon a emancipação</i>	32
1.3. <i>A afirmação simbólica do município</i>	34
1.4. <i>Oktoberfest – a mais simpática do Brasil</i>	46
1.5. <i>A germania e o outro</i>	51
CAPÍTULO II: Os contra sujeitos da contra cidade	57
2.1. <i>A cidade e a questão das drogas</i>	57
2.2. <i>A Oktoberfest enquanto um problema</i>	68
2.3. <i>O tipo ideal e os sujeitos adictos</i>	77
2.4. <i>Marginal ou cidadão: conceitos que se confundem</i>	102
2.5. <i>Práticas que não combinam</i>	110
CAPÍTULO III: A Reinvenção da Praça	125
3.1. <i>Qual é o significado da praça?</i>	125
3.2. <i>Descrição da praça</i>	129
3.3. <i>Precedentes Históricos</i>	131
3.4. <i>O Projeto de Remodelação: outra intervenção, novos sentidos</i>	134
3.5. <i>A apropriação do espaço: sujeitos imprevistos, suas práticas e os novos significados</i>	140
3.6. <i>Quando as margens migram para o centro</i>	147
IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
V -FONTES	161
5.1. <i>Jornalísticas</i>	161
5.2. <i>Documentos oficiais de época</i>	164
5.3. <i>Orais - Entrevistas realizadas pelo autor</i>	165
5.4 <i>Orais – Outras entrevistas</i>	166
VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	167
VII Anexos	172
7.1. <i>Roteiro para orientação de entrevistas</i>	172

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto de divulgação da Festa Municipal	35
Figura 2 – Foto montagem, construções adaptadas ao estilo germânico.....	37
Figura 3 – Maquete do projeto de construção do pavilhão de eventos.....	39
Figura 4 – Foto montagem, vista parcial do Fórum e do Portal municipal.....	40
Figura 5 – Foto montagem, vista parcial do Estádio e do Parque Municipal.....	42
Figura 6 – Foto do Memorial Histórico e da Galeria dos Ex-Prefeitos.....	43
Figura 7 – Foto montagem, vista parcial do novo centro de eventos.....	45
Figura 8 – Foto do monumento de Marechal Rondon.....	45
Figura 9 – Cartaz de divulgação da <i>Oktoberfest</i>	47
Figura 10 – Foto montagem, representação espacial da praça Willy Brath.....	128

INTRODUÇÃO

Esta dissertação originalmente integra uma trajetória de experiências pessoais posteriormente vinculadas a discussões acadêmicas. A preocupação inicial, que não tarda em transformar-se em “angústia reflexiva”, enquanto incômodo que reclama respostas, localiza-se no tempo em que eu ainda cursava a graduação.

Em 1999, por motivo de estudo, mudei-me de Matelândia para Marechal Cândido Rondon, ambas as cidades localizadas no Extremo Oeste do estado do Paraná. Naquele momento, enquanto estudante de História recém estabelecido na cidade, conhecia Rondon somente por meio de relatos que propagavam a “famosa cidade germânica e sua *Oktoberfest*”.¹ Dois anos depois, mais precisamente em agosto de 2001, iniciei em Rondon, juntamente com outros amigos, integrantes de um grupo de jovens local, uma ONG² da qual tornei-me vice-presidente.

A ONG - Sagrada Família de Nazaré³ - possuía como um de seus principais objetivos, o tratamento de adictos⁴ e sua posterior reinserção no bojo do convívio social. Para possibilitar este trabalho, compramos uma propriedade rural - nomeada como Chácara São José - onde seria realizada a atividade de internamento e “recuperação” de usuários de drogas.

Na chácara não utilizávamos nenhum tipo de química ou remédios, mas a recuperação se processava através de uma imensa força de vontade do adicto, inserido numa rotina de trabalho, espiritualidade e regras. Foi justamente neste ponto, o do cumprimento de regras, que me deparei com a primeira experiência interessante: os adictos, em sua maioria, possuíam uma aversão a regras e recebiam-nas não como um mecanismo de organização da coletividade, mas como uma privação de sua liberdade e, portanto, um castigo.

¹ Esta questão é parte integrante de minha problemática de pesquisa e será tratada mais adiante.

² A sigla refere-se à organização não governamental. Neste caso, trata-se, conforme seu estatuto, de uma associação civil, de direito privado, com caráter cultural, educativo, filantrópico, assistencial e beneficente, sem fins lucrativos.

³ Utilizarei o nome verdadeiro da ONG, bem como da chácara de recuperação a ela vinculada, que embora sendo conhecidas no município, nomeá-las não causará nenhum prejuízo ao sigilo e resguardo das identidades dos entrevistados, que serão identificados a partir de pseudônimos.

⁴ Adicto, do Aurélio: afeiçoado, dedicado, apegado. Aquele que não consegue abandonar um hábito nocivo, mormente de álcool e drogas, por motivos fisiológicos ou psicológicos. A utilização do termo, visa evitar denominações da linguagem popular que possam expressar algum tipo de preconceito, como, por exemplo, “drogado” que é uma noção ligada a idéia de criminalidade.

Outra experiência interessante se deu com o passar do tempo. Morei durante seis meses na mesma casa dos dependentes, onde exerci a função de coordenador, tendo a possibilidade de compreender que aqueles indivíduos que ali estavam internados eram pessoas comuns, com qualidades e defeitos, com projetos e sonhos, com seus anseios e visões de mundo, dotados de um único diferencial: quase em sua totalidade, sentiam-se excluídos e marginalizados por uma sociedade permeada de preconceitos que hostilizava seus padrões de comportamento e suas condições de vida.

Esta segunda experiência, que se deu através de relações estabelecidas no convívio na casa de recuperação, proporcionou-me um novo olhar sobre os usuários de drogas, permitindo que se desfizesse uma série de preconceitos, como, por exemplo, a idéia de que todo adicto é mau caráter, violento, com distúrbios de personalidade, comportamento e hostil a sociedade.

De outra maneira, esta experiência de aproximação com sujeitos que possuíam “estilos de vida” diferenciados, daquele comumente aceito pela sociedade mais ampla, contrastava, de forma mais pontual, com o extremo simbolismo germânico, característico da cidade de Rondon, e com os discursos e práticas sociais que procuravam legitimar a existência de um “tipo ideal”, derivado desta construção simbólica, em detrimento de um “outro” ou “de fora”.

Para além da experiência pessoal, os contrastes e estranhamentos iniciais foram trazidos para a reflexão acadêmica. O primeiro debate realizado no âmbito da universidade, se deu em 2002, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, pelo convite de um professor da disciplina de prática de docência, para que discutíssemos - eu e o então presidente da ONG - com os alunos do 4º ano do curso de História, a questão da dependência química relacionada à educação e prática docente.

Devido à profundidade e produtividade das reflexões e questionamentos que derivaram dos debates, o professor incentivou a realização de pesquisas acadêmicas que dessem conta de trazer para o âmbito da História as questões relativas às discussões. Naquele momento, nasceu o primeiro requisito que me encaminharia para a realização da dissertação que hoje me proponho: o desejo de fazer das questões pertinentes à dependência química um objeto de estudo da História.

A oportunidade surgiu em 2003, com o curso de especialização da UNIOESTE,⁵ para o qual estabeleci tal problemática como proposta de estudo. Primeiramente pensei em realizar uma análise da “sociedade alternativa” dos dependentes químicos da região Oeste do Paraná. Neste momento tinha a intenção de averiguar até que ponto existia entre os dependentes químicos uma sociedade à parte, diferente da tradicional, com costumes, linguagem, visão de mundo e relacionamentos próprios.

A medida que as disciplinas do curso da especialização foram ocorrendo, as discussões realizadas em sala de aula trouxeram diversas contribuições e forneceram referenciais fundamentais para a consolidação da problemática, transformando o enfoque inicial da pesquisa.

Assim, especialmente a partir das discussões sobre a figura do trabalhador e sua disputa pelo espaço urbano, do entendimento de que a cidade é um lugar de práticas de sujeitos que se organizam e reorganizam, inventam e reinventam o espaço urbano, de que este espaço urbano não é homogêneo, mas formado por uma complexa arquitetura de territórios que não estão simplesmente justapostos uns aos outros, que é no campo do cotidiano que se torna possível visualizar e compreender os papéis informais, os pormenores significativos, as condições de vida de uma série de sujeitos durante muito tempo subsumidos frente a uma história homogeneizante, que surgiu uma nova problemática de pesquisa: a análise e compreensão das relações e práticas pelas quais os adictos de Marechal Cândido Rondon reinventam o espaço da cidade.

O próprio tema e a problemática da presente pesquisa já estabelecem um certo posicionamento teórico-metodológico do trabalho. Tem a ver com a história dos marginais numa perspectiva micro-histórica, na qual, as trajetórias de vida individuais assumem um papel relevante, no sentido de contribuírem para a elaboração ou reelaboração de uma nova história da cidade, ou melhor, uma perspectiva diferente vista sob um novo ângulo, diferente daquele da história tradicional, que pretendia a cidade de Rondon como sendo única e exclusivamente de origem germânica.

⁵ Programa de pós-graduação *latu sensu*, área de concentração: História e Região, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. O programa exigia como trabalho de conclusão de curso, não uma monografia, mas um projeto de dissertação aprovado em banca no final do curso, pois, tinha como finalidade, a preparação de seus alunos para ingressarem num futuro programa de mestrado.

A proposta de incorporação das experiências dos sujeitos esquecidos, banidos pela história tradicional, a partir de suas próprias vozes e termos, fundamenta-se pela vontade de uma história crítica, consciente e democrática. Nesta perspectiva, a “história dos marginais” entra em cena e os historiadores da marginalidade começam preenchendo as lacunas da história tradicional, trazendo de volta à memória os esquecidos da história: simples vagabundos, criminosos obscuros, bruxos de aldeias, usuários de drogas ou prostitutas. A perspectiva da história tradicional parece hoje insuficiente, limitada pela sua própria posição, ou seja, a de fazer história a partir do centro, na qual os papéis representados pelas elites do poder, da fortuna, ou da cultura parecem ser os únicos que contam.

Desta forma, a urbe torna-se um campo amplo para a pesquisa, pois é um espaço heterogêneo, construído historicamente pelos mais diversos sujeitos que organizam e reorganizam, inventam e reinventam o espaço onde habitam, dotando-o de uma racionalidade própria. Toda vez que uma pesquisa se orienta para o trato de qualquer experiência de vida a preocupação com o estudo do espaço assume uma importância capital, pelo simples fato, de que, é inexequível desmembrar a trajetória de vida de qualquer sujeito, do espaço no qual ela ocorreu. Assim, cidade, identidade, marginalidade e espaço são noções fundamentais que orientam a pesquisa que proponho.

O entendimento de que o espaço urbano é constituído pela ação dos múltiplos sujeitos que o habitam e por isso mesmo é heterogêneo, está sempre em movimento e constante reelaboração, é de grande importância para compreendermos a relação existente entre o grupo estudado e o próprio fazer-se da cidade.

Neste sentido, os estudos de Rosângela Maria S. Petuba foram de grande valia, contribuindo para fundamentar a perspectiva, pela qual, a cidade será abordada. Petuba trabalha a questão da luta pela posse da terra urbana, em Uberlândia, nos anos 1980-1990, tendo como enfoque principal o “significado da experiência humana vivida por esses ocupantes de terra e a maneira pela qual essa vivência contribui para a reelaboração de seus valores influenciando no próprio fazer-se dessa cidade.”⁶

Há uma convergência significativa no momento em que a autora entende a cidade como um lugar de práticas dos sujeitos que organizam e reorganizam, inventam e reinventam

⁶ PETUBA, Rosângela M. S. *Pelo Direito a Cidade: Experiência e luta dos ocupantes de terras do bairro D. Almir – Uberlândia / 1999-2000*. Dissertação de mestrado, Uberlândia, UFV, 2001. P. 08.

o espaço urbano. Esta é uma noção fundamental, a de entender a cidade como um espaço heterogêneo construído historicamente pela ação dos sujeitos que a constituem. A cidade longe está de ser, e de fato não o é, uma massa homogênea, engessada, pronta e acabada, mas está em movimento, em constante transformação pela ação dos diversos e múltiplos atores que através de suas lutas cotidianas impunham a cidade um movimento de constante transformação.

Levando-se em consideração a heterogeneidade da cidade, ela torna-se um campo amplo para a pesquisa, como é o caso dos estudos de Petuba, sobre a disputa de trabalhadores que vieram do campo e passam a reivindicar o espaço urbano. Outros, debatem com questões relativas aos trabalhadores informais, como é o caso dos catadores de papel e vendedores de cachorro-quente. Na minha pesquisa o ator urbano é o adicto, que também enquanto sujeito histórico, protagonista da construção do espaço urbano, reinventa, de sua forma, de seu modo, o espaço da cidade.

Buscando contribuir e abordar problemáticas cada vez mais presentes no campo da História, o desafio foi construir uma análise em que o significado da experiência vivida pelos sujeitos e os valores elaborados ou reelaborados dela vieram a constituir-se no eixo central da investigação. A percepção de que as experiências desses sujeitos históricos e sociais, acumulam-se e expressam-se em forma de valores, imagens, crenças e sentimentos acerca de si próprios e da cidade, tornou-se fundamental para definir as diretrizes que problematizaram o objeto de estudo.

Assim, para além de um espaço meramente geográfico, a cidade é constituída de fronteiras simbólicas que ordenam as categorias sociais e os grupos sociais em suas mútuas relações. Sobre esta discussão, o texto de Antonio Arantes foi lapidar. Arantes utiliza, como hipótese de trabalho, a suposição de que a experiência urbana contemporânea propicia a formação de uma complexa arquitetura de territórios, que resultam na formação de contextos espaço – temporais flexíveis: “Penso que os lugares sociais assim construídos não estão simplesmente justapostos uns aos outros como se formassem um grande mosaico. A meu ver, eles se superpõem e, entrecruzando-se de modo complexo, formam zonas simbólicas de transição”⁷

⁷ARANTES, Antônio A. A Guerra dos Lugares. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: n°23, 1994. p.191.

Desta forma, a cidade deixa de ser um espaço puramente geográfico, plano e homogêneo, para constituir-se em um espaço social heterogêneo e tridimensional, onde os diversos lugares que constituem a cidade, são, na verdade, territórios dotados de uma racionalidade própria definida pela elaboração e reelaboração dos diversos valores sociais constituídos ao longo da experiência das diversas categorias e grupos sociais que, ao seu modo, reivindicam o espaço urbano.

Neste mesmo sentido, a abordagem do espaço urbano por Raquel Rolnik é esclarecedora. A autora, afirma que o que caracteriza a história urbana em contraposição a uma história na cidade é a especificidade do foco sobre a configuração espacial. Porque o espaço, a configuração física, esta materialidade é uma variável histórica e uma variável teórica sendo, portanto, uma fonte, da mesma forma que um arquivo ou um registro. A noção que se pode usar para se tentar pontuar esta questão é a noção de território desenvolvida por Rolnik.

Conforme Rolnik contrapondo-se a noção de espaço à noção de território, há uma relação de exterioridade do sujeito em relação ao espaço e uma ligação intrínseca com a subjetividade quando se fala em território: “O território é uma noção que incorpora a idéia de subjetividade. Não existe um território sem um sujeito, e pode existir um espaço independente do sujeito”⁸

A idéia de existência de territórios no espaço urbano é a idéia do espaço como marca, como expressão, como assinatura, como notação das relações sociais, como cartografia das relações sociais e é esta marca que faz o território, ou seja, o território não existe previamente, anteriormente à marca ou ao processo social e coletivo que o produziu.

O conceito de territorialidade proposto por Rolnik fica evidente nos estudos de Marcos Alvito, sobre a favela carioca de Acari. Alvito demonstra que a pretendida favela de Acari não existe, mas sim, existe um complexo formado por várias localidades constituídas por uma racionalidade própria, com códigos de honra próprios, como se formassem vários mundos distintos: “se tomássemos qualquer uma das mais de 600 favelas existentes no

⁸ ROLNIK, Raquel. História Urbana: História na Cidade? In: *Cidade & Cidades: Modernização das Cidades Brasileiras nos séculos XIX e XX*. Ana Fernandes e Marco Aurélio A. de F. Gomes (org.) UFBA/Arquitetura. p.28 Raquel Rolnik é diretora de planejamento da SEMPLA e doutoranda em História Urbana na New York University.

município do Rio de Janeiro, encontraríamos em cada uma delas um arranjo original e único de níveis diferenciados e imbricados”⁹

Contudo, a proposta de estudo da reinvenção do espaço urbano por sujeitos marginalizados frente à história tradicional, inevitavelmente nos remete a alguns questionamentos acerca das fontes a serem utilizadas ou dos documentos a serem privilegiados, como bem pontua Schmitt: “Cada vez que a história se orienta para novos “territórios”, ressurge a mesma questão: existem documentos específicos que permitam responder às novas problemáticas? No caso presente, a pergunta é mais árdua ainda: como ouvir a voz dos marginais do passado, quando, por definição, ela foi sistematicamente abafada pelos detentores do poder, que falavam dos marginais, mas não os deixavam falar.”¹⁰

Neste sentido a renovação dos métodos de investigação às vezes permite os melhores resultados, como é o caso da utilização do método de História Oral que visa a produção de sua própria fonte documental. O testemunho oral viabiliza o esclarecimento de trajetórias individuais, histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, ou seja, história dos excluídos. Por dar atenção aos excluídos da história, à história do cotidiano e da vida privada, por visar a história local e enraizada e por ter a história do tempo presente como perspectiva temporal por excelência, a história oral parece atender bem ao propósito desta pesquisa.

Nesta pesquisa a abordagem da história oral não visa aceitá-la como uma nova história e tão pouco como uma mera técnica, mas sim assumi-la como uma metodologia possível. Desta forma, compartilhando da perspectiva de Amado e Ferreira, a história oral como metodologia estabelece e ordena procedimentos de trabalho, funcionando como ponte entre teoria e prática: “Na área teórica a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. As soluções devem ser buscadas onde sempre estiveram: na boa e antiga teoria da história. Aí se agrupam conceitos capazes de pensar abstratamente os problemas metodológicos gerados pelo fazer histórico.”¹¹

⁹ SOUZA, Marcos Alvito Pereira de. *As Cores de Acari: Uma Favela Carioca*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 74.

¹⁰ SCHMITT, Jean Claude. A História dos Marginais. In: *A História Nova*. Jacques Le Goff (org.). 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 284.

¹¹ AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e Abusos da História Oral*. 5ª ed. – Rio de Janeiro: editora FGV, 2002. p.03.

Contudo, o método de história oral sofre algumas variações dependendo da maneira como o encaramos e o aplicamos. A aplicabilidade de tal método torna-se um fator fundamental a ser discutido, pois o “mau uso e os abusos” cometidos em sua utilização podem até mesmo invalidar a pesquisa em termos de conceituação científica. Neste sentido os apontamentos de Perelmutter nos chamam a atenção: “Um fator que vulnerabiliza a história oral e ‘agride’ os princípios científicos clássicos é o fato de apoiar-se na memória individual. Ainda que a memória esteja moldada de diversas formas pelo meio social o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais.”¹²

A história oral hoje está passando por um momento de maior maturidade em relação a um primeiro momento no qual se pretendeu dar aval a uma história portadora da verdade. Em sua maturidade a história oral empreende a investigação das memórias tendo que enfrentar necessariamente a questão da subjetividade. Porém, a análise da subjetividade nos impõe uma variável a cerca da investigação, ou seja, ainda que este manancial de experiências não contemplado pelas fontes tradicionais encontrem na história oral um forte aliado, dependem de um fator que lhe é exógeno: a continência e o desejo por parte daquele que se posiciona no lugar da escuta, assim como nos afirma Perelmutter: “O simples convite a prestar um depoimento pessoal não garante a abertura de comportas da represa subjetiva”.¹³

A postura do entrevistador neste ponto se torna determinante. É necessário a intervenção silenciosa ou pronunciada do entrevistador no sentido de estimular o entrevistado a romper o automatismo de seu repertório de experiências.

Neste sentido, a história oral é encarada aqui como uma experiência analítica na qual se pressupõe a “escuta do movimento”, ou seja, as formas que o corpo encontra para se expressar, o tipo de resposta perante o interlocutor, as variações corporais em relação aos conteúdos narrados, a afinidade entre o ritmo do corpo e o da narrativa. Todas estas são informações objetivas e observáveis no documento de história oral e que passam a contribuir para a compreensão da problemática subjetiva em cheque em uma determinada existência.

Todas as etapas de produção (definição do problema a ser investigado, pesquisa sobre o tema, seleção dos entrevistados, elaboração do roteiro, produção e realização de pré-entrevistas, condução e transcrição do depoimento e análise do material colhido) permite-nos a

¹² PERELMUTTER, Daisy. *A História Oral e a Trama Sensível da Subjetividade*. Dissertação de Mestrado, Psicologia Clínica, PUC/SP, 1997. p. 23.

¹³ Idem. p. 29.

comparação entre os depoimentos estabelecendo traços de singularidade e universalidade. Por sua vez, tais comparações, permitem-nos estabelecer mais claramente a experiência de vida dos sujeitos entrevistados, contribuindo, desta forma, para a compreensão de suas territorialidades no espaço urbano e os valores elaborados ou reelaborados em suas trajetórias de vida.

A partir deste entendimento e ciente da complexidade própria da constituição de qualquer fonte oral, parti para o trabalho de campo. A princípio, apenas com o diário de campo em mãos para registrar as primeiras impressões e informações colhidas no contato inicial, durante as pré-entrevistas.

Permaneci em Marechal Cândido Rondon até fevereiro de 2006, período, no qual, realizei um total de doze entrevistas, adotando como principal critério de seleção a audição de adictos que moram atualmente em Rondon sem, necessariamente, levar em conta os lugares de origem ou o momento em que se estabeleceram no município. Com isso, o conjunto de entrevistados pode contar com adictos naturais de Rondon e outros que vieram de localidades diferenciadas e, até mesmo, recém estabelecidos. Além desse critério, estabeleci como regra geral não priorizar adictos de um mesmo grupo, ou que possuíssem a mesma faixa etária, ou ainda, que fossem moradores de um mesmo bairro.

Essa estratégia, adotada com a intenção de contemplar a heterogeneidade característica da cidade e, de outra maneira, evitar a homogeneização reforçada pela imposição da identidade germânica, permitiu a composição de relatos diversificados, constituídos a partir de lugares e pontos de vistas diferenciados, mas que, no conjunto, forneceram pontos de convergência fundamentais para a compreensão de seus estilos de vida.

De outra maneira, sempre consciente de que uma escolha nunca é passível de neutralidade, a diversidade buscada foi qualificadora dos sujeitos que compuseram o repertório de entrevistados, em suas mais diferentes estratégias de luta e em seus modos diversificados de vida.

Outra questão importante a ser considerada é a que se refere ao meu envolvimento com o núcleo inicial de entrevistados e a composição das entrevistas que se depreenderam a partir daí. Desde o início, não me preocupei em organizar um arranjo dos sujeitos que entrevistaria. Busquei, de outra forma, estabelecer um núcleo inicial de entrevistados que eu já conhecia, devido as atividades com a chácara de recuperação. A partir daí, fiquei atento as

indicações fornecidas pelos próprios entrevistados, para assim constituir o conjunto de relatos. Este procedimento foi tanto importante quanto necessário, visto que, evita as tradicionais indicações de pessoas lúdimas para falar e devido a dificuldade de construir uma relação de confiança com depoentes desconhecidos dado a ilegalidade de suas práticas.

Desta forma, a trama de entrevistados foi composta ao mesmo tempo em que estes foram lapidando minha problemática. Assim, procurei atar o conjunto de entrevistas, por meio de um método inspirado no fazer “etnográfico”, valendo-se da observação, da descrição e da interpretação, o que permitiu uma leitura diferenciada sobre as formas de sociabilidade em que o uso das drogas está pressuposto, assim como bem pontua Magnani:

O que caracteriza o fazer etnográfico no contexto da cidade é o duplo movimento de mergulhar no particular para depois emergir e estabelecer comparações com outras experiências e estilos de vida – semelhantes, diferentes, complementares, conflitantes – no âmbito das instituições urbanas, marcadas por processos que transcendem os níveis local e nacional.¹⁴

Em função desta motivação, sempre que possível procurei articular os relatos com outros referenciais apontados em entrevistas já concedidas, enquanto que, o diário de campo contribuiu, em muitos momentos, com informações não aquilatadas através das entrevistas gravadas. Embora eu tenha elaborado um roteiro, as entrevistas mantiveram seu caráter particular, pois não utilizei o roteiro de forma sistemática. Este serviu apenas como norte para os questionamentos, que tomaram caminho nas próprias narrativas.

Cabe ressaltar ainda alguns entressaltos que aconteceram no decorrer da atividade de campo. Uma perspectiva claramente otimista de início, desfez-se ao longo do trabalho. Embora ciente da dificuldade de conquistar a confiança dos adictos, para que concedessem entrevistas, dado a ilegalidade e a conseqüente discriminação características de suas práticas e também por lidar com histórias de vidas marcadas por recordações dolorosas, acreditava eu, que podendo contar com o intermédio de adictos já conhecidos, conquistaria com facilidade uma gama considerável de entrevistados. Ledo engano. Os adictos, em sua grande maioria,

¹⁴ MAGNANI, José Guilherme. Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole. in: *Na Metrópole*. São Paulo: Edusp. 1996. p.50.

desconfiam até mesmo de pessoas mais próximas. Assim, é que experimentei a difícil tarefa de construir uma relação de confiança com os entrevistados e, por vezes, fui até mesmo confundido com agentes da polícia.

De outra maneira, entre os usuários de drogas há uma classificação que pressupõe status e que diferencia o adicto “cabeça” do adicto “nóia”. O usuário “cabeça” é o que supostamente mantém o controle da situação de uso, é aquele que “não dá bandeira”, não se expõe e poucas pessoas sabem que ele é usuário. Já o usuário “nóia” é aquele que perdeu o controle da situação de uso e apresenta-se completamente vulnerável à droga. Seu vício predomina inclusive sobre as normas internas de comportamento do grupo com o qual faz o uso e sua transgressão expressa falta de consciência, marginalidade, loucura.

O autocontrole exigido e desejado remete não só ao conhecimento e à capacidade de seguir às normas de conduta do grupo com o qual se usa drogas, mas à capacidade em transitar deste para o da vida cotidiana, ou do lazer para o trabalho. Quando o indivíduo não realiza essa passagem de forma adequada, ele já não possui mais seu controle, assumindo então a categoria de “nóia”.

Entre todas as drogas, o crack, sem dúvida, é aquela que mais está associada à perda de autocontrole e, por conseguinte, à degradação do indivíduo e de seus laços sociais (com a família, com os amigos, com o trabalho e a vida cotidiana). Por outro lado, a maconha é a mais tolerada e utilizada. O crack ocupa a posição oposta no sistema de classificação, associado ao que causa maiores danos à saúde, ao vício, à perda de controle sobre a droga, à dependência, à miséria etc. Não há aspectos positivos no seu uso. O usuário de *crack* é mal visto, justamente pela perda de controle da situação de uso.

Assim, ser considerado “cabeça” traz prestígio e status internos. O “cabeça” é bem visto pelos demais. Contudo, ser “cabeça” pressupõe controle, discrição e anonimato. Foi esta noção presente entre os adictos que, em muitos momentos, me impediu de realizar várias entrevistas.

Contudo, mesmo contrariado em minha expectativa de conquistar vários entrevistados, sempre estive muito seguro quanto ao entendimento de que a investigação a que me propunha não se pautava por uma análise quantitativa, mas qualitativa dos relatos. Neste sentido, penso ter obtido êxito, pois tive acesso a relatos densos e esclarecedores que me

permitiram a construção de uma análise pertinente em função dos objetivos mais pontuais da pesquisa.

De outra maneira, não poderia deixar de citar o árduo trabalho de transcrição das entrevistas. De forma particular, o vocabulário utilizado pelos adictos, carregado de gírias, exigiram um sobre-folêgo para compor as 162 páginas sobre as quais empreenderia, posteriormente, a minha análise.

Além das entrevistas, pesquisei também os arquivos do jornal local *O Presente* e documentos oficiais nos arquivos da prefeitura municipal. *O Presente* é hoje um jornal de circulação regional, que conta com a produção de seis a sete mil exemplares diários. A publicação de suas matérias representa um referencial de grande pertinência quanto a reprodução do discurso da elite predominante, que por meio da afirmação e reafirmação, visa legitimar a imposição da identidade germânica local.

Tanto na abordagem dos documentos oficiais dos arquivos públicos, quanto no trato atribuído as matérias da imprensa escrita local, optou-se pela análise do discurso, como instrumento legítimo para examinar a ligação entre a linguagem apresentada e as representações, por vezes excludentes, da “ideologia predominante”. Neste sentido, Foucault nos lembra que há um campo de controle dos discursos através de procedimentos de exclusão, pelos quais a interdição, a rejeição e o sistema de verdadeiro e falso estabelecem quais pessoas e/ou discursos podem ser ouvidos, que palavras podem ser escutadas ou rejeitadas, enfim, qual é o discurso “verdadeiro”.

Para ser considerado legítimo, o discurso deve ser pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido, o que implica em uma “vontade de verdade”. Esta se liga à nossa “vontade de saber” e se apóia num suporte e distribuição institucionais, tendendo a exercer sobre os outros discursos uma pressão, como que uma espécie de coerção, “como se a própria palavra da lei não pudesse mais ser autorizada, em nossa sociedade, senão por um discurso de verdade”.¹⁵ Para Foucault, a postura adotada na análise do campo discursivo:

(...) trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites de forma mais justa, de estabelecer suas conexões com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui.¹⁶

¹⁵ FOUCAULT, M. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.1999. p.19.

¹⁶ FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.1997.p.31.

Da mesma forma, as formulações de Bourdieu sobre o “poder simbólico” são esclarecedoras no que concerne a imposição dos “discursos de verdades” pelas “vozes autorizadas”. A imposição do discurso legítimo, para o autor, refere-se a um ato de direito, que consiste em afirmar com autoridade, com força de lei, uma “verdade”. É um ato que, “por estar fundado, como qualquer poder simbólico, no reconhecimento, produz a existência do que se enuncia.”¹⁷

Essa grande autoridade do discurso provem, não das palavras utilizadas para compô-lo, mas, é um ato de “magia social” subordinado à confluência de um conjunto sistemático de condições interdependentes, que compõem os “rituais sociais”. Assim, o sujeito instituído de determinada função é também o porta-voz autorizado, é aquele que concentra o capital simbólico, acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador, ou seja, é uma delegação de autoridade àquele que se torna legítimo e legitimado para impor o discurso autorizado e o princípio de divisão legítima do mundo social.

Tendo em conta estas diretrizes gerais, o *primeiro capítulo*, “Prazer! eu sou Rondon”, visa apresentar a cidade de Marechal Cândido Rondon **simbolicamente construída**, com a intenção de situar o leitor quanto à produção e reprodução do **discurso de germanidade** em momentos históricos distintos, da história local. Para tanto, tornou-se necessário trazer para o debate as discussões a cerca do processo de **colonização dirigida**, sobre o qual se assentam os principais argumentos de justificação da imposição de uma identidade germânica para a cidade de Rondon.

De outra forma, apresenta-se também como tarefa do capítulo, dar ensejo a **problemática das alteridades** que se constituem a partir das prerrogativas de imposição da **identidade germânica** e, desta maneira, chamar a atenção para as relações de pertencimento e exclusão, que se produzem na tessitura do tecido social urbano.

O *segundo capítulo*, “Os contra sujeitos da contra cidade”, por sua vez, procura **caracterizar as representações** sobre o problema do abuso de drogas e as maneiras pelas quais os adictos são encarados **no discurso hegemônico** da sociedade em questão.

¹⁷ BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Lisboa: Difel. 1989. p. 114.

Igualmente, como veremos, postula por meio de tal discurso a caracterização de um “tipo ideal” vinculado a identidade germânica.

Os valores e práticas atribuídas ao “tipo ideal” germânico são, por vezes, conflitantes com os estilos de vida próprios dos adictos. Deste estranhamento, resulta uma visão, por parte dos adictos, confusa de si mesmo a cerca da noção de pertencimento a sociedade rondonense. Embora, sendo situados à margem da sociedade, pela lei e pelas prerrogativas do discurso hegemônico, percebem-se simultaneamente enquanto parte integrante e excluída da sociedade a qual pertencem.

O *terceiro e último capítulo*, “A reinvenção da praça”, tem por objetivo contemplar diretamente o objetivo geral da pesquisa, pois possibilita analisar as práticas dos usuários de drogas através **da reinvenção do espaço da cidade**, na medida em que a praça central Willy Barth é transformada em **território da drogadicção**.

Desta forma, justamente num espaço de extrema evidência para a sociedade rondonense, não somente pela sua localização geográfica, situado no “coração da cidade”, mas, igualmente, pela importância do simbolismo que representa, constituem-se, por meio de uma prática ilegal, sociabilidades diferenciadas. Os valores, práticas, estilos de vida dos adictos, apontam para uma outra cidade, diferente daquela germanicamente idealizada. A rigor, suas sociabilidades estabelecidas em plena praça central, denunciam aquilo que a cidade é em sua essência: multiplicidade, ambigüidade, heterogeneidade.

De maneira geral, o trabalho como um todo foi orientado pela perspectiva da história cultural, conforme a definição proposta pelo historiador francês Roger Chartier,¹⁸ quando afirma que história cultural pode ser definida como uma história das representações, isto é, a história da maneira como os indivíduos e a sociedade concebem (representam) a realidade e de como essa concepção orienta suas práticas sociais.

Segundo Chartier, no método da história cultural se dá a substituição da tradicional história social da cultura, que privilegia as chamadas estruturas econômicas e sociais na análise da produção material e cultural das civilizações, por uma história cultural do social, que ao contrário considera o imaginário social como a fonte das ações individuais e coletivas, materiais e culturais.

¹⁸ CHARTIER, Roger. O mundo como representação e a história entre narrativa e conhecimento. in: _____. *A beira da falésia, a história entre a certeza e inquietude*. Porto Alegre: EUFRGS. 2002. p. 78.

Essa verdadeira ruptura metodológica no estudo da história implica igualmente a redefinição do próprio conceito de cultura: esse conceito não se limita mais à chamada cultura intelectual e artística, mas passa a englobar toda a produção social, no sentido preciso de que tudo é cultural, isto é, de que toda prática individual ou coletiva tem uma matriz cultural e só pode ser compreendida como produto de uma determinada representação do mundo.

I CAPÍTULO: Prazer! Eu sou Rondon.

Narrar a cidade contemporânea é se propor a experiência de alcançar mil lugares sem chegar a ponto algum. Isso se deve ao fato de que a cidade está em toda a parte e não está plenamente em parte alguma. O movimento, a fluidez, a heterogeneidade e as contradições urbanas fazem da cidade uma complexa arquitetura de territórios muitas vezes efêmeros e sobrepostos. No emaranhado urbano, identidades se formam e se diluem obedecendo a mesma velocidade atordoante com que se dissolvem suas fronteiras.

A cidade, no singular, só se deixa abarcar por uma descrição quando consideramos apenas o modelo esterelizante da representação identitária hegemônica. Os representantes “oficiais” da cidade, através de seus mecanismos de elaboração e reelaboração simbólica, procuram impor a urbe uma imagem ordenada, por meio de uma identidade estanque.

Marechal Cândido Rondon, situada no oeste paranaense, é uma cidade consideravelmente pequena, inscrita dentro dos limites do território do Brasil. Um país que ressalta, em versos e prosas, a miscigenação característica de seu povo. Porém, contraditoriamente, desde o processo de colonização Rondon foi pensada para ser uma colônia de alemães. Em Rondon, o processo oficial de produção e reprodução da cidade chega a constituir-se em uma verdadeira violência simbólica.

Os sujeitos excluídos da “produção oficial” da cidade, mesmo submersos em áreas de sombras do modelo urbano hegemônico, procuram produzir outras estratégias de sociabilidade que põem em cheque a pretendida estabilidade da sociedade homogênea e ordenada. A cidade “germânica” é, na verdade, a cidade de vários tipos urbanos que circulam com diferentes interesses de convivência e de participação social. Neste movimento, inscrevem-se também os sujeitos adictos rondonenses.

Para compreendermos a elaboração desta cidade simbólica torna-se, no entanto, de fundamental importância, compreendermos igualmente, as maneiras pelas quais se desenvolveu o processo de colonização. As principais justificativas, tanto para a elaboração de um discurso de germanidade, quanto para a construção de uma “cidade germânica”, partem justamente do processo de colonização, destacando-se, sobretudo, a atuação da MARIPÁ enquanto empresa colonizadora.

1.1. O processo de colonização e a MARIPÁ.

A região Oeste do Paraná sofreu sucessivas ondas migratórias. A primeira, e mais expansiva delas, ocorreu entre os anos de 1950 e 1960, sob o influxo da ocupação empreendida pela Companhia Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A – MARIPÁ. Antes da colonizadora, porém, convém lembrar que a ocupação da região como fronteira brasileira é datada do início do século XX, por meio de empresas estrangeiras que utilizavam os portos de navegação às margens do rio Paraná. Até esse período o território geográfico que contemplava o oeste paranaense era de domínio espanhol, marcado sobretudo pelo extrativismo de domínio estrangeiro, praticado pela Companhia de Madeiras Del Alto Paraná.

Conforme Maccari,¹⁹ trata-se de uma empresa inglesa com sede em Buenos Aires, que adquiriu a área de terras denominada Fazenda Britânia, com aproximadamente duzentos e setenta e cinco mil hectares, que atualmente corresponde aos municípios de Marechal Cândido Rondon, Entre Rios do Oeste, Quatro Pontes, Nova Santa Rosa, Toledo e parte de Palotina.

Outras considerações relevantes, no período que antecede a colonização, tratam da passagem da Coluna Prestes pela região, por volta da década de 1920. Na historiografia regional, a atuação dos revolucionários da Coluna é abordada como uma das causas da desintegração da estrutura social e produtiva da obra. Acerca deste evento, a nomeação por Arthur Bernardes do general Cândido Mariano da Silva Rondon, como comandante das tropas legalistas que empreenderam a perseguição à Coluna Prestes, solidifica-se na atribuição do nome de General Rondon ao, até então, distrito de Toledo, antes de 1960. Posteriormente, a cidade de Rondon herdou o nome derivado da mudança da patente militar, de General para Marechal Cândido Rondon.

A colonização do Oeste do Paraná, apresenta-se como um tema privilegiado da produção acadêmica local e regional. Existe um número bastante expressivo de trabalhos que se debruçam sobre o estudo da colonização. Destes, merece destaque o estudo de Clárcio Ivan Schneider (Os senhores da terra: produção de consensos na fronteira - oeste do Paraná, 1946-1960). Schneider atenta para o que denominou “produção de consensos”, desta maneira contribui com uma crítica de grande relevância para se pensar a problemática da colonização da referida região. Igualmente evidencia-se a dissertação de Neiva Salete Maccari (Migração e

¹⁹ MACCARI, Neiva Salete. *Migração e memórias: a colonização do oeste paranaense*. Curitiba, UFPR, Dissertação (Mestrado em História), 1999, p.30.

memórias: a colonização do oeste paranaense) e a tese de Valdir Gregory (*Os euro-brasileiros e o espaço colonial: a dinâmica da colonização do oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970*), por expressarem com maior evidência uma preocupação com a constituição do “espaço colonial” a partir do planejamento perpetrado pela MARIPÁ.

De forma consensual, estes estudos sobre a ocupação da região, privilegiam a atuação da MARIPÁ como empresa responsável pela organização, planejamento e execução do projeto de colonização. Os estudiosos acentuam sobremaneira a força hegemônica da empresa colonizadora, tanto no que se refere aos meandros do processo de ocupação, quanto na definição dos traços atuais das comunidades regionais. Para Maccari, “não é possível falar da colonização de Marechal Cândido Rondon sem mencionar a empresa colonizadora, o mesmo pode ser dito quando abordamos a empresa colonizadora, ou seja, não é possível deixar de mencionar a pessoa de Willy Barth.”²⁰

Conforme esta perspectiva, que focaliza sua atenção no papel desempenhado pela MARIPÁ, o ponto inicial da ocupação planejada e executada por empresa privada, estaria demarcado pelo ato de compra da Fazenda Britânia, no ano de 1946, pela colonizadora. Outro ponto relevante, é a igualmente sobrevalorização do Estado e dos governos como os sujeitos históricos protagonistas da ocupação do oeste paranaense. Para estes, importava a nacionalização da fronteira brasileira defendida durante o Estado Novo, através da Marcha para Oeste e da posterior ocupação do território através da colonização. Desta maneira, o território antes em mãos estrangeiras, passaria a fazer parte do território nacional de forma mais efetiva, por meio da ocupação do espaço através da colonização.

Por este viés interpretativo, o projeto de colonização da MARIPÁ se apresenta em relação de conformidade com os projetos mais amplos dos governos federal e estadual. O projeto nacional de colonização para a fronteira ancorava-se na predominância do minifundio familiar, ou seja, um espaço projetado e estabelecido a partir da estruturação da pequena propriedade da terra, preenchida por migrantes e descendentes de origem européia. Na expressão de Gregory, “uma colonização empreendida pelas iniciativas de governos e de empresas colonizadoras, organizadas no sentido de implantar a pequena propriedade, buscando estabelecer colônias habitadas por colonos euro-brasileiros.”²¹

²⁰ Idem, p.66.

²¹ GREGORY, Valdir. *Os euro-brasileiros e o espaço colonial: a dinâmica da colonização do oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970*. Niterói, UFF, Tese (Doutorado em História), 1997, p.325.

Conforme Gregory, este modelo de colonização tornou-se efetivo graças a experiência da MARIPÁ e ao intervencionismo do estado. A empresa colonizadora já possuía experiência com a implantação de colônias de imigrantes, nos mesmos moldes das colônias implantadas no século XIX, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Este se tornou o modelo ideal de colonização, nas prerrogativas do estado, para o oeste paranaense. Desta maneira, para o autor, o estado estabeleceu políticas efetivas de ocupação do território, de forma particular na definição do perfil de sua população, influenciando na seleção dos colonos atraídos para habitar o espaço designado.

Assim, a colonização do Oeste do Paraná não se dá de forma espontânea, mas ocorre sobre o controle institucional. O próprio plano de ação da MARIPÁ evidencia com clareza tais prerrogativas. Entre as regras adotadas pelo plano da colonizadora estavam aquelas que definiam a “escolha de certos elementos humanos para povoar a região até então denominada Fazenda Britânia e a divisão das terras em pequenas propriedades com a finalidade de tornar proprietário todo o agricultor que viesse para a Fazenda Britânia.”²²

Desta maneira, a atividade desenvolvida pela empresa privada de colonização tinha o seu respaldo nos órgãos oficiais de governo que, por sua vez, enxergavam em tudo isso uma oportunidade de povoamento das fronteiras, de modo a favorecer uma colonização dirigida da futura Marechal Cândido Rondon, ou seja, “uma colonização voltada para um agrupamento de colonos segundo a religião e mesmo segundo uma certa procedência étnica, no caso a germânica.”²³

Segundo Wachowicz²⁴, no decorrer dos primeiros anos de atividade da MARIPÁ os colonos que chegavam, em sua grande maioria, eram católicos, tanto de origem alemã quanto de origem italiana, provenientes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Porém, com a ascensão de um grupo de alemães à chefia da colonizadora, liderada por Willy Barth, o contingente de origem alemã luterana foi se tornando superior. Para o autor, a política desenvolvida por Willy Barth enquanto líder da MARIPÁ, referente a escolha do elemento humano, possuía na verdade um intuito de homogeneizar culturalmente o lugar. Neste sentido, a colonização do Oeste do Paraná, apresentava-se como uma oportunidade de preservação da

²² SAATKAMP, Venilda. *Desafios, lutas e conquistas, história de Marechal Cândido Rondon*. Cascavel: Assoeste, 1986, p.42.

²³ WACHOWICZ, Rui Cristóvan. *Obrageros, Mensus e Colonos: História do Oeste Paranaense*. Curitiba: Vicentina, 1987, p.160.

²⁴ idem. p.179.

cultura e tradição germânica, por meio da aglutinação de pessoas que possuíam uma mesma origem étnica e cultuassem os mesmos valores espirituais. Este ideal, assenta-se numa argumentação em favor da busca pelo convívio pacífico e pelo rápido desenvolvimento das localidades recém colonizadas.

É importante notar, que o projeto de colonização firmou entre os migrantes, no Extremo Oeste do Paraná, a identidade de colonos, possibilitando que estes fossem denominados e reconhecidos pelo seu caráter pioneiro. Conforme Seyferth, o termo colono designa habitantes da zona rural dedicados ao trabalho agrícola, mesmo que esta não seja sua única ocupação. O pequeno proprietário é identificado pela palavra *Kolonist* (colono) e não pelo termo *Bauer* (camponês), demonstrando que “os imigrantes e seus descendentes adotaram, como definidora de sua identidade social, uma categoria classificatória que lhes foi atribuída pela administração colonial”.²⁵ O estado denominava colonos todos os que eram contemplados com terras em áreas destinadas à colonização. Ainda hoje os trabalhadores rurais em Marechal C. Rondon são identificados como colonos, sendo que o sotaque alemão e as vestimentas que costumam utilizar ajudam a reforçar tal identidade.

Deste reconhecimento consensual, que reforça sobremaneira a importância da atuação da MARIPÁ, derivam os discursos que reconhecem e exaltam o “pioneirismo” e a “germanidade” da população rondonense. Contudo, Schneider faz uma ressalva relevante. O autor, afirma que esta importância atribuída à colonizadora, como a grande protagonista de um programa racional de colonização, se deve ao fato “de a retórica construída pela MARIPÁ, em torno de seu empreendimento colonizador, permanecer fortemente disseminada nas cidades onde exerceu sua influência [...] o que torna a empresa objeto de uma crença arraigada.”²⁶ Desta maneira, os documentos divulgados pela MARIPÁ, foram os responsáveis por solidificar certas caracterizações e imagens do oeste paranaense, posteriormente retomadas por publicações acadêmicas que assumem uma postura acrítica e reforçam as elaborações produzidas pela própria empresa colonizadora.

Neste mesmo sentido, Laverdi igualmente tece uma crítica aos estudos existentes sobre a colonização do Oeste do Paraná. Para o autor, na produção historiográfica sobre a

²⁵ SEYFERT, Giralda. *As contradições da liberdade: análise de representações sobre a identidade camponesa*. in: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. ANPOCS, nº18, v.7, fevereiro de 1992. p.80.

²⁶ SCHNEIDER, Cláercio Ivan. *Os senhores da terra: produção de consensos na fronteira (oeste do Paraná, 1946-1960)*. Curitiba, UFPR, Dissertação (Mestrado em História), 2001, p.02.

região, a mitificação do passado foi instalada de diversas formas, “ora entrecortando interesses políticos sobre o futuro, ora atribuindo sentidos fluidos aos conflitos vividos no presente.”²⁷ Desta maneira, a tensão existente no espaço da memória social articula lembranças selecionadas e mobilizam verdadeiros projetos de resignificação do passado. Neste movimento, as interpretações do passado colonial recorrem a recordação do “tempo de antes”, uma espécie de passado feliz, como pilar de sustentação de suas elaborações.

No entanto, justamente valendo-se da mistificação do passado, sedimenta-se, em torno da cidade de Rondon, o discurso fundador do germanismo rondonense. A afirmação simbólica do município se processa por meio de um projeto de germanização, justificado pelo passado colonial que originalmente contribui com os elementos essenciais de tal discurso. Prova disso é a facilidade com que encontramos em matérias jornalísticas, ou até mesmo, em depoimentos que apresentam questões relativas ao município, referências que recorrem ao passado colonial para conferir autenticidade ao simbolismo germânico de Rondon:

Colonizada essencialmente por imigrantes alemães a partir da década de 50, vindos em sua grande maioria do Rio Grande do Sul, Marechal Cândido Rondon é hoje um reflexo do germânico para toda a região Oeste.²⁸

Ou ainda:

E como é que você encara essa questão da germanização do município?

Eu acho que tá muito ligado também a como foi colonizado né. Eu acho que a coisa começou, por já fazer bastante tempo, quando começou a colonização, a coisa ter sido bem, ter tido aquela seleção rígida mesmo. Só os germânicos.²⁹

A rigor, o discurso da germanidade sustentado pelo passado colonial comum é produzido e reproduzido, manifestando-se de forma concreta na elaboração simbólica de Rondon. A produção de consensos, neste sentido, não se restringe às interpretações do passado

²⁷ LAVERDI, Robson. *Tempos diversos, vidas entrelaçadas*: trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo oeste do Paraná. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005, p. 43.

²⁸ ESTILO GERMÂNICO: a marca registrada de Marechal Rondon. *O Presente*, Marechal C. Rondon, n° 346, p.35, jul.1998.

²⁹ TATOO. *Transcrição de entrevistas/acervo pessoal*. Marechal Cândido Rodon, 27 mar. 2006, p.149. Obs: todos os entrevistados vinculados, de uma forma ou de outra, a prática da adicção, serão identificados no decorrer do trabalho por pseudônimos. Esta medida é necessária no sentido de procurar resguardar a integridade física e moral dos entrevistados.

colonial, mas tem implicações diretas em ações no presente com o intuito de firmar, alimentar e reafirmar uma identidade comum.

Contudo, a vila de Toledo, precisava tornar-se município para efetivar o domínio, sobre o qual, se construiria as bases do desenvolvimento local. Posteriormente, as elites dirigentes retomam a retórica da colonização. A preocupação evidente, era firmar definitivamente o “referencial diferenciador” que supostamente viria a contribuir para alavancar o desenvolvimento do mais novo município: a criação da identidade germânica.

1.2 Da vila General Rondon a emancipação.

Antes de se tornar município, Marechal Cândido Rondon foi distrito de Toledo, conhecido como vila General Rondon. No entanto, em 1960, o filho de um ex-diretor da Maripá, eleito deputado estadual na condição de presidente da Assembléia Legislativa, elaborou um projeto de lei que objetivou a criação de vários municípios no Oeste do Paraná, entre eles o município de Marechal Cândido Rondon. O projeto do deputado Luis Dalcanalle Filho originou a Lei 4.245 que determinou a emancipação de vários distritos. Esta Lei, coincidentemente ou não, foi sancionada pelo governador Moisés Lupion, no dia 25 de julho de 1960.

Curiosamente, conforme Speck,³⁰ a data de 25 de julho é o marco do início da imigração alemã para o Brasil no ano de 1824, com a fundação da Colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, para onde foram direcionados os principais projetos de colonização, principalmente com colonos oriundos dos estados alemães. Desta maneira, a data de 25 de julho, para além de ser apenas a data de emancipação de vários distritos do Oeste do Paraná, é assumida, em Marechal Cândido Rondon, como um importante símbolo que integra a imaginária urbana.

A referida data, através do Decreto nº 083/73,³¹ foi transformada em feriado municipal em homenagem à emancipação do município, da mesma forma como ocorreu em

³⁰ SPECK, Lori Spitzer. *A Cidade e a Praça: Memória e política em Marechal Cândido Rondon*. Niterói: UFF. Dissertação (Mestrado em História), 2002, p 39.

³¹ Decreto nº 083/73, de 24 de julho de 1973. *Legislação Municipal: leis decretos e portarias (arquivos de 1961)* p.98.

outros municípios da região Oeste, nos quais, igualmente é feriado para as cidades desmembradas na mesma data. No entanto, em Rondon, a data de 25 de julho possui uma conotação mais acentuada do que nos demais municípios que aniversariam simultaneamente. Desde 1961, pelo Decreto nº 06/61,³² esta mesma data é consagrada, pela legislação municipal, a comemoração do Dia do Colono, com todas as implicâncias que a conotação deste conceito possui, regionalmente falando.³³ Evidentemente, desta maneira, a data de comemoração de emancipação municipal também acaba por nos remeter a lembrança do processo de colonização, conforme a versão consagrada nas narrativas oficiais, já exposta anteriormente e que é reforçada sobremaneira nos desfiles que inauguram a festa municipal. Os primeiros desfiles que aconteceram, tinham como tema central, justamente a imagem do colono, como veremos mais adiante.

Outra forma de “imortalização” da data citada, foi a inauguração da nova sede da prefeitura no dia 25 de julho de 1979, que recebe justamente o nome de Paço Municipal 25 de julho. Posteriormente, o marco é reforçado nomeando praça, escola e até mesmo um centro de escotismo.

Criado então o município, o governador Moisés Lupion tratou da instalação oficial de Rondon, ocasião em que nomeou Ari Branco da Rosa para o cargo de prefeito interino³⁴. Rosa era o atual delegado de polícia de Marechal C. Rondon, transferido de Toledo desde 1955. A administração de Rosa não chegou ao fim. Questões relativas a política estadual o impediram de concluir seu mandato.

Em 1961, assumiu o governador eleito Ney Braga que decretou, como uma de suas primeiras realizações políticas, a exoneração dos prefeitos nomeados pelo governo anterior e a determinação de submissão dos municípios desmembrados à administração dos municípios dos quais faziam parte antes do desmembramento.³⁵ Desta maneira, de janeiro a dezembro de 1961, o município de Rondon voltou a ser oficialmente dirigido pela administração política de Toledo, até a realização do primeiro processo eleitoral local.

Em outubro de 1961, ocorreu a primeira eleição em Marechal C. Rondon. Arlindo Lamb, antigo morador da vila General Rondon e ex-vereador presidente do legislativo de

³² Decreto nº 06/61, de 28 de dezembro de 1961. *Legislação Municipal: leis decretos e portarias* (arquivos de 1961) p.107.

³³ Sobre a conotação que o conceito de “colono” assume na região, ver p. 05.

³⁴ Decreto nº 31.337/60 de 5 de agosto de 1960 – Estado do Paraná, gestão Moisés Lupion.

³⁵ Lei Estadual nº 4.338/61 de 25 de janeiro de 1961 – Estado do Paraná, gestão Ney Braga.

Toledo (gestão 1957/1958), venceu as eleições com uma certa facilidade. Apoiado por Willy Barth, alcançou 2400 votos contra apenas 700 votos de seu adversário. Por ocasião da vitória, Barth doou para o município as antigas instalações, nas quais, se localizava o escritório da MARIPÁ e que foram utilizadas, naquele momento, para a implantação da prefeitura municipal. Lamb permaneceu como chefe do executivo municipal até dezembro de 1965.

Contudo, as marcas mais evidentes da construção simbólica de Marechal Cândido Rondon, visando a afirmação da identidade germânica, se iniciam no decorrer do mandato de Ilmar Priesnitz (1985-1989), com a elaboração do projeto de germanização e a realização da primeira *Oktoberfest*, como veremos logo adiante.

1.3 A afirmação simbólica do município.

Basta circular pelas ruas de Marechal C. Rondon com um olhar mais atento, ou talvez não tão atento assim, para perceber que a cidade é extremamente simbólica. Um simbolismo que retoma a narrativa da colonização e do pioneirismo para firmar definitivamente, em pilastras de concreto e monumentos cimentados, a pretendida germanidade. No entanto, os símbolos externos que possuem também a intenção de subjetivar imagens e arraigar crenças não conseguem exorcizar a diversidade social característica de sua população.

A respeito da afirmação simbólica do município, não é possível estabelecer um único momento histórico para caracterizá-la. É um movimento iniciado pelas determinações da colonização oficial da região que, por sua vez, foi retomado e reforçado pelo poder público em momentos distintos da história de Rondon.

É possível, tomar como primeiro indicio desta construção simbólica, a data de 25 de julho. Esta data, como vimos anteriormente, foi primeiramente instituída em 1961 para comemorar o dia do colono, e posteriormente reafirmada em 1973 como o dia de comemoração da emancipação municipal.

A rigor, a instalação oficial do município se deu em 2 de dezembro de 1960, com a cerimônia de posse do primeiro prefeito eleito, Arlindo Alberto Lamb. Este evento, porém, não alcançou notoriedade e permanece desconhecido da maior parte da população local.

A partir de 1973, 25 de julho, como marco da emancipação municipal, passou a ser igualmente a data oficial de comemoração do aniversário municipal. Assim, a memória do processo oficial de colonização é evocada justamente na data em que o município aniversaria, como meio de relembrar a “matriz originária” da cidade constituída, conforme este discurso, principalmente por descendentes de alemães.

Da mesma forma, a festa de aniversário do município, em boa medida, organiza-se em função da afirmação do simbolismo germânico em Rondon. A festa é bastante difundida na região, conhecida também como *festa nacional do boi no rolete*. A cada ano, diversas firmas do município se comprometem em assar um boi inteiro, em número correspondente a idade do município.

Ao propagar a realização do evento festivo, por ocasião do aniversário municipal, o poder público ostenta em folders e propagandas jornalísticas, o título de “cidade mais germânica do Paraná”.

Este integrante não possui “pele clara” e nem “olhos azuis”. Em Rondon mais do que a aparência física a postura que se assume frente a prática hegemônica cultural é definidora das relações de pertencimento/segregação. Questão abordada no item 1.6 do presente capítulo.



Os trajes típicos da cultura alemã e a escolha do portal municipal como pano de fundo, denunciam a intencionalidade da fotografia de reforçar a identidade germânica por ocasião do aniversário municipal.

Marechal Cândido Rondon é a cidade mais germânica do Paraná: cultura valorizada

Fig. 01 – Foto utilizada em uma das divulgações da festa municipal. Integrantes do grupo folclórico local, tipicamente trajados, pousam em frente ao portal municipal – Fonte: Foto originalmente publicada no Jornal O Paraná, edição especial de 14 de maio de 2006 p. 31.

Também o desfile que acontece no decorrer do evento serve para reforçar a idéia de população tipicamente germânica. O desfile possui uma intenção pedagógica de mostrar o que a cidade representa, sendo bastante comum encontrar elementos da cultura alemã tanto como pessoas vestidas com trajes alemães.

Em 1999, o jornal *O Presente* reforçou o título de “cidade mais germânica do Paraná”. A matéria, começa por afirmar, que as marcas deixadas pelo processo de

germanização rondonense, têm “enchido os olhos dos visitantes” que passam pela cidade. Segundo esta reportagem, os responsáveis pelo projeto de germanização são profissionais capacitados e preocupados com o futuro do município. “Graças a criatividade deles, Marechal Cândido Rondon pode dizer, de boca cheia, que é a cidade mais germânica do Paraná.”³⁶

A reportagem informa que tal título foi criado no mesmo instante da elaboração do projeto oficial de germanização de Rondon, conforme argumentos do próprio prefeito da época, já que “os objetivos da implantação da lei (de germanização), que foi simultânea à criação da Oktoberfest, era de dar personalidade a cidade, intitulando-a de ‘a cidade mais germânica do Paraná’ e atrair turistas.”³⁷

A rigor, o projeto oficial de germanização de Rondon partiu da Câmara Júnior³⁸ e foi encampada pelo poder público local. Vitor Giacobbo, na época senador da Câmara Junior, lembra que a inspiração do projeto foi buscada na cidade de Blumenau SC., onde já havia sido implementado um projeto semelhante. Em 1987, no decorrer da gestão do prefeito Ilmar Priesnitz, o projeto de lei foi criado e regulamentado³⁹, pelo executivo municipal. Trata-se de um projeto de isenção fiscal. Durante um período de dez anos, os proprietários que viessem a construir seus imóveis, tanto residenciais quanto comerciais, em estilo germânico (Enxaimel ou Casa dos Alpes), seriam isentos de impostos.

Como resultado direto do projeto de germanização, hoje se observa, principalmente na região central de Marechal C. Rondon, fachadas de empresas, edifícios públicos e casas particulares, construídas no estilo germânico, visando os benefícios do incentivo fiscal proposto pelo projeto de isenção:

³⁶ A CIDADE mais germânica do Paraná. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 404, p.48, set.1999.

³⁷ *idem*.

³⁸ A Câmara Júnior de Marechal Cândido Rondon – Pr., também chamada de AHK Junior, é uma associação sem fins lucrativos, ligada à Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha. Tem o intuito de reunir jovens empreendedores, entre 18 e 40 anos, para estimular o espírito de liderança, o crescimento pessoal e profissional de seus associados, bem como fomentar a melhoria da comunidade local. Por meio de eventos sociais, palestras, cursos de capacitação e grupos de trabalho, os associados da AHK Junior têm a oportunidade de fazer contatos, trocar experiências e idéias com outros membros, adquirindo novos conhecimentos e desenvolvendo suas habilidades como futuros líderes.

³⁹ Decreto 090/1987, de 22 de junho de 1987. Gestão de Ilmar Priesnitz. Prefeitura Municipal de Marechal C. Rondon.

Conforme a arquiteta Margarete Rheinheimer, projetista do portal municipal, a estilização germânica em Rondon se dá por meio de construções de prédios modernos com suas fachadas ornamentadas em estilo germânico. O estilo arquitetônico, dito enxaimel ou fachwerk, foi trazido pelos alemães e deriva de um estilo europeu desenvolvido no norte da Europa, entre os séculos XVI e XVIII, principalmente na Alemanha. Na época da imigração, já estava em desuso na Europa. A técnica do fachwerk é bastante simples. Consiste em construir as bases da casa com grandes toras de madeira que são todas encaixadas. Depois, preenche-se os espaços vazios com tijolos à vista ou estuque, uma mistura de barro, areia e folhas de



Em Rondon o que nos remete ao estilo enxaimel são os telhados e as ornamentações externas, como floreiras e madeiras enfiadas. Os telhados pontiagudos originalmente se desenvolveram por uma questão prática, evitar o acúmulo de neve.

Fig. 02 – Foto montagem, representando algumas construções adaptadas ao estilo germânico, atualmente presentes na região central do município de Marechal Cândido Rondon. Fonte: arquivo pessoal, 2007.

Em 1995, este mesmo projeto foi alvo de crítica de um advogado local. Moacir J. Colombo, protestando contra os altos valores cobrados pelo IPTU, afirma ser inconstitucional a isenção fiscal para construções em estilo germânico:

Desde já se deve advertir que esta lei municipal é inteiramente inconstitucional, pois causa discriminação e gera precedentes para aquele que não constrói no estilo germânico de não pagar, igualmente, no que tem toda a razão de não pagar, senão, teremos que aprovar leis municipais que isentem o estilo italiano, africano, asiático, etc. Só por causa que tem uma cobertura diferente, fica isento? Isto é ridículo. Suponhamos que toda a cidade resolva construir em estilo germânico ao mesmo tempo e se isente de pagar imposto, de onde virão as receitas?⁴⁰

Para além da contestação do caráter legal da lei de isenção fiscal é importante atentar para o fato de que a argumentação de Colombo remete-se a um questionamento da ordem instituída, que visa privilegiar uma única cultura em detrimento das outras. Este sentimento de discriminação, como pretende Colombo, é compartilhado em outros momentos por grande parte dos sujeitos entrevistados, influenciando diretamente no entendimento de pertencimento/exclusão que estes possuem em relação a própria cidade, como veremos mais adiante.

⁴⁰ IPTU – imposto para todos com usura. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 170, p.17, mar.1995.

Ainda em 1987, a administração Priesnitz criou, com a mesma intenção de reforçar a tradição alemã, a *Oktoberfest*, inspirando-se na festa que igualmente já acontecia em Blumenau, SC. A *Oktoberfest* tornou-se o maior símbolo germânico da cidade de Marechal C. Rondon, como veremos logo adiante.

Após os feitos da administração Priesnitz, a favor da germanização, em 1991, no decorrer da administração Dieter Seyboth (1989-1992), as lideranças municipais já planejavam a construção de um grande centro de eventos no estilo germânico, conforme noticiou uma reportagem do jornal *O Presente*:

O prefeito de Marechal Rondon Dieter Seyboth, reuniu no último dia 14 de novembro, diversos membros da comunidade rondonense, principalmente pessoas envolvidas com o comércio e indústria desta cidade, para a apresentação e discussão de um pavilhão de eventos em Marechal Rondon. Numa área construída, em torno de 6200 m², este pavilhão servirá (caso seja construído) para a realização de exposição de indústria e comércio na festa do município e também para a *Oktoberfest*.⁴¹

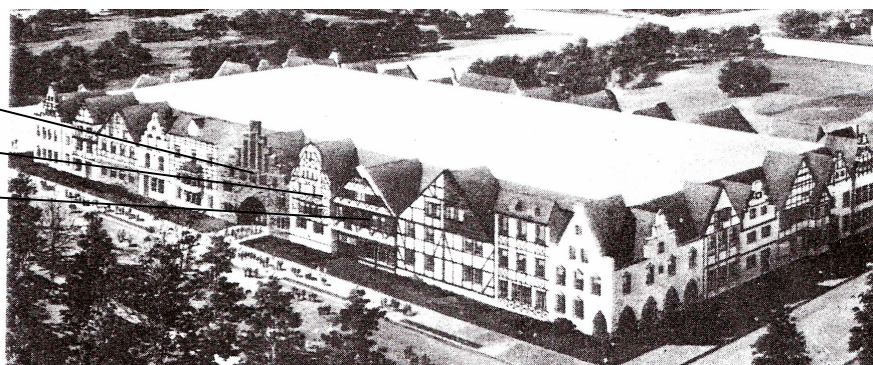
Naquele momento, não existia ainda um projeto formalizado para a construção do centro de eventos, era apenas uma reunião convocada pelo prefeito, com algumas lideranças municipais, com o intuito de discutir a viabilidade da idéia. No entanto, os detalhes internos, assim como a estética externa da construção, já estavam definidos. Como o portal da cidade ainda não existia, considerava-se o centro de eventos como o futuro cartão postal do município, pois a parte externa do pavilhão deveria ser “toda no estilo *enxaimel*, onde cada uma de suas fachadas representaria uma região da Alemanha.”

O prefeito Seyboth, não conseguiu implementar o projeto. Somente duas gestões posteriores é que o projeto de construção do centro de eventos foi oficialmente lançado. Contudo, no que se refere a edificações públicas com o intuito de reforçar a construção de uma identidade germânica para Marechal Cândido Rondon, o projeto *Rondon 2000* se destaca. Trata-se de um projeto elaborado e implementado durante a administração Ademir Bier (1993-1996), justificado principalmente pela modernização e qualidade de vida que viria a promover no município: “assumindo a **identidade** do seu povo, Marechal Cândido Rondon precisa

⁴¹ PAVILHÃO de eventos: um sonho do rondonense. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 08, p.14, nov.1991.

iniciar imediatamente um conjunto de ações visando a melhoria da qualidade de vida de sua gente.”⁴²

Mais uma vez, no trabalho de reforço identitário, a arquitetura posta ao serviço da concretude das “marcas germânicas”. Cada um dos estilos arquitetônicos destas fachadas procuram remeter-se a uma região da Alemanha.



Pavilhão de eventos, o futuro cartão postal de Marechal Rondon.

Fig. 03 – Maquete do projeto de construção do pavilhão de eventos. Fonte: imagem originalmente publicada no Jornal O Presente, nº 08, 22 de novembro de 1991, p.14.

Tal projeto prevê várias obras no recinto da cidade, dentre elas, as que possuem a maior conotação de germanidade são: a construção do calçadão, do centro de eventos, do centro esportivo, do estádio municipal, da casa da cultura e a remodelação da praça central Willy Barth. Todas estas obras, de uma maneira ou de outra, foram apresentadas no projeto com a preocupação de salvaguarda da identidade germânica:

A Prefeitura rondonense possui um projeto para a construção de um centro de eventos, contemplando a arquitetura de cidades alemãs. Trata-se de um projeto de grande impacto visual, representando o direcionamento que se pretende dar à arquitetura rondonense [...] Além da estética, que deverá observar o estilo germânico, o calçadão resultará numa revitalização do centro da cidade. [...] A ausência de promoções e acontecimentos maiores na área da Cultura em Marechal Cândido Rondon deve-se, certamente, à falta de um local adequado. Em anexo ao Parque Ecológico (Rieger) há um grande barracão que, reformado, remodelado e adaptado virá a suprir as necessidades (sua remodelação observará o estilo enxaimel).⁴³

Nem todas as obras, previstas pelo projeto *Rondon 2000*, foram executadas e algumas não previstas, contudo, foram realizadas. Das obras não previstas, destaca-se o Fórum, inaugurado logo no primeiro ano da gestão de Bier e o portal municipal, ambos em estilo germânico.

⁴² Projeto Rondon 2000. Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon, out. 1993, p.01.

⁴³ idem, pp. 04 – 06.

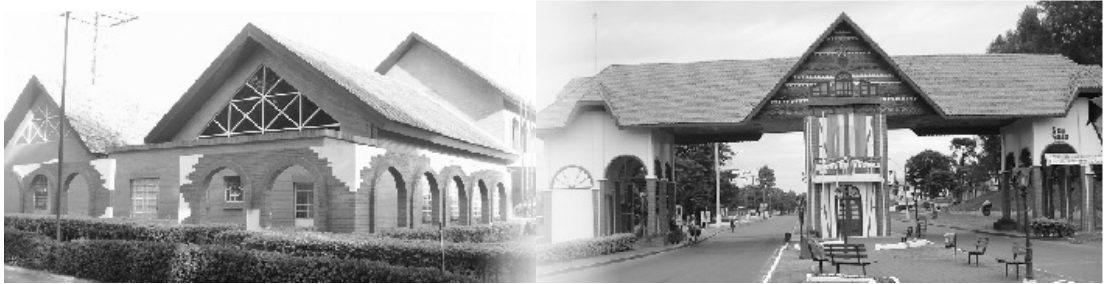


Fig. 04 – Foto montagem. Vista parcial do Fórum e do Portal municipal, respectivamente. Ambas as construções adaptadas ao estilo germânico. Fonte: arquivo pessoal – 2007.

As obras realizadas no decorrer da administração Bier ganharam grande notoriedade na imprensa local. O calçadão e o portal municipal, juntamente com outras obras públicas, foram inaugurados em datas estratégicas, por ocasião da festa de comemoração do trigésimo sexto ano do município, conforme noticiou o jornal *O Presente*:

Marechal Rondon está em ritmo de festa e comemorações. Junto com os festejos do 36º aniversário, o poder executivo está entregando série de obras [...] O calçadão em trechos das ruas 7 de Setembro e Santa Catarina, que trouxe um visual de modernidade ao centro da cidade, é uma das obras que a administração municipal entregou à população rondonense quando o município festeja 36 anos de emancipação político-administrativa [...] Para hoje, 26, sexta-feira, está prevista a inauguração do portal da cidade, junto ao trevo, no início da Avenida Rio Grande do Sul. A inauguração está programada para as 18h00, com apresentações culturais.⁴⁴

Sobre esta questão, é importante observar a produção de uma narrativa de consenso por parte da administração municipal, que visa sedimentar a construção germânica, daquele momento, em sintonia com outros símbolos de representação da germanidade local já implementados, como é o caso da própria festa de comemoração do aniversário de Rondon.

A construção do portal municipal, embora não estivesse contemplada pelo projeto Rondon 2000, igualmente foi uma realização da administração Ademier Bier, visando a

⁴⁴ ADMINISTRAÇÃO entrega obras na festa dos 36 anos de Marechal Rondon. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 242, p.09, jul. 1996.

modernização e fortalecimento da imagem de comunidade germânica, atribuída a Marechal C. Rondon.

Para a implementação da obra, foi realizado um concurso visando a escolha do melhor projeto. A vencedora foi a arquiteta Margarete Rheinheimer, que recebeu como prêmio a quantia de dois mil reais. Seu projeto foi eleito entre dez e conforme a análise de Renato Kaefer, na época assessor especial de habitação e urbanismo e presidente da comissão julgadora, o projeto eleito “retrata melhor o estilo germânico, tradicional de Marechal Rondon, expressando o espírito da alegria e a hospitalidade do povo rondonense”.⁴⁵

A mesma edição do jornal *O Presente*, que veiculou as notícias sobre a inauguração das primeiras obras, referentes ao projeto *Rondon 2000*, já fazia o prenúncio de novas inaugurações quando anuncia que “uma das obras de maior vulto deste governo deverá ser inaugurada no final do ano: o estádio municipal, que garantirá o espaço que faltava ao setor esportivo de Marechal Rondon.”⁴⁶ A construção do estádio Valdir Schneider foi noticiada como o “expoente máximo” das realizações da gestão Ademir Bier. Foi a última obra inaugurada por Bier, em dezembro de 1996, visando igualmente o reforço da construção da identidade germânica para o município de Marechal Cândido Rondon. Sobre este quesito *O Presente* afirma que:

Dentro do processo de germanização da cidade, assim como aconteceu com o portal de Marechal Rondon, com o centro de eventos e com o centro cultural, o estádio também terá acabamento estilo enxaimel (germânico), destacando ainda mais Marechal Rondon como um dos pólos da cultura alemã do Paraná..⁴⁷

Desta maneira, tanto a entrada do estádio municipal quanto a cobertura da arquibancada, foram edificadas em estilo germânico. O portal, por sua vez, tornou-se o ícone oficial de representação do município. Apenas um mês após sua inauguração o jornal *O Presente* já o anunciava como “o cartão postal de Marechal Rondon. Uma marca que a atual administração deixa, principalmente, visando a divulgação do município. Expressando as tradições do povo rondonense.”⁴⁸ De fato, posteriormente a imagem do portal foi estampada

⁴⁵ ESCOLHIDO projeto do portal da cidade de Marechal Rondon. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 152, p.22, out. 1994.

⁴⁶ PREFEITURA entrega obras em Rondon. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 243, p.29, ago. 1996.

⁴⁷ ESTÁDIO Valdir Schneider entra na fase final. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 260, p.21, nov. 1996.

⁴⁸ PREFEITURA, op cit.

nos boletos da Loteria Federal com o intuito de divulgar Marechal Rondon para todo o país. Em 2000, igualmente ilustrou a capa do Guia Telefônico do Oeste do Paraná, reforçando a divulgação da cidade regionalmente.



Fig. 05 – Foto montagem. Vista parcial do *hall* de entrada do Estádio Municipal Valdir Schneider e do Parque de Exposições Alvaro Dias, respectivamente. Estas construções fazem parte de um mesmo complexo, aonde se encontra também o novo centro de eventos. Todas as edificações adaptadas ao estilo germânico. Fonte: arquivo pessoal – 2007.

A arquiteta Rheinheimer, a responsável pelo projeto do portal, em 1999 fez parte da comissão de avaliação dos projetos que recebem isenção do IPTU, por serem construídos em estilo germânico. Para a arquiteta, “a estilização germânica causa um surpreendente efeito de criatividade e simpatia à obra, além de diferenciar urbanisticamente nossa cidade das outras”.⁴⁹ Rheinheimer afirma, que em 1999 o estilo germânico já está solidificado na região, principalmente no município rondonense e comemora o sucesso do empreendimento: “Adaptamos a característica alemã à nossa região e deu certo. A situação mudou. Existem muitas construções neste modelo, pois é mais adequado e não representa um custo muito elevado”.⁵⁰

Desta maneira, fica evidente a postura intencional, de firmar definitivamente o rótulo de germanidade através da implementação do projeto *Rondon 2000*. A intervenção, político/administrativa, foi conduzida no sentido de direcionar o estilo mais apropriado de edificações no espaço urbano, neste caso em específico, valorizando sobremaneira o estilo germânico, implantado em primeira instância pela lei de isenção fiscal do prefeito Priesnitz.

⁴⁹ A CIDADE mais Germânica do Paraná. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 404, p.48, set. 1999.

⁵⁰ ESTILO GERMÂNICO: a marca registrada de Marechal Rondon. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 346, p.35, jul. 1998.

O prefeito Ariston Limberger (1997-2000), embora sendo do mesmo grupo político de Ademir Bier, não deu continuidade ao projeto *Rondon 2000*. Contudo, tomou várias medidas objetivando a preservação da memória do “município germanizado”. Foi o responsável pela criação de um arquivo contendo fotos, recortes de jornais com a divulgação de eventos municipais e cópias de anúncios da imprensa. O setor de arquivamento também foi o responsável pela criação de um banco de dados sobre os “pioneiros” (pessoas que vieram para Rondon entre 1950 e 1960).

A maior evidência da intenção de preservação da “memória germânica”, no decorrer da administração de Limberger, foi a construção de um “Memorial Histórico”, contendo a “Galeria dos Ex-Prefeitos” (Limberger e todos os prefeitos anteriores são representados em forma de bustos) e de uma “Cápsula do Tempo”, situado justamente ao lado da praça Willy Barth, entre o fórum e a prefeitura municipal.



Fig. 06 – Memorial Histórico e Galeria dos Ex-Prefeitos. Edificações situadas entre o Fórum e a Prefeitura. São todas, construções que dividem o espaço com a praça central Willy Barth. Assim como o Fórum, o Memorial Histórico foi adaptado ao estilo germânico. Fonte: arquivo pessoal – 2007.

A “Cápsula do Tempo” é abrigada por uma construção no estilo “Casa dos Alpes”. Trata-se de cem cápsulas de aço com o objetivo de guardar mensagens, fotos ou lembranças de “cidadãos rondonenses” que vieram a demonstrar interesse. No entanto, “dando-se prioridade para os **pioneiros** e **desbravadores** de Marechal Cândido Rondon.”⁵¹ Todas as cápsulas foram lacradas no dia 25 de julho, no decorrer da programação do 40º aniversário do município. As tampas das cápsulas contêm os nomes dos “pioneiros” contemplados. A

⁵¹ Lei nº 3.253, de 25 de maio de 2000. regulamentada pelo decreto 032/00 de 06 de junho de 2000.

intenção do projeto é entrega-las aos parentes mais próximos para serem solenemente abertas em 2.060, por ocasião da comemoração do centenário municipal.

No entanto, não é de se esperar que a administração municipal posterior venha a cumprir as determinações do projeto. Prova disso, é que o atual prefeito Edson Wasen, sucessor e opositor de Limberger eleito em 2000, cumpre atualmente o seu segundo mandato e ainda não determinou a fixação do busto do prefeito anterior conforme as normas do projeto. Além do mais, não há naturalmente uma preocupação efetiva com a preservação dos feitos do prefeito anterior, permanecendo a obra a mercê da depredação.

O prefeito Limberger também foi o responsável por retomar e lançar oficialmente o projeto de construção do centro de eventos. O jornal *O Presente* noticiou, em 1999, a cerimônia de lançamento do projeto, como “um resgate das raízes alemãs do município”⁵², visto que, tal projeto ainda mantinha a intenção de construir trinta fachadas externas representando regiões da Alemanha, preservando-se a idéia original. Conforme a reportagem, o lançamento só foi possível graças o intermédio do deputado Dirceu Sperafico, que repassou ao prefeito Limberger um cheque de setecentos e setenta e cinco mil reais a fundo perdido do governo federal. Com estes recursos deu-se início a primeira etapa do projeto estimado em dois milhões e quatrocentos mil reais, com um total de seis mil e quatrocentos metros quadrados de área construída.

Contudo, o projeto de construção do centro de eventos só foi concluído na gestão posterior, de oposição a administração de Limberger. A placa de inauguração da obra, de certa forma, estampa os conflitos da arena política do período: “centro de eventos Werner Wanderer, construídos com recursos da EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo) inaugurado em 23/10/2003, gestão 2001-2004.” Desta maneira, o projeto concluído é nomeado em homenagem a um deputado que representa um dos principais ícones de oposição à administração de Limberger e as informações sobre os recursos para a realização do projeto omitem o repasse efetuado pelo deputado da situação, Dilceu Sperafico.

⁵² RAÍZES Alemãs. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 416, p.34, nov. 1999.

O novo centro de eventos, local no qual se realiza a festa do município e a *Oktoberfest*, e o monumento em homenagem ao simpático avô alemão: imagens de uma Alemanha idealizada.



Fig. 07 – Foto montagem. Vista parcial da construção do novo centro de eventos. Assim como o projeto original, cada uma de suas fachadas representam uma região da Alemanha. Ao lado direito do *hall* de entrada, situa-se um monumento em homenagem ao *Opafass*. Fonte: arquivo pessoal – 2007.

Embora a administração de Wasen não dispense maiores atenções à “Galeria dos Ex-prefeitos” e a “Cápsula do Tempo”, não perde a oportunidade de reforçar a memória da colonização e, conseqüentemente, da construção do próprio discurso de germanidade. Assim, em 2002, entre a prefeitura e a praça Willy Barth, é fixada uma estátua de bronze de 3 metros de altura em homenagem ao “Ilustre militar e sertanista” Marechal Mariano da Silva Rondon:

O monumento em homenagem ao Marechal Rondon foi fixado num lugar estratégico. Junto com os ícones internos da praça central, ajuda a compor um cenário no qual a lembrança da dimensão do trabalho se faz presente mesmo no espaço reservado ao lazer. Questão abordada no Capítulo III.

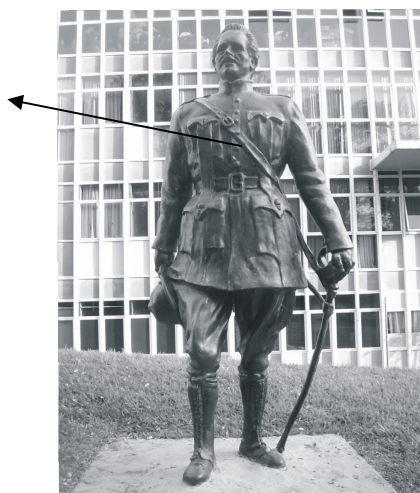


Fig. 08 – Foto do monumento de Marechal Rondon, em bronze. Situado entre a prefeitura e a praça central Willy Barth. Fonte: arquivo pessoal – 2007.

De outra forma, o movimento de reafirmação da memória da colonização, do pioneirismo e da germanidade, continuam sendo alimentados a cada novo desfile, a cada nova festa a cada novo evento, ou seja, a cada novo fato que recobre a dinâmica legitimadora de um passado heróico, que aponte para um futuro cada vez mais promissor.

É um movimento sempre novo, mas que reafirma continuamente o mesmo. Inventam e reinventam, valendo-se sempre do mesmo passado histórico como meio de legitimar as ações e promover coesão social. Paralelamente, desenvolve-se um discurso de modernização que se apresenta em nome do benefício da maioria, porém, na prática esconde interesses pontuais de manutenção e/ou reafirmação do poder.

A construção da “moderna cidade germânica”, que visa a edificação de um centro ideal, bonito, moderno, agradável, limpo, acaba por recusar tudo o que ameaça ou polui tal estética. É em função desta dinâmica que a *Oktoberfest*, enquanto o maior ícone de representação da identidade germânica local, renova-se a cada ano, contudo, não tarda em tornar-se motivo de preocupação daqueles que defendem a manutenção da ordem social posta.

1.5 *Oktoberfest* – a mais simpática do Brasil.

A *Oktoberfest*, sem sombra de dúvidas, é a maior representação da simbologia germânica de Marechal Cândido Rondon. A festa, que se pretende a mais simpática do Brasil (título igualmente criado pelo poder público e divulgado com o intuito de propagandear o evento), de fato, atingiu grandes proporções, contando com a participação de aproximadamente vinte mil pessoas. O evento é realizado em Rondon desde 1987, criado durante a administração Priesnitz, juntamente com o projeto de germanização trazido de Blumenau – SC., onde a festa ocorre desde 1984.

A *Oktoberfest* acontece sempre no final do mês de outubro. Em Rondon, o ponto alto do evento se dá no dia 30 de outubro, visto que, o dia 31 é feriado municipal em comemoração ao dia da Reforma Protestante. Desta maneira, o desfecho da festa é mais um elemento que ajuda a reforçar a imaginária germânica local.

Conforme Jeferson Smaniotto, a *Oktoberfest* foi implantada em Rondon a partir de uma comissão derivada da AMPFEST (Associação Municipal de Promoção de Feiras e Festas). Esta associação responsável pela promoção de feiras e festas na cidade foi criada no mesmo ano da instituição da festa de outubro, sendo composta de empresários, funcionários públicos, presidente da associação comercial e industrial, presidente do sindicato rural e presidente do sindicato dos trabalhadores. Para a articulação da *Oktoberfest*, foi montada uma

comissão específica, composta por empresários locais e funcionários públicos. Para Smaniotto, é importante notar como a estruturação da *Oktoberfest* de Rondon se deu toda com base na *Oktoberfest* de Blumenau, “tomada através da visita de membros da AMPFEST em visita àquela cidade.”⁵³



Fig. 08 – Cartaz de divulgação da *Oktoberfest*, tendo ao centro um casal tipicamente trajado e, acima a figura do *Opafass*, uma espécie de Rei Momo local. Fonte: Imagem originalmente publicada no jornal O Presente, nº 254, 18 de outubro de 1996, p. 01.

Originalmente a *Oktoberfest* é realizada na Alemanha, na cidade de Munique, desde o início do século XIX, por ocasião da comemoração do casamento do príncipe da Baviera Ludwig I, com a princesa Therese de Sachen – Hildelburghause. O grande sucesso da festa tornou o mês de outubro um marco para a representação da cultura alemã. Desta maneira, a festa foi reeditada nos anos subseqüentes e trazida ao Brasil pelos imigrantes alemães.

Em Marechal Cândido Rondon, a primeira *Oktoberfest* possuía como principal programação, a realização de bailes, o consumo de chope e o consumo de pratos típicos alemães. Simultaneamente ao desenvolvimento anual da festa ocorreram novas iniciativas por parte da administração municipal, no sentido de sobrevalorizar a “cultura alemã”, como por exemplo, a formação de grupos folclóricos, da banda municipal e a criação da Associação dos Idosos, que passou a promover bailes e outras atividades com características germânicas.

⁵³ SMANIOTTO, Jéferson. *A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon – 1987-1996*. Trabalho de Conclusão de Curso. Marechal Cândido Rondon, PR: UNIOESTE, 1997. p.10.

Neste sentido, é importante destacar, que de início as danças eram embaladas por marchas com estrutura rítmica abasileirada. Só posteriormente, é que as marchas típicas do folclore alemão foram introduzidas como ritmo oficial.

Sobre esta questão, José Iurkiv aponta para um novo sentido da festa, atribuído pelos seus participantes. Um sentido, que se difere daquele de festa tipicamente germânica, pretendido pelos seus idealizadores: “o que eles não imaginavam e nem esperavam era a apropriação popular e o redirecionamento dado a ela pelo público, que participa de forma intensa e maciça, esquecendo a germanidade e demonstrando uma brasilidade explícita.”⁵⁴

Iurkiv baseia sua argumentação, pela constatação da proximidade existente entre a *Oktoberfest* e as representações carnavalescas. Enquanto os organizadores da “festa alemã” se preocupam em incentivar as bandas para que executem repertório típico, os foliões demonstram grande entusiasmo quando elas tocam marchinhas presentes nos carnavais brasileiros. O autor se refere a *Oktoberfest* enquanto um “Carnaval Rondonense”, embora reconheça suas peculiaridades. Em sua comparação, Iurkiv afirma que os trajes típicos funcionam como fantasias de carnaval dos quais as pessoas se valem para se sentirem mais soltas e praticarem atitudes livres do “olho moralizador da sociedade”. O autor afirma que sua comparação é atestada pela ampla participação popular e por atitudes de libertinagem que se verificam no decorrer da festa, a exemplo das festas de carnavais brasileiros.

Contudo, já a primeira *Oktoberfest*, tinha como objetivo principal “resgatar e preservar a identidade germânica” como meio de possibilitar a manutenção dos valores culturais dos antigos colonizadores alemães. A partir daí, a intenção dos idealizadores era igualmente se beneficiar financeiramente, com o esperado sucesso da festa, a exemplo do êxito festivo e dos lucros que gerava a experiência já realizada em Blumenau.

Sobre a intencionalidade do poder público, novamente Iurkiv atenta para uma questão relevante. Para o autor a realização de festas oficiais, em pequenos e médios municípios, se dá em função da busca de destaque e visibilidade para as localidades. A *Oktoberfest*, vista sobre este prisma, remete-se a uma preocupação sempre recorrente de transformar a festa em “vitrine”, com o objetivo de atrair novos investimentos e capitais, o que naturalmente faria a cidade crescer. Conforme Iurkiv, a festa é um momento de “auto-

⁵⁴ IURKIV, José E. *Oktoberfest: criação e implicância na construção da identidade cultural rondonense*. Trabalho de Conclusão de Curso. Marechal Cândido Rondon, PR: UNIOESTE, 1993. p.43.

destaque” para o município, pois mostrar que existe, livra a cidade pequena da visão pejorativa, de ser lembrada enquanto lugar onde nada acontece.

Fazer da cidade uma vitrine por meio das festas oficiais, envolve toda uma ampla mobilização social. Desta maneira, a propaganda desenvolvida pelo poder público com o intuito de divulgar os eventos, se preocupam em mostrar a prosperidade permanente da localidade, o comércio, por sua vez, é especialmente preparado para a ocasião, as ruas são recuperadas e as avenidas enfeitadas, os hotéis e restaurantes aprimoram seus serviços, tudo com a intenção de impressionar os visitantes.

Assim, argumenta Iurkiv, as festas oficiais cumprem o papel de projeção do município por meio da imagem de um povo organizado e trabalhador. Em Marechal C. Rondon, tal projeção se vale da referida “predominância do elemento étnico alemão” e a *Oktoberfest* se torna “o carro chefe para o município, justamente por conseguir forjar esses elementos de identificação pretendidos pelos organizadores”.⁵⁵

Para tanto, a “tradicional festa alemã”, contou com a elaboração de diversos atrativos e novos símbolos. Dentre eles as *Pré-Oktoberfest*, como prenuncio da *Oktoberfest* “Oficial”. Trata-se de festas semelhantes a *Oktoberfest*, só que em proporções menores, organizadas em bares, clubes, avenidas e distritos municipais. É a organização de uma espécie de participação de reconhecimento, que atrai atenção e induz a participação no evento “oficial”. Outro importante ícone de anuncio da festa, além das *Pré-Oktoberfest*, é a distribuição gratuita de chope pelas ruas da cidade. Com a intenção de celebrar a abertura da festa oficial o *Opafass*,⁵⁶ juntamente com a rainha e casais acompanhantes, desfilam pelas ruas da cidade com o *Bierwagem*⁵⁷, distribuindo chope gratuitamente, a quem se dispor a se aproximar ou acompanhar o “carro pipa” do avô alemão. O grande consumo de chope é lembrado enquanto uma característica peculiar do evento, já que procura se remeter ao paladar tipicamente alemão. Esta alusão à cultura alemã, é denotada em última instância pelo concurso de Chope em Metro, que acontece no decorrer da *Oktoberfest* oficial. Mais tarde, o consumo excessivo de chope gera polêmica entre lideranças municipais, passando a ser combatido sem,

⁵⁵ idem. p. 30.

⁵⁶ O significado do termo em alemão é “pipa de cerveja do avô”. Trata-se de um dos ícones da *Oktoberfest*, juntamente com a rainha e os casais acompanhantes. O *Opafass* representa o avô alemão vestido em trajes típicos, tendo como principais características o espírito festeiro, alegre e sociável. Uma espécie de “Rei Momo” da *Oktoberfest*.

⁵⁷ Carroça em estilo colonial puxada por cavalos e carregada de barris de chope, conduzida pelo *Opafass*, acompanhado da rainha e dos casais tradicionais. Todos paramentados com tarjes alemães.

contudo, ferir o aspecto cultural da prática. O abuso é sempre remetido aos “de fora”, como veremos mais adiante.

É possível considerar ainda, como uma das atrações da festa, o desfile de carros alegóricos, enfeitados com as cores vermelha e preta, referentes à bandeira alemã. Nestes desfiles, que acontecem no domingo da festa, além da participação das tradicionais “famílias pioneiras”, as empresas do município aproveitam para demonstrar seus produtos e serviços.

Ademais, a implantação do Café Colonial, proporcionando o consumo de produtos da colônia alemã, os restaurantes típicos, as apresentações culturais e a contratação de bandas vindas diretamente da Alemanha, terminam por configurar o cenário imagético cultural, sobre o qual, se assenta uma das principais pilastras de sustentação do discurso de germanidade local.

Os trabalhos existentes sobre a *Oktoberfest* rondonense, de uma maneira ou de outra, valendo-se das formulações de Hobsbawm, se orientam pela ótica de uma tradição inventada. Sob esta perspectiva, destaca-se o trabalho de Ilse de Queirós. Para a autora “as tradições inventadas se constituem em reações a situações novas com referência a situações históricas anteriores, tanto quanto, aquelas em que se inventam e criam uma continuidade histórica.”⁵⁸

Conforme Queirós, a *Oktoberfest* de Rondon não pode ser encarada enquanto uma prática original ou autêntica, dado que a cultura é um processo dinâmico de construção e reconstrução. Seria o próprio surgimento de movimentos em defesa da restauração de uma tradição, indicando a descontinuidade histórica, o desuso, ou não adaptação de uma determinada tradição, o meio de atestar as tradições inventadas.

Assim, o movimento de invenção da festa cria elementos novos a partir de elementos pré-existentes, ou seja, um trabalho contínuo de enquadramento de elementos novos e velhos, visando a elaboração de um cenário destacado pela tradição, para que a própria festa, seja assim, vivenciada enquanto tradição. A *Oktoberfest*, pensada desta maneira, acaba por ritualizar uma construção nova da idéia de germanidade, em Rondon.

⁵⁸ QUEIRÓS, Ilse Lorena Von Borstel Galvão de. *A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon, Paraná: um estudo sobre o significado do lazer entre descendentes de alemães*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 1999. p.29.

Verifica-se aqui, que a intencionalidade do poder público unido a elite rondonense, aponta para a criação, em Rondon, daquilo que Benedict Anderson⁵⁹ denominaria de “comunidade imaginada”. Uma Alemanha mítica, estabelecida por meio de um diálogo transnacional. Um referencial imaginativo e figurativo influente, construído em nome da maioria. Referencial este, que gera uma relação de pertencimento/segregação em relação aos sujeitos considerados mais autênticos, menos autênticos ou “de fora”.

Desta maneira, atribui-se a Marechal Cândido Rondon uma identidade forjada. O título de município tipicamente germânico que, pelas relações de alteridade, possui implicações diretas na vida de seus habitantes, contrasta com a heterogeneidade própria de toda, e qualquer, cidade contemporânea brasileira.

O esforço por caracterizar/homogeneizar o que por definição é complexo, heterogêneo e múltiplo, pode em algumas situações tolerar o diferente. Contudo, tolerar é conceder. Quem concede não se põe em relação de igualdade com o outro. O próprio ato de conceder denuncia uma relação de superioridade, de um sobre o outro.

1.6 A germania e o outro.

“Porque muitas vezes também a cidade tem me engolido também né, não é que me aceita.”

Maninho do Crak, 2006.

Pensar a questão da alteridade em função desta dinâmica de produção do discurso de germanidade, pressupõe pensar exatamente nas implicações diretas da imposição, sobre a tessitura do tecido social, de uma identidade forjada. Identidade e alteridade, desta forma, são categorias relacionais, nas quais, o reconhecimento do “eu” ou do “nós” identitários, pressupõe a existência dos “outros”.

Um, contudo, não vive sem o outro, pois sua relação é como se fosse um posicionar-se na frente de um espelho, no qual, o sujeito que se contempla tem sempre a si mesmo como referência, ou seja, procuro me enxergar ou definir meus referenciais contemplando o outro. Assim, a alteridade só tem este estatuto porque existe a identidade no plano das construções simbólicas.

⁵⁹ ANDERSON, Benedict. Nação e Consciência Nacional. São Paulo: Ática, 1989. p.15.

As identidades culturais que, conforme Stuart Hall, são “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo nacionais”,⁶⁰ de fato, definem-se pelas construções simbólicas. Assim, a “cidade germânica” apresenta-se enquanto uma comunidade simbólica de sentido, que opera no âmbito do imaginário. Corresponde a um sistema de representações sociais, construído e legitimado historicamente, e que, se expressa por discursos, imagens e práticas.

É possível pensar a elaboração da cultura germânica em Rondon, como um dispositivo discursivo, que representa a diferença como unidade ou identidade, no qual, as culturas locais são unificadas apenas através de diferentes formas de poder cultural. A integração dos sujeitos numa comunidade ou numa totalidade se dá por meio de uma disciplinarização, que desconsidera o fato de muitos sujeitos serem, no decorrer deste movimento, colocados às margens do social. A priorização da “voz dos autorizados”, parafraseando Bourdieu, é o que sobrepõe a predominância da prática cultural hegemônica.

Contudo, o pluralismo desestabiliza a noção de identidade, pois a própria formulação da identidade germânica presume um exercício de poder vertical, que, na prática, não confere com as maneiras pelas quais os diversos sujeitos sociais, participam e recebem determinada identidade. Em torno desta questão, surge um discurso de “desvirtuamento da *Oktoberfest*”, em decorrência da reapropriação e reinvenção da festa pelos mais diversos grupos sociais, como veremos no item dois do capítulo a seguir.

De outra maneira, identificar as relações de pertencimento/segregação em função desta dinâmica de identidade/alteridade não constitui uma tarefa fácil. As relações sociais se produzem e se reproduzem nos mais diversos eventos da vida cotidiana. Na maioria das vezes, são ações encobertas pela própria informalidade que lhes é característica. Neste sentido, cabe mais uma vez aqui, destacar a importância do trabalho com a História Oral. As entrevistas permitiram o acesso a experiências narradas pelos próprios protagonistas e possibilitaram a análise de dinâmicas sociais obscurecidas pela memória hegemônica local.

É, sobretudo, através das narrativas, que se evidenciam os desabafos, as memórias de estranhamentos e a diferenciação entre os sujeitos tidos como mais legítimos, menos legítimos ou não legítimos. De uma forma geral, pode-se dizer que em Rondon os sujeitos legitimados, pela reprodução da memória oficial e dos discursos de germanidade, são

⁶⁰ HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p 08.

identificados pela sua ascendência européia, sobretudo os descendentes de alemães, seguidos dos descendentes de italianos. Porém, é importante perceber que esta dicotomia básica entre europeus e não-europeus, não dá conta de elucidar a complexidade dos fatores sociais que acabam por determinar os sentimentos de pertencimento ou exclusão.

Desta maneira, não apenas o elemento étnico, mas a escolha das práticas sociais, a maneira de se vestir, de falar, os trejeitos, são características mobilizadoras da indetificação ou do estranhamento em relação ao outro. Em outras palavras, isto significa que um sujeito descendente europeu que decida ser *skatista* em Rondon, pode sentir-se mais excluído do que um descendente caboclo aclimatado, ou seja, a postura que se assume em relação ao padrão de referência identitária, mais do que o próprio elemento étnico, é definidora das relações de estranhamentos ou identificações produzidas nas experiências sociais da vida cotidiana local. Assim, é que vários adictos, mesmo sendo descendentes de europeus, vivenciam situações de estranhamentos no convívio social:

A gente era diferente, era visto que, com outros olhos por todo mundo né [...] aquele maloqueiro, cabeludo, barbudo, todo mal vestido, então, eu sentia preconceito. Só que ao mesmo tempo a gente já ficava “foda-se também”, né cara. A gente já tentava se isolar um pouco, tanto que, era por isso que a gente tinha esse núcleo. Acho que era um, uma forma de se defender assim, de se autodefender. Não no sentido de agressão né, no sentido de “ah! eu te entendo, você me entende, a gente consegue conviver melhor” né. Eu acho que nesse aspecto a sociedade tinha um preconceito, mas a gente também tinha um preconceito em relação à sociedade né, principalmente aqui que era muito fechado né.⁶¹

Tipo, um dia no mercado assim, sem camisa ou com camisa regata, que as tatuagens ficam a mostra assim, os guardinha no mercado, eles vão na tua cola pra vê se não vai robar nada né cara. O próprio atendimento nos locais né cara. As vezes as pessoas, não digo que tratam mal né cara, mas eles te atendem assim né, te atendem assim, indiferentemente né cara, preferem atender os outros do que atender você [...] pô! já aconteceu de amigo meu ir numa loja, quer ir comprar uma roupa né cara, ele tava com o salário dele do mês inteiro né, queria comprar, só porque ele foi de bermuda e chinelo, na loja, trataram ele com descaso né cara [...] isso acontece bastante aqui em Rondon cara.⁶²

⁶¹ TATOO. op. cit. p.148.

⁶² CARRIER. *Transcrição de entrevistas/acervo pessoal*. Marechal Cândido Rondon, 19 mar. 2006, p.130.

Desta feita, importa considerar que os sujeitos adictos, pelo próprio estilo de vida que assumem, são portadores de vários elementos que destoam da idealizada “sociedade germânica”. A situação de estranhamento é maior em relação aos sujeitos que além de usuários de drogas não possuem descendência europeia. Esta situação se evidencia em várias entrevistas. Por exemplo, Negão do Rio ao ser questionado sobre o fato de ter, ou não, vivido situações de discriminação na cidade de Rondon, fica em dúvida sobre qual o tipo de discriminação a que se referia, se sobre o fato de ser adicto ou sobre o fato de ser negro. Em relação ao estranhamento étnico, várias narrativas podem ser identificadas:

Você já sofreu algum tipo de preconceito aqui em Rondon?

Vários né, até pelo lado assim de eu ser né, moreno pardo, como diz meu registro de nascimento né, aqui em Rondon é embasado, demora até eles pegar confiança num preto. Se você parar para analisar, você pode andar em muitas lojas ai meu, que você não vai ver muito preto trabalhando dentro não e quando você vê né, é porque ralou muito para estar lá [...] racismo ainda prevalece e muito né, até no fato de minha profissão eu já sofri por causa disso e vários parceiros meus já sofreram também, então eu acho que é uma parada assim mais mascarada mesmo né, entendeu. Eles passam aquilo que realmente todo mundo esta acostumado a ver na televisão “ah, em Rondon tem Oktoberfest”, nego vem do Brasil inteiro pra cá e isso e aquilo, “lá em Rondon tem um cartão postal ali que é o portal, tem isso e aquilo ali” né cara, mas esquece do povo, entendeu.⁶³

Você já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação depois de ter contato com a cidade?

Com a questão da chácara?

De tudo.

(risos) Da cor né [...] chegava em um lugar as pessoas te olharem e... diferente né, e você ter o dinheiro para comprar ali e... os caras pensavam dez vezes antes de vender né, então ele já te olhava, olhava, e mesmo com dinheiro na mão você vai dar entrada mas será que as prestações você vai pagar né.⁶⁴

É importante evidenciar ainda, que o estranhamento étnico é percebido, não somente pelos entrevistados afro-descendentes, mas igualmente destacado por entrevistados de descendência europeia:

⁶³ McCABEÇA. *Transcrição de entrevistas/acervo pessoal*. Marechal Cândido Rodon, 13 jan. 2006, p.99.

⁶⁴ NEGÃO DO RIO. *Transcrição de entrevistas/acervo pessoal*. Marechal Cândido Rodon, 03 jan. 2006, p.16.

Em relação à cidade de Rondon, o que você poderia dizer? O que está bom, o que precisa mudar?

Rondon!? Olha, eu acho que é uma cidade muito preconceituosa ainda, muito, muito, muito. Não sei, se é por causa que ela foi colonizada por alemães, ou porque eu não sei dizer mas, acho que as pessoas poderiam evoluir um pouco mais assim, né cara, em termos assim, socialmente né. Tem bastante discriminação aqui ainda, né cara.⁶⁵

Sobre a sociedade de Rondon, o que está bom e o que precisa mudar?

Acho que é aquela idéia lá de abrir a mente pra outras coisas também né, esquecer que, esse negócio, que é só de alemão e germânico, hoje em dia não tem mais disso [...] e o povo de Rondon fica na mesma né, com aquela mesma idéiazinha de “ha não! é preto, é branco, é marrom é não sei o que,” isso eu acho que é “paia pra caramba” né, e tem bastante disso aqui em Rondon, que eu acho que é errado né.⁶⁶

E como é que você encara essa questão da germanização do município?

[...] acho que a idéia deles, era aquela utopia deles né, “ah! aqui só vai ter esse povo” né, muito ligado ao preconceito, que é muito arraigado principalmente nos germânicos né, e eu vejo que é meio que uma coisa que eles acharam que ia sempre ser assim né, mas no fundo não tem condições né. Hoje em dia a coisa não é mais assim, o município cresceu, a cidade desenvolveu, vai vir gente de tudo quanto é lugar [...] não dá pra dizer que no Brasil vai ter uma ilha isolada, onde só vai ter determinada origem étnica, isso é uma bobagem né. Eu vejo que isso aí é uma coisa que só funciona na cabeça de algumas pessoas ali que organizam, que ainda por cima pessoas que dominam a sociedade né, daqui né, mais isso gera uma quase, uma relação de segregação social até né, porque normalmente quem é de outra origem étnica já recebe uma pré-concepção e já é colocada meio de lado nessa sociedade.⁶⁷

É justamente esta identidade forjada e imposta em nome da maioria que, por meio da alteridade, implica diretamente em relações de estranhamentos nas práticas cotidianas da comunidade rondonense. Não se trata de conflitos entre identidades puras ou estáticas. Mesmo porque, em pleno século XXI, é preciso atentar para o caráter híbrido de toda e qualquer formulação identitária.⁶⁸

Em um mundo tão fluidamente interconectado as sedimentações identitárias (etnia, nações, classes) se reestruturam em meio a conjuntos interétnicos, transclassistas e

⁶⁵ CARRIER, op. cit. p.130.

⁶⁶ BOBY. *Transcrição de entrevistas/acervo pessoal*. Marechal Cândido Rondon, 13 fev. 2006, p.115.

⁶⁷ TATOO. op. cit. p.149.

⁶⁸ Sobre identidades híbridas ver CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1998.

transnacionais. São interstícios do mundo contemporâneo, que fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação, dando início a novos signos de identidade.

Contudo, o hibridismo cultural não se presta a um cosmopolitismo absoluto. É um movimento paradoxal, no qual, se verifica aquilo que Stuart Hall define de “proliferação subalterna da diferença”, ou seja, as coisas parecem mais ou menos semelhantes entre si, entretanto, ao mesmo tempo, há uma proliferação das diferenças. É em torno destas diferenças, que as formulações identitárias, ainda que híbridas, possibilitam as relações de estranhamentos.

Neste sentido, em Rondon, o critério de aceitação nos quadros das práticas culturais hegemônicas, se dá mais em função de uma adaptação a identidade imposta, do que, simplesmente, pela característica étnica que se possui, ainda que esta também seja determinante. Em função desta dinâmica é que podemos identificar os adictos enquanto “contra-sujeitos” que habitam uma “contra-cidade”. São moradores de Rondon não adaptados aos ideais, inclusive morais, da retórica germânica. Em relação à “cidade germânica”, estes “contra-sujeitos” não a recusam totalmente, mas não se enquadram adequadamente. Seu estilo de vida, ao mesmo tempo em que diverge das práticas comumente aceitas, reelabora uma outra cidade, uma cidade mais diversa, representada em grande medida na multiplicidade de sujeitos e práticas presentes na praça central.

II CAPÍTULO: Os contra sujeitos da contra cidade.

2.1. A cidade e a questão das drogas.

A favor da cidade mistificada, simbolicamente elaborada, surgem discursos que procuram explicar a problemática social em consonância com a pretendida germanidade. São os discursos que evocam a memória oficial para produzir coesão social e elaborar suas próprias versões dos comportamentos desviantes, neste caso em específico, a problemática do consumo de drogas em Marechal Cândido Rondon – Pr.

Courtine⁶⁹, ao retomar a noção de “lugares de memória”, elaborada por Nora, refere-se à linguagem como um canteiro que fornece a evidência da memória. Os modos de inscrição da memória na materialidade discursiva podem ser circunscritos nos textos em que o diálogo entre enunciado verbal e enunciado imagético funciona como um operador da memória social. A memória define aquilo que é comum a um grupo e, ao mesmo tempo, diferencia-o de outros, fundamentando e reforçando os sentimentos de pertença e as fronteiras socioculturais.

Como esses discursos não partem de um único, mas de vários lugares enunciativos, a rede de formulações gerada pelo cruzamento dessas diferentes posições enunciativas põe em cena a angústia da sociedade para saber quem somos, quem é esse sujeito produzido pelas diversas práticas historicamente instituídas. Essa rede interdiscursiva instaura, pois, um confronto entre posições enunciativas, a partir do qual é possível entender, circunscrever e construir um quadro da(s) identidade(s) de Rondon e dos germânicos.

As perspectivas dessa análise podem ser estendidas ao nosso trabalho, considerando-se que o saber e o poder exercidos pelos discursos permitem-lhes praticar um “panoptismo” a partir de um lugar próprio, de onde tudo observa, mede, controla e transforma os fatos em acontecimentos históricos e memoráveis.

Dada essa condição, o discurso exerce seu poder pelo saber que detém, saber esse que se realiza por intermédio de uma série de procedimentos legítimos e legitimados, que lhe confere um lugar próprio de onde intervém na sociedade, propondo a esta uma compreensão que pode ir desde o simples relato de um acontecimento até uma reflexão sobre os aspectos

⁶⁹ COURTINE, J-J. Le tissu de la mémoire: quelques perspectives de travail historique dans les sciences du langage. In: _____ (Org.). Mémoire, histoire, langage. *Langages*, n. 114, Paris: Larousse, 1994.p.09.

definidores de sua identidade. Desta forma, é no interior de práticas discursivas e pelo emprego de estratégias específicas, que se firma uma versão sobre o tipo de droga consumida em Rondon e sobre o perfil do usuário rondonense. Uma versão, difundida pelo principal órgão da imprensa escrita local, que dialoga com os padrões de referências identitárias para produzir coerência social.

Até o ano de 1995, mesmo ano da inauguração da remodelação da Praça Willy Barth⁷⁰, os enunciados sobre drogas, identificados nos arquivos do jornal *O Presente*, restringe-se a anúncios de casos esporádicos de consumo ou apreensão de drogas na coluna policial. Desta forma, anteriormente a 1995 não é possível identificar, no discurso da referida imprensa, uma real preocupação ou um posicionamento sobre a problemática do consumo de drogas no município. Neste mesmo ano, em que a *Oktoberfest* começa a ser denunciada enquanto um problema social, como veremos logo adiante, matérias elaboradas a partir de entrevistas e pontos de vista das “vozes autorizadas”, como diria Bourdieu, ou de outro modo, pessoas que cumprem um papel de destaque, reconhecido pela sociedade, chamam a atenção para o grande consumo de bebidas alcoólicas. Segundo o consenso das opiniões o caso é bastante típico de Rondon, devido ao clima de festividade e tradições que favorecem o consumo do álcool.

Uma série de reportagens dá seqüência ao assunto, a partir de uma manchete, de agosto de 1995, que alerta de forma veemente sobre a possibilidade de “Marechal Rondon ter cerca de 3.500 alcoólatras”. Estes números são apresentados na matéria como informação prestada pelo bioquímico Leodir Pasetti. Pasetti é uma referência no município quando o debate em questão é sobre álcool ou drogas em geral, não somente pela particularidade de sua formação profissional, mas também porque presta ajuda a uma entidade local denominada ARA - Associação de Recuperação de Alcoólatras - por meio de terapia de alcoólicos e através de palestras proferidas no município que discorrem sobre os malefícios provocados pelo álcool.

O fato é que os números de Pasetti, apresentados no alarde da referida matéria, foram deduzidos, de forma leviana, de pesquisas internacionais que comprovam que 90% da população mundial consome bebidas alcoólicas e, destes, 10% são considerados alcoólatras. Assim, a média mundial é simplesmente aplicada a realidade local:

⁷⁰ Sobre a Praça Willy Barth, no que se refere a influência sobre o uso de drogas em Rondon, ver capítulo III.

Marechal Rondon não destoa dessa realidade, segundo assegura Leodir Pasetti... Baseado em pesquisas internacionais, ele aplica os percentuais levantados à realidade rondonense. Marechal Rondon havendo 40.000 habitantes, 90% deles bebem, ou seja, 36.000 pessoas e, aplicando-se o índice de 10% 3.600 pessoas são alcoólatras. São doentes, são dependentes do álcool.⁷¹

Desta maneira, para que possamos descobrir o número aproximado de alcoólatras de qualquer comunidade do mundo basta aplicar o índice de 10% sobre um total de 90% da população. É evidente que a questão é bem mais complexa, até porque não existe um conceito fechado e definitivo do que caracteriza o alcoólatra e também porque cada localidade apresenta suas particularidades, podendo os números destoar sim, e muito, da realidade local. A questão que se evidencia na matéria, no entanto, não é a preocupação de apresentar números próximos a realidade, mas sim, chamar a atenção para a peculiaridade do problema social, que se manifesta na realidade local, em concordância com elementos da “cultura predominante”:

O bioquímico Leodir Pasetti diz que o consumo de álcool é uma questão cultural, de costume, que começa na família... Em nosso município, como há muitas festas, onde o consumo de álcool é elevado, o índice de 10% de alcoólatras chega até mesmo a ser superior, observa Pasetti... Pasetti é da opinião de que as constantes festas, os costumes e as tradições dos rondonenses ajudam a disseminar o consumo de bebidas alcoólicas.⁷²

A festa, que é parte integrante dos “costumes e tradições dos rondonenses” e que incentiva o consumo de álcool é a *Oktoberfest*. Daqui por diante, consolida-se cada vez mais, nas futuras matérias do jornal, a versão segundo a qual o perfil do adicto rondonense e o tipo de droga consumida estão diretamente vinculados a tradição germânica local e ao conseqüente incentivo de consumo de álcool.

Na seqüência de reportagens, ainda tratando-se de agosto de 95, apenas duas edições após o jornal que veiculou a matéria com Pasetti, uma nova manchete afirma que as carências afetivas são as principais causas do consumo de álcool. Nesta matéria o interlocutor escolhido pelo jornalista é o médico e, naquele momento, também vereador, Ítalo Fumagalli. Em junho do mesmo ano, *O Presente* já havia publicado uma matéria informando sobre um projeto, de autoria de Fumagalli, que foi aprovado pela câmara de vereadores, propondo a proibição de

⁷¹ MARECHAL RONDON pode ter 3500 alcoólatras. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 192, p.32, ago.1995.

⁷² *ibidem*.

propaganda de bebida alcoólica. A epígrafe que anuncia a matéria de agosto, estabelece o álcool como “um dos mais graves problemas da sociedade humana”, porém a matéria inicia-se nos seguintes termos: “O médico e vereador Ítalo Fernando Fumagli, de Marechal Rondon, atenta para o fato de que o maior problema de saúde mental dos rondonenses é o alcoolismo”.⁷³ Desta maneira, logo de início a afirmação remete-nos a idéia de que Rondon possui um dos mais graves problemas da sociedade humana, uma espécie de “mal irremediável”, que atinge também a comunidade rondonense como um dos mais graves problemas local.

Não demora, para que a matéria passe a se valer da retórica tradicional segundo a qual o estímulo cultural é um dos principais responsáveis pelo referido problema do alcoolismo em Rondon. A carência afetiva como causa principal apresentada na manchete que prefigura a matéria, se transforma, no discurso de Fumagalli, em causa complementar a predisposição ao consumo de álcool, gerada pelo estímulo cultural e ampla aceitação social:

É lamentável que exista até um certo incentivo para o consumo do álcool na nossa comunidade, na forma de chope ou cerveja, além de outros fatores, como a venda livre, a aceitação social, o estímulo cultural, tudo isso vem ao encontro a uma margem muito grande da população que, tendo carências afetivas, tem predisposição para condutas autodestrutivas. Cria-se todas as condições para que um grande número de pessoas se tornem consumidores contumazes de álcool. O médico compara o consumo de álcool ao consumo de drogas, afirmando que ambas as ações são autodestrutivas, que têm a mesma raiz, qual seja, a carência afetiva.⁷⁴

Neste caso, conforme Fumagalli, a carência afetiva é uma causa genérica para o consumo de qualquer droga em qualquer comunidade. O estrago do álcool é comparável ao estrago de outras drogas, porém, em Rondon, a droga que preocupa é lícita, estimulada culturalmente e aceita socialmente. Desta maneira, sustenta-se a tese de que a tradição germânica local é responsável pelo perfil do adicto rondonense, que se figura principalmente em torno do consumo de álcool. Mais uma vez o discurso vale-se dos padrões de referência identitária para explicar a problemática local, em sintonia com a tradição germânica predominante.

⁷³ PARA MÉDICO, carências afetivas são as principais causas do consumo de álcool. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 194, p.32, ago.1995.

⁷⁴ *ibidem*.

Uma reportagem, de dezembro de 1995, recorre novamente à problemática do consumo de álcool. Nesta matéria o pastor explica o que acontece quando um cristão bebe. A estratégia agora é reforçar a legitimidade da voz autorizada para posteriormente demonizar a prática de consumo do álcool e firmar sutilmente o discurso da vocação alcoólica do rondonense ligada às tradições locais. Desta forma, o enunciado que inaugura a reportagem apresenta as credenciais do interlocutor, o pastor Mário Hort da Igreja de Deus, alinhando seu *know how* às credenciais de um outro pastor, Joachim Pawelke da Igreja Luterana, que hoje reside na Alemanha, como se a expressividade da figura do pastor Hort fosse insuficiente para tratar com autoridade do assunto proposto:

O pastor Mário Hort, da Igreja de Deus, recentemente agraciado com o título de cidadão honorário de Marechal Rondon (é o segundo pastor a receber a honraria, já que o primeiro foi o pastor Joachim Pawelke, hoje residente na Alemanha, quando trabalhava na comunidade evangélica Martin Luther) analisou o fato do cristão consumir bebida alcoólica.⁷⁵

Fica evidente, que a intenção de reforçar a autoridade do pastor Hort se vale de dois argumentos expressivos para a comunidade local, ou seja, o fato dele ter sido contemplado com o título de cidadão honorário e, como se não bastasse, a evocação da tradição germânica personalizada na figura do pastor Pawelke, alemão, luterano e igualmente cidadão honorário, ou melhor, o primeiro pastor cidadão honorário situado como uma espécie de predecessor.

No decorrer da matéria jornalística o discurso do pastor Hort passa a demonizar o consumo de álcool. A bebida alcoólica, por sua vez, é revestida de um poder maléfico, quase mágico, que não prejudica apenas a saúde física ou moral, mas principalmente impede o acesso do cristão a Deus, transformando-o em um mentiroso que deseja igualar-se ao perverso:

Segundo Mário Hort, quando o cristão bebe água, ele mata a sede e repõe o líquido que falta no organismo, mas, quando passa a consumir bebida alcoólica, seu hálito fica comprometido, sua consciência fica manchada, a esposa não recebe o abraço e mentiras encobrem as verdades. Quando o cristão bebe, seu testemunho de fé fica enfraquecido, suas palavras não têm mais firmeza, suas orações já não sobem a Deus e a sua alma fica aflita e confusa. Ainda de acordo com o pastor, quando o cristão bebe, não deseja ser reconhecido como cristão, seu coração torna-se crítico contra irmãos e

⁷⁵ PASTOR explica o que acontece quando um cristão bebe. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 211, p.40, dez.1995.

logo encontrará motivos para afastar-se do rebanho de Cristo. Indo mais longe, Mário Hort assegura que, quando um cristão bebe, deseja igualar-se ao perverso, sua amizade passa a ser com o ímpio, senta-se na roda dos escarneadores e não mais pode ser feliz e bem-aventurado.⁷⁶

No desfecho da reportagem, em um espaço com fundo escuro destacado do restante da matéria, o conselho do Pastor Hort. A tese de que grande parte do consumo de álcool é de responsabilidade da tradição germânica aparece de forma indireta e sutil, no exato momento em que Hort faz menção a abertura da *Oktoberfest*, na qual um caminhão pipa percorre a cidade distribuindo chope gratuitamente. Esses são tachados pelo pastor de traficantes de bebidas alcoólicas responsáveis por drogar menores inocentes:

Mário Hort recomenda para que ninguém seja defensor da bebida alcoólica. Os dias mudaram. Vivemos numa violenta avalanche de propagandas e de incentivos para beber e fumar. O primeiro gole é oferecido gratuitamente nas ruas, em caminhões pipas, carregados de bebidas alcoólicas, mas, entre as vítimas, estão menores inocentes, que são drogados pelos traficantes de bebidas alcoólicas, às vezes, pela própria comissão organizadora da festa da igreja ou da prefeitura.⁷⁷

É importante notar o paradoxismo presente na demonização do consumo de álcool pela representação da imprensa local. No momento em que o consumo de chope, enquanto ícone da tradição germânica, é posto como elemento nocivo à sociedade, o próprio discurso de germanidade é reforçado, pois se recorre a ele para explicar o problema social. Desta forma, consolida-se a noção de que, na cidade germânica, o primeiro e mais problemático consumo de drogas está diretamente relacionado ao álcool devido ao incentivo cultural da tradição alemã. Esta noção ainda é recorrente nos discursos atuais de algumas autoridades locais, como exemplifica o trecho da entrevista do coordenador do PROERD⁷⁸, o soldado Rannov:

A própria tradição germânica é uma sociedade assim, muito aberta aos visitantes, nas nossas festas, “ah, Marechal Rondon é um lugar muito bom de se festar e tudo mais e recebe muito bem os seus turistas”... A grande preocupação nossa aqui em Rondon e principalmente minha é que começa

⁷⁶ ibidem.

⁷⁷ Ibidem.

⁷⁸ Programa educacional de resistência às drogas e à violência. O PROERD é um programa nacional da polícia militar implantado com a parceria das prefeituras locais. Em Marechal C. Rondon é o único programa que conta com a participação direta do poder público em relação a prevenção contra o uso de drogas. No município não existe nenhum programa público de assistência ao adicto.

no álcool na verdade, o álcool é, vamos dizer assim, uma das portas de entrada e se começa muito cedo aqui em Marechal.⁷⁹

A tonalidade do discurso não mudou muito nos anos seguintes. *O Presente*, no ano de 2006 começa recitando a mesma nota: “em Marechal Rondon, cidade conhecida pelas suas festas, que estimulam o consumo de bebida alcoólica, o número de alcoólatras é bastante elevado”.⁸⁰ Afirmação feita por Davi Hoffmann no papel de presidente do ARA,⁸¹ em uma matéria que informava sobre o reinício das reuniões da instituição.

Porém, a partir de uma intensificação do trabalho da polícia civil em favor do combate ao consumo e distribuição de drogas, um novo cenário começa a se configurar. A discussão sobre outros tipos de drogas, de forma especial a maconha e a cocaína, ganham espaço na imprensa jornalística local, possibilitando uma maior visibilidade por parte da população a cerca do perigo das drogas ilícitas.

Uma reportagem, de janeiro de 1996, apresenta-se como o prenúncio do que foi a tônica do trabalho da polícia civil rondonense nos anos seguintes. Várias investigações e estratégias, no sentido de combate ao tráfico de drogas no município, iniciaram-se a partir daquilo, que a imprensa denominava de uma declaração de guerra entre polícia rondonense e traficantes de drogas:

A polícia civil de Marechal Rondon, sob o comando do delegado Nelson Bellincanta, está realizando um forte trabalho no combate ao tráfico de drogas no município. Nos últimos meses já foram presos quatro dos principais distribuidores das “ervinhas”, sendo que destes, dois foram pegos em flagrante há cerca de uma semana. Conforme o delegado, as investigações continuam e, nos próximos dias novas prisões podem ocorrer.⁸²

O destaque da notícia deve-se ao fato de que, não apenas foram presas pessoas portando drogas o suficiente para caracterizá-las como traficantes, mas também todo um esquema de comércio de drogas foi desbancado. Esquema, no qual, um bar conhecido como *O Costelão* era usado como fachada para o comércio de drogas, principalmente maconha e cocaína. O proprietário do *O Costelão*, Ivaldino Correia da Silva, foi preso em flagrante com

⁷⁹ RANNOV, Ito dari. *Transcrição de entrevistas/acervo pessoal*. Marechal Cândido Rodon, 05 jul. 2006, p.161.

⁸⁰ ARA reinicia reuniões hoje à noite. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 214, p.28, jan.1996.

⁸¹ Associação de Recuperação de Alcoólatras. Entidade privada de Marechal C. Rondon, que funciona a base de auxílio dos clubes de serviços e da comunidade local.

⁸² POLÍCIA RONDONENSE declara guerra aos traficantes de drogas. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 214, p.32, jan.1996.

24 gramas de cocaína. A exemplo de Ivaldino da Silva, outro traficante preso em flagrante, em sua própria casa, foi Belmiro Rodrigues que portava 193 gramas de maconha.

Estas prisões ocorreram, segundo o delegado Bellincanta, devido ao trabalho de meses de investigação e pistas coletadas através de relatos de informantes. Bellincanta, naquele momento, era delegado interino de Rondon e em poucos dias, após estas prisões, deixou o cargo em favor do delegado de carreira Rubens da Silva Filho, que por sua vez, não teve tempo suficiente para mostrar seu trabalho, ficando apenas alguns meses no cargo.

Em 1997 assumiu o novo delegado Antonio Brandão Neto. O delegado Brandão, como era conhecido, retomou os trabalhos do delegado Bellincanta, e chegou anunciando o que ele denominava de “uma cruzada contra as drogas”. Em nota curta no jornal, em julho de 1997, Brandão convocava os pais para atentarem ao fato de seus filhos estarem consumindo drogas, pois, conforme o delegado, o consumo de drogas, principalmente de maconha, estava crescendo assustadoramente no município e o trabalho de repressão da polícia seria em vão se os pais não orientassem seus filhos em relação ao “perigo das drogas”.

No mês seguinte, o jornal anunciava em sua coluna policial que em apenas uma semana a polícia rondonense havia apreendido três consumidores e dois traficantes portando 200 gramas de maconha. Nesta matéria, de 22 de agosto, o delegado Brandão reforçava o fato de a polícia civil estar intensificando o combate ao tráfico e consumo de drogas no município e apresentava as prisões como “os primeiros resultados de investigações que vêm sendo desenvolvidas pelos agentes da polícia rondonense”.⁸³ Desta maneira, o delegado Brandão Neto, afirmando serem **estas prisões os primeiros resultados das investigações**, não somente comprometia-se a dar continuidade ao trabalho de combate às drogas em Rondon, como também assumia os créditos das investigações iniciadas pelo trabalho do delegado Bellincanta.

Ainda na mesma edição de 22 de agosto, em matéria curta, *O Presente* anunciava uma palestra sobre drogas promovida pela Igreja Quadrangular com o objetivo de “contar e alertar os jovens sobre as conseqüências do mundo das drogas.” O chamariz que anunciava a matéria mexia com a curiosidade da população ao anunciar que “Ex-traficante internacional de drogas e ex-modelo da Playboy fazem depoimento sobre suas vidas em Marechal Rondon.”⁸⁴

⁸³ POLÍCIA RONDONENSE intensifica o combate ao tráfico e consumo de drogas. *O Presente*, Marechal C. Rondon, n° 298, p.43, ago.1997.

⁸⁴ *ibidem*, p. 40

Tratava-se, de Luiz Carlos Leite, um traficante do Rio de Janeiro que chegou a ser seqüestrado por grupos de extermínio e depois de condenado pela justiça passou muitos anos na prisão e de Débora Soares, modelo da Playboy e Garota do Fantástico. Ambos trocaram suas carreiras e passaram a ministrar palestras sobre suas vidas, realizando campanha contra o uso de drogas.

Intensificação do trabalho da polícia, alertas e matérias recorrentes na imprensa, palestras e depoimentos de pessoas envolvidas com drogas, são instrumentos que sensibilizaram a opinião pública para a existência em Rondon de tráfico e consumo de drogas ilícitas a níveis apontados como alarmantes. Desta maneira, a partir de 1996, com o trabalho de investigação ao tráfico de drogas, assumido pela polícia civil de Rondon e com o espaço conferido na mídia local, atribuindo ênfase ao assunto, o discurso do álcool como sendo o principal representante do problema de consumo de drogas local, embora não mude, cede espaço ao discurso que atenta para o fato das drogas ilícitas aparecerem também enquanto um problema social.

Ainda em agosto de 1997, na edição seguinte daquela que trouxe a matéria das apreensões dos consumidores e traficantes, o jornal *O Presente* publica uma entrevista com o delegado Brandão Neto. A manchete, “Em breve também iremos prender os tubarões do tráfico”, que anuncia a entrevista valendo-se de uma fala do delegado, logo de início reforça o compromisso de Brandão Neto, em relação ao combate ao tráfico de drogas no município. No decorrer de toda a entrevista o assunto presente é justamente a questão do combate ao tráfico de drogas em Rondon, tônica do trabalho da polícia civil desde as investigações do delegado Bellincanta.

No decorrer da entrevista o delegado Brandão reafirma a tese de que Rondon possui problemas com o consumo de álcool devido às festas e tradições culturais, porém agora, uma nova perspectiva envolve a questão das drogas no município, aquela que aponta para o consumo de drogas ilícitas devido Rondon ser uma região de fronteira:

Nossa cidade, por enquanto, não é considerada um ponto de distribuição, mas sim, de consumo de álcool e substâncias entorpecentes, certamente devido às tradições e festividades, quanto ao álcool e proximidade com o Paraguai e outros Estados, em relação às drogas.⁸⁵

⁸⁵ “EM BREVE também iremos prender os ‘tubarões’ do tráfico”. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 299, p.31, ago.1997.

O delegado Brandão não considerava Rondon como um ponto de distribuição de drogas, mas afirmava que o consumo das mesmas havia atingido números preocupantes. Polemizando ainda mais o seu discurso, Brandão prometia prender, não somente pequenos usuários mais também grandes traficantes, “os tubarões do tráfico”, e para isso contribuía as denúncias feitas pelas denominadas “pessoas de bem” em uma espécie de *Disk* denúncia, criado pelo delegado:

O consumo de álcool e substâncias entorpecentes envolvendo crianças e adolescentes em Marechal Cândido Rondon é preocupante e tem chamado a atenção de toda a sociedade...Nesta semana, conclamamos as pessoas de bem para que ligassem para a Delegacia no fone 254-1400 e denunciassem o tráfico, consumo, etc., e tivemos uma boa receptividade. Novas prisões serão efetuadas, inclusive entre as camadas mais elitizadas, onde o consumo é mais seletivo. Em breve, além dos ‘peixes pequeninos’ estaremos tirando de circulação os ‘tubarões’, que além de viciados, corrompem nossos jovens e os utilizam na distribuição das drogas.⁸⁶

Todo este alarde da imprensa, valendo-se do discurso dos referidos delegados, principalmente quando fazem uso de expressões como “prisão de traficantes”, “tubarões do tráfico”, remete-me a fala de um dos meninos, no documentário de *MV Bill - Falcão Meninos do Tráfico* – quando ele afirma que: “se acabar o crime tem que acabar com a polícia”. Naquele momento o menino do documentário referia-se a propina paga a polícia pelos traficantes do morro, em dinheiro, drogas e armas, que servia para complementar o baixo salário dos policiais. Em Rondon não havia ainda, naquele momento, volume suficiente de tráfico que possibilitasse a polícia extorquir propinas. Porém o alarde da imprensa, por meio de expressões ficcionistas, transmite a imagem de uma polícia atuante em função de um problema real. Não se trata da não existência do problema de consumo de drogas em Rondon, porém tal problema é redimensionado a uma realidade de cidade grande e posto como principal empenho do trabalho da polícia local para figurar a imagem de uma polícia em atividade, ou seja, em pleno exercício de suas funções.

Para além do discurso, o trabalho efetivo da polícia civil, em poucos meses de trabalho do delegado Brandão, a rigor, foi a apreensão de uns poucos consumidores e dois pequenos consumidores/traficantes, aqueles que compravam um pouco a mais do que consumiam para repassar aos demais consumidores e pela quantidade de droga que portavam, em torno de

⁸⁶ ibidem.

duzentas gramas de maconha, também foram enquadrados como traficantes. Esta constatação fará parte do próprio discurso do delegado Brandão em uma reportagem de 98, na qual ele afirma não existir grandes traficantes em Rondon, mas apenas os consumidores/traficantes, como veremos mais adiante.

Na fala mais lúcida do delegado Brandão, ainda referindo-se a entrevista de 97, quando questionado sobre o tipo de droga mais consumida em Rondon, o delegado estabelece uma hierarquia no consumo de drogas local, na qual, ainda indica como principal problema o álcool ligado às tradições, seguido do consumo da maconha e em casos esporádicos o consumo de cocaína. Quanto a outro tipo de drogas como crack e êxtase, somente anos depois passaram a fazer parte do hall de preocupações das investigações policiais:

As crianças e adolescentes, na maioria das vezes, infelizmente, são iniciadas na sua própria residência. Quantos pais já pegaram os seus filhos no colo, ainda na tenra idade, e ofereceram um ‘golinho’. Afora o tabagismo e o alcoolismo, temos notado que há um acentuado consumo de maconha. Uns poucos consomem cocaína. Quanto às drogas mais potentes, ainda não temos conhecimento de que estão sendo consumidas em Marechal Cândido Rondon.⁸⁷

A rigor, é a partir do ano de 1996, que a população rondonense desperta para a existência de um relevante consumo de maconha no município, além é claro, da já tradicional preocupação com o excessivo consumo de álcool, reafirmada no discurso do delegado Brandão Neto. É importante lembrar que o projeto de remodelação da praça central Willy Barth, atualmente um dos principais locais da cidade utilizados para consumo de álcool e maconha, foi inaugurado em 1995, possibilitando no decorrer do tempo a visualização por parte da população, de grupos de usuários de drogas que freqüentavam aquele local.⁸⁸

O delegado Brandão encerra a entrevista de 97, convocando toda a população rondonense, todas “as pessoas de bem”, para se unirem ao que ele define de “mutirão” contra as drogas. Se por um lado, o delegado estabelece o problema das drogas como sendo preocupante, por outro, ele afirma que o diferencial de Rondon centrava-se no fato de toda a comunidade estar preocupada e envolvida para resolver tal problema e conclui afirmando que “novidades em breve serão anunciadas, em especial em relação às festividades de outubro (Oktoberfest 97)”. Desta maneira, constitui-se o cenário segundo o qual o problema do

⁸⁷ Ibidem.

⁸⁸ esta questão será discutida com maior pontualidade no capítulo III.

consumo de drogas no município é grave, a população está empenhada para resolver este problema e ele se manifesta de forma particular na principal expressão da cultura germânica local, ou seja, a Oktoberfest.

Fica evidente que a questão das drogas no município, proferida na voz de diferentes autoridades municipais, está diretamente associada à cultura e tradições locais, de forma especial a realização da Oktoberfest, o que possibilita também disputas políticas na medida em que a própria Oktoberfest é utilizada também enquanto propaganda política. De outra maneira, na medida em que, direta ou indiretamente, se condena a Oktoberfest, ao mesmo tempo roubam-se os créditos de seus principais organizadores, ou seja, o poder público representado em última instância pelo prefeito da situação. A Oktoberfest, de festa tradicional, no discurso da imprensa, transforma-se em problema social.

2.2 A Oktoberfest enquanto um problema.

Os primeiros rumores que apontam para a tradicional festa de outubro enquanto um problema social, aparecem no discurso da imprensa afirmando que a CCO - comissão central organizadora do evento - pretendia moralizar a *Oktoberfest*. A rigor trata-se de uma nota curta, de outubro de 1993, para informar as datas dos eventos que antecedem a festa principal, conhecidos como *pré-Oktoberfest*, na qual Ariston Limberger, vice e futuro prefeito, naquele momento também na função de presidente da CCO, aproveita para demonstrar a preocupação da comissão organizadora em melhorar a festa, elevando o seu nível moral, já que, segundo Limberger, “existia uma certa desmotivação para a festa que acabava se transformando apenas em ato de consumo de bebida”.⁸⁹

A festa de 1993, em sua sétima edição, vivenciava um momento de empolgação pelo seguido sucesso e crescimento do evento, a ponto de a festa de 1995 já ser considerada por populares, a mais animada de todas as que a antecederam. A “certa desmotivação” anunciada pelo vice-prefeito em 1993, dois anos mais tarde se transformara em protesto veemente na imprensa. O fato é que a referida desmotivação estava diretamente associada a

⁸⁹ CCO quer moralizar Oktoberfest. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 211, p.40, dez.1995.

consumo excessivo de álcool, remetendo-nos novamente aquela versão, segundo a qual, um dos principais problemas sociais de Rondon é o consumo de uma droga lícita vinculado ao incentivo produzido pelos costumes e tradições locais e tendo como ícone a realização e o sucesso da tradicional festa de outubro. Limberger, enquanto presidente da comissão organizadora, já sofria os apelos desse discurso, porém é durante o seu mandato (1997-2000) no papel de prefeito municipal que ele terá de enfrentar os mais duros protestos.

Dois meses antes da realização da *Oktoberfest* de 1995, aproveitando o ensejo da festa do município realizada naquela semana, o diretor do jornal *O Presente*, Arno Kunzler, retoma a questão da necessidade de repensar a tradicional festa de outubro que se apresentava enquanto um problema, justamente pelo incentivo ao grande consumo de álcool. Kunzler questiona se o critério de sucesso da festa deve ser a conotação cultural a qual ela representa ou se, de outro modo, o sucesso deve continuar sendo medido pela farra do desenfreado consumo de álcool:

Nessa semana, em que saímos de uma grande festa do município, devemos reiniciar nossa análise crítica sobre que Oktoberfest que queremos. Vamos medir o sucesso da festa se forem vendidos acima de 80 mil litros de chopp, e pelo contrário, um insucesso, se as vendas ficarem nos 50 mil? Será esse novamente o critério para medir a festa, ou será que vamos encontrar mecanismos culturais e recreativos para atrair nossas satisfações e também o interesse comercial. Seremos felizes vendendo 80 mil litros de chopp e assistir milhares de jovens embriagados dirigindo perigosamente pelas ruas da nossa cidade e pelas estradas que dão acesso ao município? É hora de colocar nossa imaginação em funcionamento, pedir opiniões a entidades religiosas e associações, que podem mudar os rumos dessa festa, deixando que ela represente uma imensa dor de cabeça para milhares de pais.⁹⁰

O fato de Kunzler convocar a sociedade organizada para mudar “os rumos da festa” para que ela deixe de representar “uma imensa dor de cabeça” aponta para a noção que apresenta a mais tradicional festa rondonense enquanto um problema social que precisava ser urgentemente repensado. Esta noção é reforçada no final do discurso de Kunzler quando ele utiliza como exemplo a experiência de um jovem rondonense que estava fazendo intercâmbio nos Estados Unidos e ao receber uma fita com gravações de seus amigos participando da *Oktoberfest*, escondeu a tal fita para que a família que o acolheu nos EUA não viessem a saber como os jovens de Rondon se divertem, pois nos Estados Unidos, continua Kunzler, a bebida alcoólica é proibida para menores e para se pedir uma cerveja em qualquer bar é necessário ter

⁹⁰COLUNA Arno Kunzler. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 190, p.03, jlh.1995.

a identidade em mãos, o diretor conclui sua opinião desferindo: lá é primeiro mundo.

Desta maneira, além de situar a Oktoberfest enquanto um problema social, Kunzler indiretamente caracteriza a festa enquanto ocasião de constrangimentos para a cultura de países “mais avançados”, ou seja, agora além de problema social a festa de outubro é também ocasião de vergonha e atraso cultural. A crítica de kunzler encontrará maior eco no período pós-Oktoberfest, daquele ano e do ano seguinte.

No ano de 1995, imediatamente após a nona edição da *Oktoberfest*, a coluna *Tô de olho*, uma espécie de espaço do jornal *O Presente* reservado a vigilância e denúncia social, dedica-se inteiramente, através de várias notas curtas, à críticas a festa de outubro. As diversas notas denunciavam o excesso de consumo de álcool, a imoralidade da festa com flagrantes de diversas “cenas libidinosas”, o banho de chope e urina promovido no meio do salão por certos “engraçadinhos”, o consumo de drogas como o lança-perfume, os acidentes ocorridos em rodovias próximas a Rondon e que foram provocados por pessoas embriagadas que voltavam da *Oktoberfest*, a presença de menores consumindo chope, as brigas da madrugada de domingo que ocorreram no meio do salão e que foram exibidas ao vivo pelo telão e a falta de espaço e ventilação do salão. A última nota da coluna reforça a convocação de Kunzler para que a festa seja repensada, quando afirma: “Por tudo que apareceu nesta festa, não é preciso dizer que a Oktoberfest precisa de série de mudanças, principalmente, de segurança e moral”.⁹¹

Embora a coluna *Tô de Olho* estabeleça a necessidade de moralização da festa como fato dado, uma reportagem na edição seguinte que recorre a opinião de populares, frequentadores da festa, demonstra elogios e entusiasmo por parte de comerciantes e foliões. Alguns afirmaram que a festa de 95 foi a mais animada, que a organização estava perfeita, que o comércio também lucrou com o aumento nas vendas sendo que os pontos negativos remetiam-se ao banho de chope no meio do salão e as eventuais brigas ocasionadas, mas em nenhum momento houve a crítica tradicional ao excessivo consumo de chope, questão que seria retomada após a festa de 1996.

Uma matéria de 25 de outubro de 1996, dois dias antes do término da décima edição da *Oktoberfest*, recorre novamente, através da manchete “Conheça o outro lado da Oktoberfest”, a questão que aborda a festa de outubro enquanto um problema social,

⁹¹ COLUNA tô de olho. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 204, p.07, nov.1995.

retomando também a necessidade de repensá-la. O início do artigo apresenta o objetivo para o qual a festa de outubro foi criada para posteriormente demonstrar o desvirtuamento sofrido pela festa de seu objetivo inaugural:

Embora a Oktoberfest seja uma festa que vise resgatar as tradições e os costumes do povo germânico, cuja cultura predomina em Marechal Rondon e microrregião, aos poucos vai ocorrendo uma distorção destes objetivos, principalmente se observados os aspectos éticos e moral, inclusive, existentes na cultura alemã.⁹²

Desta maneira, a idéia da festa enquanto “resgate da tradição predominante” remete-nos ao discurso oficial servindo de base para aquilo que a festa deveria ser e que, no entanto, não o é. A festa, segundo o discurso da referida imprensa, deveria ser afinada aos preceitos éticos e morais presentes na tradição alemã que, por sua vez, não correspondem exatamente a diversidade de experiências vivenciadas pelos foliões, dentro e fora dos salões.

A relação que os foliões estabelecem com a própria cidade dita germânica, no decorrer da festa também germânica, segundo o discurso da imprensa, destoa dos padrões morais e éticos da cultura predominante, já que a *Oktoberfest* estava em vias de se transformar em uma “festa de bebedeira e sexo generalizado”. Não demorou, para que a culpa do desvirtuamento da festa, de seus objetivos originais, fosse atribuída a um outro, um não germânico, o “de fora”:

A invasão de turistas que Marechal Rondon sofre a cada ano (e sempre em maior número) está sendo aproveitada de forma diminuta. Reclamações são feitas no sentido de que muitos vêm para cá, fazem algazaras, sujam a cidade e vão embora. Para o povo e o poder público rondonenses sobra a sujeira para ser limpada. Ingressos não são cobrados e a avaliação do sucesso da iniciativa baseia-se no consumo de litros de chope.⁹³

Além da já tradicional crítica do excessivo consumo de álcool agora também a imprensa ataca, como motivo de desvirtuamento da *Oktoberfest*, a orgia sexual. A prova de que a festa estava “começando a fugir da verdadeira finalidade”, são os diversos cartazes espalhados na festa incentivando o uso de camisinhas, os acidentes provocados por bebedeiras e os “atos libidinosos praticados, muitas vezes, às claras, sem o menor constrangimento”,

⁹² CONHEÇA o outro lado da Oktoberfest. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 255, p.40, out.1996.

⁹³ *ibidem*.

gerando inclusive protestos contra a libertinagem, por parte da população residente nas proximidades da festa. Assim apresenta-se a idéia de que a verdadeira *Oktoberfest* é aquela que respeita os preceitos ético/morais da tradição alemã, e não a festa desregrada promovida pelos “de fora”. Astutamente condena-se o problema da festa preservando-se e reforçando a homogeneidade da cultura predominante local.

Na edição seguinte, o jornal *O Presente* faz da crítica a *Oktoberfest* seu tema principal, desde a manchete em destaque na primeira página, passando pelo editorial e pela coluna de denúncia social, até assumir a posição de representante da opinião pública, no momento em que recorre a diversas matérias para afirmar que a população rondonense deseja repensar a tradicional festa de outubro.

Logo de início na manchete da capa, a idéia de desvirtuamento da festa ocasionada “pelos de fora”, elaborada na edição anterior, é reforçada. A dimensão do problema se estende mais propriamente a cidade do que aos salões nos quais os bailes são realizados:

A concentração excessiva de milhares de pessoas na cidade, sobretudo após o término dos bailões, quando já estão embalados pelo álcool, mostra que a cidade não tem estrutura suficiente para receber tal contingente. Os excessos praticados pelos foliões (muitos já os chamam de baderneiros) estão deixando preocupados os rondonenses.⁹⁴

É importante perceber a dicotomia básica que enreda o discurso da imprensa. Postula-se o tipo ideal, cidadão rondonense, integrado a “verdadeira” cultura germânica local, imbuído inclusive de seus preceitos morais e éticos, preocupado com os rumos que a festa havia tomado, e os “de fora”, os foliões, baderneiros que estavam “deixando preocupados os rondonenses”.

A rigor, o que está em jogo é a relação com a cidade e a relação com os da cidade. Porém, “a cidade” no singular, só tem razão de ser se considerarmos a cidade mistificada, construída simbolicamente em torno da cultura alemã, pois a cidade real, vivida, é heterogênea demais para comportar tal discurso. Assim os “de fora” não são exatamente os que residem em outro município, mas os que não se afinam aos preceitos da cultura dominante local, até porque muitos “foliões baderneiros” certamente são residentes em Rondon. É justamente a estes, “de fora” dos padrões éticos/morais da cultura alemã, que indiretamente é atribuída a

⁹⁴ RONDONENSES querem que Oktoberfest seja repensada. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 256, p.01, nov.1996.

culpa pelo desvirtuamento da tradicional festa de outubro.

No editorial desta mesma edição, de novembro de 1996, intitulado como “O futuro da Oktoberfest”, a retórica dos “de fora” é reforçada e evidenciada com maior clareza. Logo no primeiro parágrafo a problemática que clama pela reformulação da festa refere-se diretamente a aparência dos que vem para participar da festa: “Olhando para a fisionomia das pessoas que nos últimos anos vêm para nossa Oktoberfest, cada vez em maior número, é de se supor que o futuro do evento precisa ser urgentemente repensado.”⁹⁵ Esta primeira frase sugere o estranhamento da aparência dos “de fora” e a conseqüente reformulação da festa que deveria proceder-se, baseando-se apenas no tipo físico dos estranhos.

No entanto a matéria prossegue caracterizando também a postura dos “de fora”, os inconvenientes que são atraídos para Rondon devido ao clima festivo, porém, sem integrar-se a “motivação folclórica” local, mantendo suas práticas incoerentes:

O evento, ao invés de atrair pessoas que vêm apenas para dançar e se divertir, aproveitando a motivação folclórica, o tipo de música, o espaço físico e as apresentações culturais, está atraindo baderneiros, que vêm em bandos, grande parte drogados e quase todos embriagados. O evento não foi instituído para atrair esse tipo de gente, que, a cada ano, mais representa uma ameaça para restaurantes, hotéis e a própria integridade física e moral da população. Onde se encontram dois ou três grupos, o ambiente é literalmente dominado por uma gritaria, que não é alegria ou felicidade, mas uma grande anarquia, que ameaça a tolerância dos rondonenses. As famílias, que nos primeiros anos participavam da Oktoberfest, brincando e dançando a noite inteira, já não estão indo, e, muitas já nem permitem que seus filhos freqüentem o local. Queremos pessoas que venham consumir e se divertir conosco e não que venham inibir os rondonenses e o povo ordeiro da região para realizar uma festa animada, sim, mas dentro dos limites de tolerância possíveis.⁹⁶

O fato é que o problema posto, que ameaça os “rondonenses”, não se refere diretamente aos que “vêm de fora”, mas sim, aos que “são de fora”, com a fundamental diferença de que o importuno são as práticas daqueles que não se balizam pelos padrões ético/morais próprios da cultura germânica. São os “de fora” do circuito que visa assegurar a predominância cultural alemã.

A caracterização da tipologia dos “de fora”, por sua vez, postula-se pela

⁹⁵ O FUTURO da Oktoberfest. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 256, editorial, p.21, nov.1996.

⁹⁶ *ibidem*.

barbarização do outro, pelo estranhamento do diferente, não são “grupos de pessoas”, mas os que “vêm em bando” como se fossem animais, são baderneiros, bêbados e drogados, uma verdadeira “ameaça para a integridade física e moral da população” e também uma “ameaça para a tolerância dos rondonenses”, são os “estranhos no ninho”, responsáveis por “inibir os rondonenses” e afastar as tradicionais famílias da festa.

A matéria prossegue afirmando ser um risco para a “juventude rondonense” entrar em contato “com essa gente”, desta maneira, firma definitivamente a figura de um “tipo ideal”, o cidadão germânico, que não é necessariamente aquele que reside no município, mas sim aquele que se mantém afinado, tanto com as práticas culturais alemãs, quanto com a moralidade da cultura germânica:

Como eles vêm na festa em bandos, muitos drogados e embriagados, fica difícil para manter a ordem na cidade e mais difícil ainda, para os nossos jovens, que acabam sendo colocados em contato com essa gente que vem de várias cidades da região, formando um contingente de 5 ou 10 mil pessoas que aqui se encontram para fazer baderna, como se isso aqui fosse terra de ninguém. É um péssimo exemplo para os nossos jovens. Enquanto eles estão na festa, vai tudo bem. Dançam, bebem, dormem nos cantos do bosque, comem e voltam a dançar, beber e fumar. O problema está sendo quando acaba a festa. Não temos hotéis, campings, banheiros e restaurantes para acomodar 5 mil pessoas. Eles acabam fechando as ruas da cidade, onde estacionam os carros, dormem, defecam, urinam, bebem e dançam o dia inteiro, faltando com o respeito e provocando quem quer que tente passar por ali. Eles simplesmente tomam conta da cidade. Isso não é turismo. Isso é expor nossa sociedade, especialmente os nossos jovens, ao que de pior existe nas maiores cidades, próximas daqui.⁹⁷

Mais uma vez, a situação problema é remetida para além da festa nos salões. É um problema que diz respeito ao espaço da cidade, não a cidade de todos, heterogênea por definição, mas a relação que os “de fora” estabelecem com a cidade ideal, com a festa ideal, com a cultura ideal, com suas práticas e preceitos ideais, o germanismo latente que visa a coerência social através do aparelhamento das relações, para solidificar uma cidade homogênea, em torno de uma cultura dominante.

Ainda nesta mesma edição do jornal *O Presente*, duas entrevistas, de modos diferentes, reafirmam a necessidade de repensar a *Oktoberfest*. A primeira delas, com o prenúncio “Oktoberfest começa a ser questionada por rondonenses”, recorre novamente a

⁹⁷ Ibidem.

opinião de populares para reforçar a tese de desvirtuamento da festa.

O tom do discurso agora se suaviza. Existe uma parcela da população, em grande parte comerciantes, que se dizem satisfeitos com a Oktoberfest pelos lucros que a festa lhes proporcionou e outra parte da população que “mostram-se revoltados pelos abusos cometidos pelos visitantes e até mesmo por pessoas de Marechal Rondon”.⁹⁸ Os descontentes com a festa são principalmente os moradores das proximidades do parque de exposições e da avenida Rio Grande do Sul, onde se concentram os foliões no decorrer e após a festa, respectivamente.

A novidade, nesta matéria, é que há o reconhecimento de que não é a totalidade da população que se encontra descontente com a festa, mas principalmente as pessoas que possuem empreendimentos ou moradias próximos aos locais nos quais se concentram os foliões. Também o fato de reconhecer que parte dos foliões baderneiros são pessoas que residem em Rondon, como demonstra a fala de Gueterino Ceccatto, morador da avenida Rio Grande do Sul: “Os organizadores da Oktoberfest precisam tomar providências. O que a moçada está fazendo é pura sem-vergonhice. Urinam sempre nas nossas casas e não adianta dizer que são os visitantes porque os rondonenses fazem o mesmo.”⁹⁹

Fica evidente que o problema é redirecionado principalmente para o término da festa nos salões, quando os foliões estendem a festa para os domínios públicos da cidade, de forma especial a Avenida Rio Grande do Sul. Acontece que o fato de os jovens se concentrarem na avenida antes e depois dos bailes não é consequência da falta de estrutura para abrigar os que vêm de fora, mas remete-se a uma prática usual da própria juventude rondonense que, conforme uma reportagem de novembro de 95, busca semanalmente a avenida como opção de lazer:

Por não encontrarem o que fazer, jovens rondonenses reúnem-se, principalmente aos domingos, em determinados trechos da Avenida Rio Grande do Sul e da Avenida Maripá (os espaços já foram apelidados de bobódromos) onde ouvem música em alto volume, consomem bebida alcoólica, flertam e conversam banalidades.¹⁰⁰

A convocação na reportagem anterior para que a “população ordeira da região”

⁹⁸ OKTOBERFEST começa a ser questionada por rondonenses. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 256, p.14, nov.1996.

⁹⁹ *ibidem*.

¹⁰⁰ JOVENS reclamam da falta de programa e reúnem-se nos “bobódromos” nos finais-de-semana. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 206, p.29, nov.1995.

faça a “verdadeira” festa acontecer e o reconhecimento de que parte dos foliões baderneiros, ditos “de fora”, são residentes em Rondon, são apelos que evocam novamente a real dimensão do problema, ou seja, o incomodo se processa mais pela postura daqueles que não se integram totalmente aos preceitos morais da cultura local, do que, necessariamente, por aqueles que simplesmente vêm de outros municípios.

Indiretamente, o que está em jogo não é o local de procedência dos foliões, mas a postura incoerente destes em relação a proposta inicial da Oktoberfest, a de “resgatar a predominante cultura germânica do município”. Desta maneira condenam-se as atitudes alheias daqueles que se valem da festa para por em prática suas “sem-vergonhices”, ao passo que, a própria festa é preservada por sua caracterização enquanto parte da cultura local. Logo, a noção presente no discurso, é de que a proposta da festa é boa, pois conta com a salvaguarda cultural definida pelos preceitos morais da tradição germânica, porém, o lado ruim, é a perversão da festa por aqueles que estabelecem práticas que não combinam, aqueles que se encontram do lado de fora das cercas simbólicas que delimitam o território da cultura predominante local.

Costa, em seus estudos sobre microterritorializações urbanas, evidencia justamente esta problemática, quando afirma:

Toda identidade implica uma territorialização, assim como a territorialização permite a permanência identitária... As identidades, assim, disputam seu lugar no espaço, procuram se territorializar, definindo as pessoas pertencentes àquele grupo e àquele território, segregando-se dos outros ou sendo segregadas.¹⁰¹

A rigor, a formulação identitária germânica é reforçada pela preservação da festa e pela condenação das posturas incoerentes. A partir de 1997, através de uma reunião envolvendo a associação comercial e a prefeitura, a Oktoberfest passa a ser repensada a partir do reforço da perspectiva econômica, como um negócio lucrativo para a classe empresarial do município, inclusive com a contratação de um especialista na área de marketing como subsidio aos empresários para que pudessem obter maior proveito comercial da festa. Outra visão da Oktoberfest também se firma definitivamente, aquela que procura estabelecer enquanto

¹⁰¹ COSTA, Benhur Pinos da Costa. As relações entre os conceitos de território, identidade e cultura no espaço urbano: por uma abordagem microgeográfica. In: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto L. (org.). *Geografia: temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. p. 87

objetivo principal da festa “a valorização das características culturais e folclóricas” em detrimento do foco que incentiva o consumo exagerado de chope.

Quanto aos abusos cometidos pelos “foliões indesejáveis” algumas medidas foram adotadas pela comissão organizadora como, por exemplo, promover um concurso de som automotivo para “atrair os festeiros” e instalar na avenida Rio Grande do Sul um palco com apresentações culturais e folclóricas, com o intuito de “disciplinar a diversão das pessoas para que não ocorram abusos”.¹⁰² Assim, ao mesmo tempo em que as manifestações da cultura alemã são promovidas justamente na avenida na qual se concentram os foliões, antes e depois da festa nos salões, engloba-se enquanto evento da festa, restringindo-se a um espaço delimitado, uma prática estranha a cultura germânica, ou seja, uma disputa de som automotivo anteriormente considerada como um dos abusos cometidos na avenida. É importante perceber que a iniciativa da comissão organizadora da festa não visa estabelecer uma circularidade cultural, mas sim, disciplinar a postura dos “foliões incoerentes”.

A partir de 1997 são estas as características que irão ditar o tom da festa, ou seja, a valorização cultural e folclórica, a contenção dos “foliões indesejáveis” e o fortalecimento da perspectiva econômica. O investimento do capital público na Oktoberfest, visando o retorno econômico para o município e, é claro, a projeção política proporcionada pelo evento, foi um dos marcos também da atual gestão, comprovado pela recente inauguração de um projeto milionário, o novo centro de eventos, todo em estilo enxaimel com suas fachadas representando várias regiões da Alemanha, uma área coberta de aproximadamente 6.200 metros quadrados, tanto para a realização da festa do município quanto principalmente para a realização da tradicional festa de outubro.

2.3 O tipo ideal e os sujeitos adictos.

Da construção do discurso de germanidade, desde o processo de colonização até a afirmação simbólica do município, configura-se a imagem do “tipo ideal”, ou seja, o “sujeito legitimado” que porta as características peculiares da cultura germânica local, sendo, portanto,

¹⁰² TRADIÇÃO GERMÂNICA em destaque. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 408, p.35, out.1999.

contemplado com o título de autêntico cidadão rondonense.

Os elementos que caracterizam o “tipo ideal” se encontram nos indícios do discurso de seletividade do elemento humano durante o processo de colonização e na contínua valorização e preservação de características próprias ao processo de germanização, presentes na firmação emblemática do município, da mesma forma como Laverdi averigua no decorrer de sua investigação sobre os processos sociais da afirmação de um “outro”, constituinte das experiências de trabalhadores que migraram para o município de Marechal Rondon:

Na literatura mais ampla dessa produção acadêmica, pude constatar uma dualidade estratificadora do tecido social profundamente enraizada. Esta questão era sustentada pela existência de uma relação desigual entre uma maioria de sujeitos sociais vistos como tipos ideais e de uma pequena minoria de ‘outros’, esporadicamente lembrados pelos seus papéis pitorescos e/ou exóticos exercidos no interior dessa composição.¹⁰³

Do processo de colonização, destaca-se de forma consensual nos estudos sobre a ocupação do Oeste paranaense, a importância atribuída à colonizadora MARIPÁ, empresa responsável pela organização, planejamento e execução do projeto de ocupação da região.

Antes mesmo de iniciar o processo de colonização os dirigentes da MARIPÁ elaboraram um “plano de ação”, dentre os quais situa-se justamente o critério de “seletividade do elemento humano” para ocupar a suas colônias no oeste paranaense. Portanto a colonização da futura Marechal Cândido Rondon não se deu totalmente de forma espontânea, mas foi uma colonização em boa parte dirigida, voltada para um grupo específico de colonos, descendentes de alemães ou italianos oriundos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Da escolha do elemento humano privilegiado pelos dirigentes da MARIPÁ, constitui-se os primeiros traços do “tipo ideal”. Tal escolha, era justificada pelos dirigentes da colonizadora pela necessidade de possibilitar um convívio pacífico entre os colonos e “para isso era preciso que estes componentes pensassem da mesma forma, cultivassem os mesmos valores, e tivessem as mesmas prioridades”.¹⁰⁴ A forma encontrada para efetivar esta intenção foi a de trazer famílias inteiras, descendentes de uma mesma etnia. A família, neste caso, funcionava como uma espécie de vetor, capaz de guardar os bons costumes e tradições.

Da mesma maneira, a religião também era uma forma de reforçar a homogeneidade

¹⁰³ LAVERDI, op. cit. p.20.

¹⁰⁴ CELESTINO, Angélica. *A Germânia e o Outro: relações interétnicas em Marechal Cândido Rondon*. Marechal C. Rondon, UNIOESTE, Trabalho de conclusão de curso, 1999, p.05.

cultural, visando o bom relacionamento entre os colonos, necessário ao desenvolvimento da região. Para tanto, os dirigentes da MARIPÁ, ao selecionar o grupo étnico e as famílias aptas para a colonização, fez questão de as agrupar de forma a instalar os alemães em um determinado local, e os italianos em outro, conforme sua religião, aguardando que a partir daí um rápido desenvolvimento econômico envolvesse a região, pois esta possuía comunidades ligadas pelo sangue, etnia e religião:

No ano de 1951 na Vila General Rondon a presença da religião católica era insignificante, contando apenas com 5 famílias entre 150 luteranas. Esta grande diferença era motivada pelo próprio plano de colonização da Companhia MARIPÁ que procurava fixar os luteranos na Vila General Rondon e os católicos na Vila de Quatro Pontes.¹⁰⁵

De outra forma, o elemento humano foi previamente escolhido pelo culto ao trabalho, optando-se por descendentes de alemães e italianos, porque “estes já estavam aclimatados às condições do país, além de serem pequenos proprietários rurais e conservarem as tradições de trabalho árduo e agricultura como meio de vida”.¹⁰⁶ A cultura do trabalho, problemática central da pesquisa de Davi Félix Schreiner, foi um quesito de peso na escolha do elemento humano ideal para a colonização, na qual, “se efetivou uma cultura que tem, de um lado, o trabalho como meio gerador de riqueza e, de outro, como meio pelo qual se reconhece o valor e a moral de um homem”.¹⁰⁷

Assim, o trabalho para o colonizador alemão era e é ainda hoje um valor moral e um fator de identificação étnica, que servia para diferenciar os elementos teuto-brasileiros considerados como povo trabalhador, dos caboclos considerados menos “afeitos ao trabalho” e supervalorizadores do ócio.

A rigor, a empresa pretendia trazer para a colonização, homens de “bom caráter” e “capacidade testada”, com o intuito de garantir o rápido desenvolvimento das colônias estabelecidas. Para tanto, encontrou na seletividade do elemento humano e na classificação étnica uma possibilidade de por em prática o seu plano de ação, iniciando um movimento constante de produção dos “outros”.

¹⁰⁵ SAATKAMP, op. cit. p.207.

¹⁰⁶ LIMBERGER, Lucinéia Regina. *A Construção de Uma Identidade Germânica em Marechal Cândido Rondon* (1950-1995). Marechal C. Rondon, UNIOESTE, Trabalho de conclusão de curso, 1995, p.09.

¹⁰⁷ SCHREINER, Davi Félix. *Cotidiano, trabalho e poder: a formação da cultura do trabalho no extremo-oeste do Paraná*. Toledo/PR, Editora Toledo, 1997, p. 17.

Porém, “o outro” só é produzido com base na caracterização de si e vice e versa. Esta é a dialética da alteridade que nos possibilita inferir os primeiros valores atribuídos ao “tipo ideal”, desde o início do processo de colonização do oeste paranaense.

Desta maneira, o “tipo ideal” caracteriza-se em primeiro lugar por possuir uma ascendência étnica vinculada aos elementos teuto-brasileiros, por ser o portador dos costumes e tradições dos antigos colonizadores, compartilhando inclusive de antigos preceitos, como a valorização dos laços de família, da linguagem e religiosidade alemã. Além disso, a cultura do trabalho situa-se como parte da própria identificação étnica do “tipo ideal” que é, por natureza, um homem trabalhador, sendo possível reconhecer sua integridade moral justamente no suor de seu trabalho.

Com a afirmação simbólica do município e a conseqüente exaltação da memória germânica os antigos colonizadores vão ser transformados em pioneiros, figuras emblemáticas solidificadas na imaginária urbana através da utilização de um discurso cívico e da exposição de bustos em praça pública. Agora, além dos antigos valores decorrentes do processo de colonização, ao “tipo ideal” somam-se novos valores atribuídos a imagem dos pioneiros.

Em 1965, a imagem de Willy Barth representando o “ilustre fundador do município” e a imagem de Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon na figura de patrono do município eleito pelo próprio Willy Barth, transformam-se em emblemas públicos fixados nas praça central em forma de bustos de bronze. A obra do prefeito Arlindo Lamb, por conta da inauguração da praça central, visava recuperar a memória dos colonizadores para alimentar, consciente ou inconscientemente, o processo de firmação da identidade comunitária local.

No decorrer da cerimônia de descerramento dos bustos o prefeito Lamb discursou recorrendo ao apelo moral e civilizador do monumento¹⁰⁸. Entremeio aos elogios tecidos a memória dos “patrióticos e ilustres pioneiros”, segundo uma testemunha que presenciou o evento, houve comoção pública no momento em que o manto que cobria a figura de Willy Barth foi tirado. Assim, do apelo ao civismo extraído através da solidificação da memória dos pioneiros, acrescenta-se ao “tipo-ideal”, a imagem do homem patriótico.

É possível identificar no evento inaugural uma idealização do passado pela construção dos monumentos. Se por um lado, a gratidão traduzida através da idéia de

¹⁰⁸ Sobre o objetivo “moral e civilizador do monumento” ver FARIA, Carlos Aurélio Pimenta de. *A memória cinzelada: em busca de uma consciência político-social*. Horizontes Históricos. Belo Horizonte. 1996.

“homenagem do povo” a personalidade do passado é uma das mensagens do monumento a ser incorporada, por outro, “o ritual que o cerca, constrói uma metáfora que busca apresentar o exemplo de um cidadão ideal”.¹⁰⁹ Este “cidadão ideal” além de portador dos valores próprios da bagagem étnica, é um homem imbuído de sentimentos cívicos, expressos no exemplo de amor incondicional a pátria.

É importante lembrar que este sentimento de amor à pátria é reforçado através do principal objetivo do projeto *Rondon 2000*:

Assumindo a identidade do seu povo, Marechal Cândido Rondon precisa iniciar imediatamente um conjunto de ações visando a melhoria da qualidade de vida de sua gente[...] De outro lado, além do conforto, da funcionalidade e do bem estar, o presente estudo estampa um quesito de ainda maior relevância: a necessidade de despertar o amor, o orgulho de cada rondonense em relação a sua cidade, sendo ela bonita, moderna, agradável, ressaltando-se as características germânicas, desde os costumes, as festas, até a arquitetura e o planejamento global da cidade e dos bairros.¹¹⁰

A justificativa mais relevante apresentada no estudo feito para a realização do projeto, reafirma o despertar do sentimento patriótico como quesito de fundamental importância ao cidadão rondonense e denuncia a intencionalidade do poder público em reforçar, através de seu projeto, o patriotismo como característica própria do “tipo ideal”.

Também presente no cenário de afirmação simbólica do município, a *Oktoberfest* caracteriza-se por representar a dimensão da alegria e hospitalidade do povo rondonense. O constante sucesso da festa e o marketing produzido para atrair os turistas foram fatores importantes na construção da imagem de um povo próspero, acolhedor e alegre. Os anúncios que divulgam o início da “maior festa germânica do Paraná” e os cartazes que apresentam a festa como a “mais simpática do Brasil”, em sua maioria, oferecem a população local e aos turistas, oportunidades de diversão e consumo:

Todos os anos, o município de Marechal Rondon, no mês de outubro, transforma-se no centro hospitaleiro da alegria e da descontração, com a realização de uma das principais festas típicas alemãs: A *Oktoberfest*. Recheada de manifestações de arte e da cultura germânica e acompanhada dos pratos típicos da cozinha alemã, além do chopp, tradição fortemente

¹⁰⁹ FARIA, Carlos Aurélio Pimenta de. A memória cinzelada: em busca de uma consciência político-social. In: Dutra, Eliana de Freitas (Org.). *BH: Horizontes Históricos*. Belo Horizonte. Ed. Com Arte. 1996. p. 331.

¹¹⁰ PREFEITURA MUNICIPAL. *Projeto Rondon 2000*. Marechal Cândido Rondon, out.1993, p.1-11.

mantida pela população, na sua grande maioria de origem germânica, a Oktoberfest de Marechal Rondon já está sendo conhecida como a maior do gênero no Estado do Paraná e a mais alegre de todo o país.¹¹¹

Porém, a diversão e o consumo da festa são regidos em função de seu principal objetivo, o de valorização das características culturais e folclóricas. Desta maneira, “apesar de todas as alusões, o sentido da organização da cidade e das festas reafirma a identidade, aponta para lugares de memória e cria cenários simbólicos que reforçam valores culturais da sociedade local”.¹¹² Ao “tipo ideal” acrescenta-se os atributos próprios da festa, ou seja, o sujeito depositário das práticas e preceitos da cultura germânica, homem de família, religioso, trabalhador, patriótico, é também apresentado agora como um sujeito alegre, próspero e acolhedor.

Mais tarde, a caracterização do cidadão germânico, trabalhador, patriótico e acolhedor, firma-se definitivamente, servindo como enredo de discursos oficiais e mote para a elaboração de matérias jornalísticas, como exemplifica o editorial do jornal *O Presente*: “pela hospitalidade do povo rondonense, cada cidadão se orgulha de pertencer a este município, fazendo parte deste gigantesco progresso, que está trazendo para cá conquistas e mais conquistas.”¹¹³

Na ocasião o editor afirmava ser “Marechal Rondon um projeto viável” e isto se devia ao “trabalho e dedicação dessa imensa colônia germânica”. É importante perceber que no mesmo discurso todas as características do “tipo ideal” são retomadas e reforçadas. Rondon é tida aqui enquanto um empreendimento de sucesso, uma colônia de alemães que deu certo graças ao povo trabalhador que a colonizou. O povo rondonense é dado enquanto um povo hospitaleiro, próspero e feliz, que se orgulha de sua cidade e de suas raízes.

De certa forma, esta caracterização do “tipo ideal” explica o porquê do discurso da não aceitação de certas posturas de boa parte dos foliões participantes da *Oktoberfest*, como o citado anteriormente. Embora a alegria seja uma característica peculiar do cidadão legitimado, ela apresenta-se diretamente vinculada a outra característica de primeira ordem, ou seja, um cidadão alegre sim, desde que circunscrito dentro das práticas restritas da moralidade presente na ascendência germânica, com a implicância de ser a ascendência germânica a primeira

¹¹¹ 7ª OKTOBERFEST. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº101, p.20, out.1993.

¹¹² SPECK, Lori Spitzer. op. cit. p.61.

¹¹³ MARECHAL RONDON – um projeto viável?. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 90, p.02, jul.1993.

característica do “tipo ideal”, derivada da seletividade do elemento humano desde o processo de colonização. Assim, tanto a festa quanto o “tipo ideal” apresentam-se em função da cultura germânica, os outros são “os de fora” e suas práticas são consideradas incoerentes, o que possibilita a elaboração do discurso do “desvirtuamento da *Oktoberfest*” causado pelos “de fora”.

A idealização e a narratividade do “tipo ideal”, portanto, colocam em movimento as relações de pertencimento e de segregação. Produzem a seletividade dos elementos legitimados segundo a dinâmica própria da identidade germânica. Este processo abarca, direta ou indiretamente, todos os moradores de Rondon, dentre os quais situam-se os sujeitos adictos.

Os usuários de drogas não constituem de maneira alguma uma categoria única, mas sim uma constelação de grupos que têm em comum uma atividade clandestina e ilegal. Embora exista uma grande diferenciação entre as pessoas e os grupos que utilizam regularmente tóxicos, há esta forte característica comum: o caráter ilegal dessa utilização. Neste sentido, conforme Velho “estão todos infringindo regularmente a lei, assumindo as características de indivíduos e grupos desviantes”.¹¹⁴

Para compreender melhor a relação que os adictos estabelecem com a idealização da cidade e como se situam em função do discurso do “tipo-ideal” é de fundamental importância, neste momento, caracterizar cada um dos entrevistados, no sentido de apresentar com maior clareza o universo das experiências pesquisadas. Esse universo, no entanto, está longe de ser homogêneo ou monolítico. As diferenças internas, em termos do tipo de tóxico utilizado, faixa etária, características de estrato social, vão marcar, em muitas situações, fronteiras bastante nítidas. É por isso que desejo enfatizar a necessidade de perceber esse universo como altamente diversificado.

Neste sentido, este trabalho não pretende dar conta de todo o universo das pessoas que consomem tóxico em Marechal Cândido Rondon, nem mesmo sequer de todos os jovens de um extrato social específico. Os entrevistados foram eleitos em função da diversidade, pois adotei como princípio geral desde o início não privilegiar adictos de um mesmo grupo, nem da mesma faixa etária, nem mesmo moradores de um único bairro ou que consumissem o mesmo tipo de droga.

¹¹⁴ VELHO, Gilveto. *Nobres & Anjos: um estudo de tóxico e hierarquia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 15.

A diversidade como principal critério de seleção dos entrevistados deve-se a dois fatores fundamentais. O primeiro, diz respeito ao cuidado necessário de não estereotipar e nem homogeneizar um universo tão múltiplo quanto o dos adictos, já que o objetivo da pesquisa visa compreender a reinvenção do espaço urbano por estes sujeitos. Da mesma forma, a diversidade de entrevistados possibilitou igualmente o entendimento da múltipla relação que os adictos estabelecem com a cidade. O segundo, refere-se a uma dificuldade inerente ao próprio caráter da pesquisa que lida com um universo definido inicialmente por uma atividade não só malvista por vários setores sociais, mas caracterizada como ilegal e mesmo criminosa, estando sujeita a perseguição policial e a sanções legais, o que traz uma série de problemas particulares para o trabalho de pesquisa.

Assim, deparei-me com vários tipos de situação, desde momentos em que os adictos expressavam resistência e desconfiança em relação a minha presença, até momentos de espontaneidade e descontração. Tal situação limita consideravelmente o número de pessoas dispostas a conceder entrevista e a situação se agrava com a tentativa de restringir a pesquisa a um grupo específico.

Desta questão, decorre outro aspecto importante que vale lembrar. É o da aproximação e do envolvimento como os entrevistados, assim como do processo de composição das entrevistas. Desde o princípio não me preocupei em esboçar uma organização estanque dos entrevistados, mas sim, procurei de outra maneira, estabelecer um núcleo inicial de adictos que eu já conhecia, devido aos contatos com a chácara de recuperação, e a partir deste núcleo inicial ficar atento às indicações fornecidas pelos próprios participantes para assim construir o conjunto de entrevistados. Este procedimento foi tanto importante quanto necessário, visto que, evita as tradicionais indicações de pessoas consideradas legitimadas para falar e devido a própria dificuldade de construir uma relação de confiança com depoentes desconhecidos dado a ilegalidade de suas práticas.

No entanto, a escolha deste caminho acabou por limitar as entrevistas a adictos do sexo masculino dado que a chácara de recuperação, por questões de organização própria da terapia, era masculina e não admitia mulheres em seu quadro de internamentos. A falta de entrevistas com mulheres usuárias de drogas restringiu o papel feminino a fala presente nos relatos dos adictos do sexo masculino, o que limitou a análise da presença feminina no universo pesquisado.

Contudo, foi justamente o meu envolvimento com o trabalho de organização da chácara de recuperação que possibilitou a construção de uma “relação de confiança” necessária a aceitação dos entrevistados em expor suas experiências de vida com maior espontaneidade. Porém, esta “relação de confiança” nem sempre foi o suficiente para garantir a realização das entrevistas. Por várias vezes perdi a oportunidade de entrevistar adictos pela desconfiança de amigos do entrevistado que chegaram a me identificar como policial. E mesmo tendo o próprio adicto, do núcleo de conhecidos, estendido o convite aos seus colegas, muitos se recusaram a conceder entrevista.

Para além dos percalços encontrados, minha preocupação sempre foi com a construção de uma análise qualitativa e não quantitativa dos relatos. Neste sentido, acredito que a gama de experiências por mim adquiridas ao longo do trabalho na chácara de recuperação, desde os vários relatos informais contados de forma descontraída até os dramáticos momentos de desabafos por parte dos internos, o material elaborado a partir das entrevistas concedidas e o material colhido nas representações jornalísticas compõem um rico acervo, suficiente para alimentar as análises próprias da pesquisa a que me proponho. Da mesma forma, como dito anteriormente, a caracterização de cada um dos entrevistados analisados no decorrer da pesquisa contribuirá para o esclarecimento das questões propostas.

Em março de 2006 comecei o trabalho de campo. Contatei os sujeitos que vieram a constituir o grupo inicial de entrevistados. Trata-se de três ex-internos da chácara São José que a pouco foram reintegrados ao convívio social.

O primeiro entrevistado possui 27 anos e veio para a chácara de recuperação por intermédio de um dos voluntários que o conheceu em um retiro espiritual em São Paulo. Atualmente ele não usa drogas, é afro-descendente, natural de Volta Redonda - Rio de Janeiro. Devido a isso, para melhor identificá-lo e ao mesmo tempo preservar sua identidade, escolhemos conjuntamente o codinome Negão do Rio.¹¹⁵

Sua entrevista possui um caráter particular devido ao fato de ter vindo de São Paulo diretamente para o internamento na chácara de recuperação aonde permaneceu nove meses, para somente depois ter os primeiros contatos com a cidade de Marechal C. Rondon. O fato de sua experiência em relação ao uso de drogas ter se dado em um centro maior, em uma

¹¹⁵ Todos os nomes que se referem aos adictos são fictícios e foram adotados com a intenção de resguardar a identidade dos entrevistados, visto que, suas práticas são consideradas ilegais e, portanto, são passíveis de sanções legais.

“realidade de morro”, envolvendo tráfico e favelas, permite uma análise comparativa com a realidade de consumo de drogas em uma cidade de porte menor, como é o caso de Marechal C. Rondon.

Outro ponto importante, que vale lembrar, é a experiência que Negão do Rio teve após o seu tratamento ao estabelecer residência em Rondon e as estratégias de sobrevivência na “cidade germânica” daí decorrente.

Até os vinte anos de idade Negão do Rio morou em um bairro pobre da periferia de Volta Redonda em uma região que congrega várias favelas. Cresceu entremeio ao tráfico de drogas e a violência. Tendo perdido a mãe com apenas oito anos de idade e sofrendo a ausência do pai, que precisava trabalhar para sustentar a casa, permaneceu até por volta dos treze anos de idade sob a tutela de uma irmã mais velha, que também acabou se ausentando em função do trabalho.

Por influência de primos e amigos de infância logo aos doze anos experimentou pela primeira vez a maconha e aos quatorze já utilizava cocaína e traficava droga dentro da escola. Parou de estudar na sétima série do ensino fundamental, porém enquanto permaneceu na cidade continuou traficando.

Vários de seus amigos foram assassinados, outros foram presos. Estas experiências dolorosas somadas ao cerco da polícia o motivaram a buscar ajuda e a abandonar a vida do tráfico. Com a invasão da favela pela polícia, Negão do Rio precisou passar quatro dias trancado em seu quarto esperando o momento oportuno para deixar “o morro”, pediu a sua irmã que arrumasse sua mala e decidiu buscar ajuda e refúgio em qualquer comunidade terapêutica que o acolhesse. Para sair de sua casa teve que se esconder no porta-malas de um táxi contratado pela sua irmã para conseguir escapar da *blitz* policial que estava sendo realizada na entrada da favela. Sua irmã o conduziu até a rodoviária, onde Negão do Rio embarcou num ônibus para a comunidade religiosa *Canção Nova* em São Paulo, situada na cidade de Cachoeira Paulista.

Naquela oportunidade, conheceu um voluntário da chácara *São José* que o trouxe até Rondon para o teste de admissão na chácara de recuperação. Tendo sido internado e concluído os nove meses de tratamento na chácara *São José*, estabeleceu morada em Marechal C. Rondon onde permanece até hoje.

Maninho do Crak foi o segundo entrevistado. Natural de Marechal C. Rondon, de

cor parda, possui 22 anos, atualmente não usa drogas e sempre morou em bairros periféricos de Rondon. Lamenta o fato de sua infância ter sido “na base da pancada” e a falta de afeto e atenção por parte dos pais.

Seu pai viciado em baralho e álcool, permanecia dias fora de casa e muitas vezes voltava bêbado, sua mãe também alcoólatra e sem poder contar com o apoio do esposo era incapaz da presença afetiva e amorosa, própria do papel fundamental da figura materna. Desta maneira, Maninho do Crak cresceu em um ambiente conflituoso, presenciou e, por vezes, participou de diversas brigas familiares desde a mais tenra idade. Ainda quando criança fumava escondido e não se dava bem com a vida escolar, tendo sido expulso da escola por mais de uma vez.

Os conflitos advindos da infância se agravaram na adolescência quando Maninho do Crak, com quatorze para quinze anos, presenciou a separação de seus pais e a conseqüente prisão de seu pai. Tendo chegado em casa armado e provavelmente alcoolizado, seu pai, segundo a versão de sua mãe, tentou matá-la. Sua mãe chamou a polícia, houve troca de tiros e o seu pai foi preso. Este evento constitui um marco na vida de Maninho do Crak, pois ele atribui a este acontecimento o fato de ele ter “virado a cabeça” e de “seu mundo ter caído”. Ele considera a sua infância até este momento de separação de seus pais. A partir deste momento ele passou a condenar sua mãe pela prisão de seu pai culpando-a como responsável por armar aquela situação que culminou com a prisão de seu pai. Também passou a agir a sua maneira, recusando qualquer repressão por parte de sua mãe.

Foi neste período, com quinze anos de idade, que Maninho do Crak experimentou pela primeira vez a maconha. A caminho do colégio encontrou um amigo seu que havia acabado de chegar de Guaíra, cidade próxima a Rondon que constitui fronteira com o Paraguai e de onde vem grande parte da droga consumida em Rondon. Seu amigo estava com um pacote de maconha, embrulhou um cigarro e ofereceu a Maninho. Após fumar a maconha, Maninho do Crak foi para o colégio. Em pouco tempo, em função de sua rebeldia, de suas novas amizades e de seu anseio pela “liberdade”, Maninho foi expulso do colégio. Abandonou os estudos no decorrer da sexta série do ensino fundamental.

Com o mesmo grupo que freqüentemente usava a maconha, Maninho do Crak passou também a cheirar cola e beber vinho. Na falta de uma droga “inventava-se” outra como misturar cinza de cigarro ao álcool, cheirar solventes, esmagar comprimidos para injetar na

veia, fumar erva com pasta de dente, tomar chá de lírio e de cogumelo. Ainda na menor idade foi preso dezenas de vezes por uso de droga, bebedeiras, confusão e pequenos furtos. O máximo de tempo que permaneceu na cadeia foi 14 dias. Após este período foi encaminhado pelo conselho tutelar a uma chácara de recuperação em Maringá. Uma tentativa de tratamento que não deu certo, pois Maninho do Crak fugiu da comunidade terapêutica e retornou a Rondon.

Na oportunidade em que seu pai recebeu o indulto de natal por bom comportamento, Maninho do Crak o “ajudou”, emprestando dinheiro para que seu pai fugisse para Cascavel, cidade situada a cem quilômetros de distância de Rondon. Logo após Maninho do Crak foi morar com o seu pai em Cascavel, mas como o pai, ainda viciado em jogo, desaparecia durante vários dias, Maninho ficava para o lado de fora da casa, passando a morar na rua durante os oito meses que permaneceu em Cascavel.

À noite, junto com outro amigo seu, maninho dormia na casinha de ferramentas de uma construção abandonada. Nesta experiência de rua em uma cidade na qual o crack já era comumente comercializado, diferentemente de Rondon onde o crack ainda não havia chegado, Maninho pela primeira vez experimentou o crack.

Os seus novos colegas o orientavam dizendo “ó maninho não fuma o crack puro, é violento”, então ele fumava o “melado”, uma mistura de maconha com crack. Como não trabalhava, Maninho do Crak saía para roubar, pois precisava de dinheiro para comprar a droga. A sua alimentação não representava um problema porque neste período ele se sustentava praticamente do uso da droga.

A falta de alimentação adequada e o uso contínuo do crack fez com que Maninho emagrecesse rapidamente. Devido aos constantes apelos de sua mãe para que retornasse a Rondon e parasse de usar drogas e também devido a seu deplorável estado físico, Maninho do Crak retornou a Rondon. Sofrendo a falta de outras drogas, por alguns meses, passou a dependência do álcool e com dezenove anos de idade decidiu buscar ajuda, internando-se na chácara São José. Maninho concluiu o tratamento e após os nove meses de internamento estabeleceu morada em Rondon. Atualmente trabalha como pintor e reside junto a sua amasia e seu filho recém nascido.

O último adicto componente do núcleo inicial de entrevistados é Neguinho do Jogo. Também natural de Marechal Cândido Rondon, descendente da matriz africana, possui

26 anos. Grande parte de sua experiência de vida e de uso de entorpecentes se deu em bairros pobres e periféricos de Marechal Cândido Rondon. Neguinho do Jogo passou pelo internamento na chácara São José, concluiu os nove meses de tratamento e permaneceu um tempo sem usar drogas, porém teve uma recaída. Atualmente, embora não esteja utilizando nenhum tipo de droga ilícita, luta para se livrar da dependência do álcool.

Quanto à infância de Neguinho do Jogo, a exemplo das infâncias de Negão do Rio e de Maninho do Crak, igualmente foi marcada pela ausência dos pais. O pai morreu quando Neguinho do Jogo tinha apenas dois anos de idade. Sua mãe sempre foi muito ausente em sua vida e não lhe dispensava afeto. Neguinho afirma ter passado a sua infância mais tempo na casa de vizinhos, parentes e amigos do que em sua própria casa. Durante a entrevista demonstrou sentimento de mágoa e de dor pela constante rejeição da mãe que não o aceitou nem mesmo recentemente, após Neguinho ter abandonado a dependência de drogas e arrumado trabalho para ajudar em casa.

A vida escolar de Neguinho do Jogo foi praticamente inexistente. Foi expulso de duas escolas e abandonou os estudos da segunda para a terceira série do ensino fundamental. Dizia ele que “nem pensava em estudar para ser bandido”, que seu desejo, antes mesmo dos nove anos de idade, era ser criminoso. Um caminho escolhido, segundo Neguinho, como forma de expressar a revolta pela ausência dos pais.

Com apenas nove anos de idade Neguinho do Jogo foi preso pela primeira vez, por pequenos furtos. De lá para cá foi preso diversas vezes, nunca permanecendo muito tempo na prisão devido ao fato de ser menor de idade. Antes dos quinze anos experimentou maconha pela primeira vez, mais não se apegou, foi somente aos quinze, “sabendo tudo o que é da rua”, que Neguinho decidiu “entrar de cabeça” e passou a utilizar constantemente a maconha.

Com a experiência de uso da maconha Neguinho do Jogo adquiriu também novas “amizades”. Agora sentia-se “mais esperto, mais ligeiro e mais furioso”, passou a andar armado e a cometer crimes maiores. O primeiro crime que Neguinho cometeu junto a este novo grupo de amigos foi um assalto a mão armada, no qual, furtou um carro e algumas jóias. Com dezessete anos de idade percebeu que não podia confiar em seus amigos e decidiu abandonar o grupo. Recebeu ameaças de morte e por pouco não foi assassinado. Neguinho

estava “fazendo um jogo”¹¹⁶ em um bairro periférico quando foi abordado pelos seus “ex-amigos”. Conduzido a um local mais retirado do bairro foi induzido a cavar a própria cova. Como a polícia foi acionada por um desconhecido todos fugiram, inclusive Neguinho que escapou da morte.

Neguinho do Jogo passou por três tentativas de recuperação no hospital Filadélfia, um hospital psiquiátrico de Rondon que também trata dependentes de álcool e drogas. O tratamento a base de remédios não surtiu efeito e já com 22 anos de idade, devido a precariedade de sua saúde e com o anseio de mudar de vida e reconquistar a atenção de sua mãe, procurou ajuda na Chácara São José. Após o tratamento, Neguinho afirma ter melhorado a sua vida por ter parado de usar drogas, por ter pela primeira vez conseguido um emprego com carteira assinada, por ter conquistado dignidade e respeito pelos outros.

Porém, mesmo considerando estes fatores que Neguinho do Jogo apresenta enquanto uma “melhora de vida”, ele não foi capaz ainda de conquistar seu maior anseio, ou seja, a atenção e o afeto por parte de sua mãe. Após a recaída no uso de drogas, Neguinho tornou-se dependente do álcool, voltou a morar com sua mãe e hoje trabalha juntamente com Maninho do Crak, como pintor.

Da formação deste núcleo inicial de entrevistados a entrevista com Neguinho do Jogo foi a que apresentou maiores complicações. Em parte por conta da timidez, característica da própria personalidade do entrevistado e também porque Neguinho estava receoso em conceder entrevista devido a sua recente recaída no uso de drogas. Somente podendo contar com o intermédio de Maninho do Crak, amigo próximo de Neguinho do Jogo, é que se tornou possível a realização da entrevista. Maninho do Crak, além de convencer seu amigo a conceder a entrevista, disponibilizou o espaço de sua casa para que ela fosse realizada.

Após a entrevista com Neguinho do Jogo nos reunimos, eu, Neguinho do Jogo, Maninho do Crak e seu irmão, em frente a casa de Neguinho do Jogo numa espécie de bate papo informal, uma “troca de idéias” sobre os objetivos do trabalho e a importância de se estender o convite para a participação de outros adictos conhecidos. Na ocasião, Maninho ressaltou a dificuldade “dos caras” que estão na ativa em confiar em alguém estranho ao meio para conceder entrevista.

¹¹⁶ Na gíria comumente utilizada por usuários de drogas “fazer jogo” é o mesmo que fazer troca, ou trocar objetos.

A rigor, pelo caráter da própria pesquisa são dois os fatores que mais dificultam a construção da rede de informantes: a ilegalidade da prática passível a sanções legais e a noção de “cabeça” versus “nóia” presente entre os adictos. O “cabeça” é o usuário inteligente e discreto, com destreza consegue usar a droga sem que a maioria das pessoas percebam, já o “nóia” é o usuário incoseqüente e indiscreto, sua falta de malícia o expõe de maneira que a maioria das pessoas percebam sua dependência. Portanto, manter o maior anonimato possível em relação às pessoas que não são do meio é um fator valorizado entre os adictos, o contrário também acontece, a superexposição é vista de forma pejorativa, taxada de inocência e falta de malandragem.

Daí decorre que a maioria dos adictos, amigos de Maninho do Crak e de Neguinho do Jogo, não aceitaram conceder entrevista. Também pelo fato de que muitos de seus amigos, igualmente adictos, não viam com bons olhos o tratamento contra o uso de drogas e nem acreditavam no fato de Maninho do Crak e Neguinho do jogo terem deixado de usar drogas após o retorno da comunidade terapêutica. Estes fatores me conduziram a uma situação difícil. Estava eu diante da impossibilidade de construção da rede de informantes conforme a intenção inicial da pesquisa, ou seja, a tentativa de conquistar entrevistados pelo convite dos adictos do núcleo inicial estava comprometida.

O único adicto que aceitou conceder entrevista pelo convite de Maninho do Crak, além de Neguinho do Jogo, foi o Alagoano. Na verdade, eu e Maninho combinamos de convidar o Alagoano conjuntamente, já que eu também o conhecia. Alagoano esteve, por duas vezes, internado na Chácara São José sem, no entanto, conseguir concluir o tempo mínimo de tratamento. Esta foi a quarta entrevista que realizei, porém sabia da necessidade de ampliar o leque de experiências através da realização de entrevistas com adictos pertencentes a outros grupos, no sentido de não limitar a investigação a uma abordagem monolítica. Para tanto, precisei lançar mão de novas estratégias para não comprometer a própria pesquisa, como veremos mais adiante.

Alagoano é dependente de álcool, natural de Bateguara, Maceió, nortista como ele mesmo se identifica, seus pais vieram para Rondon quando ele tinha apenas nove meses de vida, hoje com 39 anos ele continua morando com seus pais em um bairro periférico de Rondon.

Ele recorda uma infância humilde. Seus pais dependiam da agricultura para

sobreviver e com oito anos de idade ele já “pegava no cabo da enxada” para contribuir com o orçamento familiar. Para além das dificuldades financeiras, obteve uma boa educação em casa e pode contar com uma família sólida. Não teve muita oportunidade de estudos tendo abandonado a escola na quinta série do ensino fundamental para trabalhar.

Alagoano experimentou maconha pela primeira vez quando já possuía 18 anos. Antes disso, ele já havia experimentado o álcool sob o qual desenvolveu sua dependência. Seu contato com a droga se deu devido a influência de amigos que o induziram, argumentando em favor de uma afirmação simbólica da masculinidade pelo uso de drogas. A situação de consumo de álcool e drogas se agravou para Alagoano, no momento em que ele se casou com uma mulher que também utilizava drogas. Com essa mulher ele teve um filho e posteriormente se separou. Seu filho hoje possui dezenove anos e também usa drogas.

O desenvolvimento da dependência do álcool conduziu Alagoano a cometer pequenos furtos para sustentar o vício, além de torná-lo agressivo e briguento. Quanto ao uso da maconha, por ser esporádico ele não precisava comprar, sempre utilizava junto a amigos seus que possuíam a droga. Na tentativa de se livrar do vício Alagoano perdeu a conta das vezes que foi internado. Foram mais de dez internamentos em clínicas de Rondon, Cascavel, Umuarama, Matinhos e Palhoça. Recentemente Alagoano passou por um coma alcoólico que quase o conduziu à morte. Hoje lamenta por não ter conseguido se livrar do álcool e por estar desempregado.

Após a entrevista com Alagoano havia esgotado as possibilidades de coletar entrevistas entre adictos vinculados àquele grupo. Alagoano ainda tentou convidar seu filho para participar, mas ele se recusou. Da minha parte, havia uma certa frustração pela desilusão que sofri ao acreditar que o leque de entrevistados facilmente se ampliaria pelo convite dos próprios adictos do núcleo inicial. Fez-se necessário então, naquele momento, sair em busca de novos adictos dispostos a conceder entrevista. Recordei da experiência de McCabeça, um usuário de drogas que havia espontaneamente se livrado do vício sem precisar recorrer a comunidades terapêuticas. Ele frequenta um grupo de jovens local e participa de missas com uma certa regularidade, foi onde o conheci. Sabendo que possivelmente estaria na celebração de domingo o encontrei, estendi o convite e ele aceitou imediatamente. É mais fácil a disposição em conceder entrevista por parte de ex-usuários, porque demonstram boa vontade em ajudar os que estão na ativa a também abandonarem os vícios e porque acreditam que a sua

história de vida possa, de alguma maneira, contribuir para tanto.

McCabeça é natural de Marechal Cândido Rondon, possui 29 anos, se declara de cor parda, mora num bairro considerado pobre e violento, atualmente não usa drogas. Até os oito anos de idade morou no interior do município e posteriormente se mudou para a cidade juntamente com seus pais. Sua infância foi marcada pela pobreza e pelas conseqüentes privações, decorrentes das dificuldades financeiras de sua família. Seu pai, sua mãe e seu irmão mais velho precisavam trabalhar para sustentar a família, enquanto McCabeça ficava em casa, por vezes fazendo o serviço doméstico e privado da mesma liberdade que seus colegas possuíam para brincar.

Na escola McCabeça não teve sucesso. Não gostava de estudar e tinha propensões para arte e desenho. Reprovou várias vezes e só estudou até a quinta série do ensino fundamental. Só não abandonou os estudos antes pela continua insistência de sua mãe para que continuasse a estudar. A realidade pobre, as privações e a falta de liberdade para brincar representavam, para McCabeça, motivos de revolta.

Com treze anos de idade McCabeça começou a trabalhar como ajudante de pedreiro. No trabalho conheceu pessoas mais velhas, fez novas amizades e pela primeira vez entrou em contato com o álcool. Com quatorze anos de idade uma nova realidade se apresentava a McCabeça. Ele passou a sair à noite para se divertir com seus colegas de trabalho e logo na primeira noite já voltou embriagado para casa. Também por influência de um colega de trabalho McCabeça passou a fumar cigarros, conheceu a realidade da prostituição e com dezessete anos de idade fumou pela primeira vez a maconha. Em pouco tempo passou a exercer liderança entre o grupo de adictos que freqüentava e as reuniões passaram a ser na sua casa.

McCabeça usava a maconha esporadicamente enquanto que o álcool era consumido com maior freqüência. O uso da maconha e do álcool principalmente, o conduzia a prática de pequenos furtos. Ainda enquanto usuário ativo, por meio de um convite de um amigo seu, começou a participar do grupo de jovens, atraído pelas meninas bonitas que freqüentavam o grupo. Sempre aos domingos, após o término do grupo, ele e seu amigo iam para o bar beber. Com aproximadamente vinte anos de idade, insatisfeito com os efeitos da maconha, parou de utilizá-la. Após um ano abandonou também o álcool e o cigarro.

McCabeça atribui seu abandono do consumo de drogas a uma necessidade pessoal

de mudança de vida, pois os furtos cometidos nos “momentos de loucura” no dia seguinte eram motivo de vergonha. McCabeça não gostava de se expor, acreditava em seu futuro e sentia a necessidade de mudar o rumo de sua vida para alcançar prosperidade.

O sofrimento de seus familiares, a discriminação gerada em função do consumo de drogas e a experiência religiosa foram os fatores que possibilitaram Cabeça a abandonar definitivamente as drogas. Atualmente McCabeça trabalha como pintor, também realiza trabalhos artísticos com pinturas de tela, nas horas vagas dedica-se a cultura *hip-hop* e compõe *rap* evangélico. Continua morando com seus pais e participando ativamente da igreja.

Dado o encerramento da entrevista expliquei a McCabeça a importância de outros adictos amigos seus também concederem entrevista. Após uma semana Cabeça me ligou informando que mais dois amigos seus aceitaram participar da pesquisa. Marquei a data das pré-entrevistas e no dia combinado eu e McCabeça nos dirigimos a casa de um adicto conhecido popularmente como Testa. No decorrer da pré-entrevista, Testa recordou uma conversa que tivemos na Chácara São José durante os poucos dias em que permaneceu internado lá. Falamos um pouco sobre a chácara e um pouco sobre um adicto que foi assassinado por conta de seu envolvimento com as drogas. Era o melhor amigo de Testa, se conheciam desde a infância, haviam crescido juntos.

Na realidade este melhor amigo de Testa foi o primeiro adicto com o qual tivemos contato antes mesmo da fundação da ONG e do trabalho com usuários de drogas. Foi justamente sua história de vida que nos motivou, eu e outros dois integrantes do grupo de jovens local, a organizar a chácara de recuperação. Testa ao saber que a Chácara São José havia sido criada por conta da história de vida de seu melhor amigo, demonstrou empolgação em participar da pesquisa. No entanto, mesmo compreendendo os objetivos do trabalho e demonstrando desejo de contribuir, Testa desistiu da entrevista.

O fato é que Testa estava sofrendo pressão por parte de seus amigos, igualmente adictos. No dia em que realizei a pré-entrevista, vários dos “parceiros de uso” de Testa estavam sentados em frente a uma casa próxima a sua e nos viram conversando. Testa foi induzido pelos seus colegas a não conceder entrevista. Para os seus colegas eu “tinha uma cara de polícia” e além do mais havia o receio de que Testa poderia comprometer o grupo com suas declarações.

Esta experiência remete-nos a duas importantes normas de condutas comuns aos

grupos de adictos pesquisados. A que se refere à discricção como valor positivo e desejável, que demonstra maturidade e controle, e a que se refere à denúncia como valor extremamente negativo, passível inclusive de represálias físicas. A discricção é um valor que se opõe a noção de “nóia”, ou seja, diretamente contrária ao sujeito que, por ter perdido o controle da situação de consumo, expõe de forma indevida a si e ao grupo com o qual convive. A denúncia, por sua vez, é expressa na gíria de variadas formas (“X9”, “dedo-duro”, “boca-aberta”, “derrubador de BO”...). É a mais evidente das posturas que representam gravidade, responsável por grande parte dos conflitos entre os adictos.

Contudo, a frustração desta experiência me proporcionou um duro aprendizado. A formalidade da prática acadêmica apresentava-se enquanto um empecilho para um conhecimento mais amplo de um universo informal e ilegal. Também, com exceção de McCabeça, os entrevistados com um grau mais elevado de escolaridade compreenderam com maior clareza os objetivos do trabalho e se mostraram mais receptivos aos questionamentos. Mesmo com os vários apelos, tendo eu insistido na importância de sua entrevista e até mesmo me oferecido para explicar o caráter da pesquisa para seus colegas, Testa preferiu recuar para não prejudicar sua imagem perante seu grupo de amigos.

No dia seguinte McCabeça me conduziu a casa de outro adicto amigo seu. Bobby, é natural de Marechal Cândido Rondon, descendente germânico, possui 27 anos, está ativo no consumo de drogas, é grafiteiro e skatista. Sem maiores problemas e nem questionamentos aceitou conceder entrevista demonstrando disposição em ajudar. Bobby é um sujeito que fala abertamente e parece ter compreendido bem os objetivos da pesquisa.

Bobby passou parte de sua infância morando em bairro periférico, posteriormente se mudou para um bairro mais próximo ao centro, juntamente com sua família. Seu pai caminhoneiro e sua mãe professora permaneciam a maior parte do tempo fora de casa. Quem cuidou de Bobby e seus irmãos foram as empregadas domésticas contratadas pela sua mãe. Com aproximadamente sete anos de idade Bobby recorda que apanhava muito de uma dessas empregadas. Ele e seus irmãos disputavam para ver quem ia para a escola com a mãe para fugir dos maus tratos da empregada doméstica. Conforme Bobby o relacionamento com sua mãe sempre foi bom. Ele também considera seu pai uma boa pessoa, porém bebia bastante e frequentemente passava por crises.

A exemplo de McCabeça, Bobby também possui afinidades com a arte e o desenho.

Na escola passava a maior parte do tempo desenhando, o que lhe custou várias repetências de série. Mesmo assim Bobby conseguiu concluir o ensino médio.

O primeiro “baseado” Bobby fumou somente aos dezoito anos por influência de seu grupo de amigos. Também experimentou cocaína e crack, porém a droga de uso frequente é a maconha. Não se apegou as “drogas mais pesadas” por não gostar muito do efeito causado por elas e por não ter dinheiro para sustentar o vício.

Na maioria das vezes Bobby conseguia droga na “préa”, ou seja, os colegas que possuíam a droga dividiam com o grupo. Esta é uma característica peculiar do consumo de drogas em Rondon. McCabeça, igualmente afirma nunca ter comprado drogas. Sempre participava da “préa”. Às vezes se fazia necessário contribuir com certa quantia em dinheiro para “a intéra da préa”, mas não necessariamente todo o adicto precisava comprar diretamente a droga. O adicto que nunca contribui, aquele que “vai sempre na veia”, não é bem visto pelo grupo.

Por algum tempo Bobby decidiu parar com o consumo de drogas. O fato de seus colegas virem constantemente em sua casa para consumir drogas em seu quarto, inclusive de madrugada, incomodava muito a sua mãe e passou a incomodá-lo também. Outra experiência negativa em relação ao uso de drogas foi o fato de seu irmão mais novo ter viciado em crack. Bobby, quando descobriu, ficou chocado e procurou aconselhar seu irmão a mudar de vida. Em parte Bobby sente-se culpado por ter servido de exemplo para seu irmão.

Com auxílio de sua mãe Bobby chamou o pastor e internou seu irmão em uma comunidade terapêutica. Seu irmão não concluiu o tratamento, porém conseguiu parar com o consumo de crack. Devido a esta experiência Bobby não gosta de crack e nem de cocaína. Afirma ele que “pedra e nória é uma coisa que é do mau mesmo”. Atualmente Bobby consome maconha com certa regularidade, continua morando com sua mãe, trabalha como aerógrafo e sonha em participar do skate profissional.

Na tentativa de ampliar a gama de entrevistados além do auxílio de McCabeça, pude contar com o auxílio de Marcolim, meu cunhado, que também é adicto. Marcolim é formado em História e atualmente cursa o programa de mestrado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Ele se comprometeu em conceder entrevista e convidar alguns amigos seus para participarem da pesquisa. Além do mais, o fato de termos sido formados na mesma área, pela mesma instituição e de nos encontrarmos simultaneamente cursando um programa de

mestrado em História, permitiu um contato esclarecedor em função de alguns debates e indicações bibliográficas.

A entrevista com Marcolim nunca chegou a ser realizada. Embora ele não esconda sua condição de adicção o elo familiar, por motivos óbvios, inibe a exposição de sua história de vida. No entanto, Marcolim me conduziu a duas outras entrevistas importantes. Trata-se das entrevistas de dois colegas seus que possuem um diferencial importante em relação aos adictos caracterizados até aqui. Possuem nível de vida e grau de formação mais elevado do que os demais entrevistados, o que contribui para uma abordagem diversificada da pesquisa.

O primeiro entrevistado, dos amigos de Marcolim, foi Carrier. Ele é natural de Marechal Cândido Rondon, reside no centro, descendente de Italianos, possui 28 anos e atualmente não usa drogas. Carrier considera sua infância normal, como a de qualquer outro garoto, participava das brincadeiras tradicionais e estudava em colégio privado. A relação com seus pais era tranqüila, só não gostava do fato de seus pais o obrigarem a ir à igreja. Ele atribui a esta obrigatoriedade o fato de não freqüentar a igreja atualmente.

Na escola Carrier afirma não ter sido um aluno muito exemplar. Por vezes, matava aula e pulava o muro da escola para fumar. No entanto não desistiu dos estudos até concluir o ensino médio. Ingressou na faculdade, cursou três anos do curso de História e desistiu em função do uso contínuo de drogas.

A primeira droga ilícita que Carrier utilizou foi a maconha, com quatorze anos de idade. Na ocasião Carrier participava de um casamento com um grupo que não era muito de seu convívio habitual. Algumas meninas deste grupo, já maiores de idade, pediram a Carrier para que guardasse um baseado. Ele roubou o baseado e fumou. Posteriormente passou a utilizar a maconha junto com um amigo seu que já era adicto. Com a maconha venho também o consumo do álcool e mais tarde várias outras drogas como LSD, cocaína, crack, êxtase e remédios de farmácia.

Devido a depressão gerada pelo contínuo uso de drogas, Carrier decidiu internar-se em uma comunidade terapêutica para se recuperar. Passou três meses internado, tendo concluído o programa de recuperação. Já faz praticamente dois anos que Carrier não utiliza mais drogas. Hoje Carrier é aluno regular de um curso de biologia, trabalha em uma agência do correio e continua morando com seus pais.

O outro amigo de Marcolim foi o último adicto que entrevistei. Tatoo é natural de

Lageado, Rio Grande do Sul, descendente da matriz germânica, possui 27 anos, mora num bairro próximo ao centro de Rondon e é usuário ativo de drogas. Sua mãe separou-se do seu pai e mudou-se para Marechal C. Rondon quando Tatio possuía apenas quatro anos de idade.

Sua infância foi tranqüila embora não possuísse um padrão de vida muito elevado. O fato de sua mãe ser funcionária do colégio Martin Luther permitiu Tatio cursar o ensino fundamental e médio em escola particular. Porém, Tatio afirma que desde criança teve consciência de não possuir o mesmo padrão de vida e nem o mesmo tratamento de seus colegas de escola. Tatio sentia que possuía um tratamento diferente, uma certa inferiorização, tanto pela questão financeira quanto pela questão cultural.

Embora Tatio possua uma ascendência germânica por parte de mãe, sua pele não é tão clara, pois seu pai é moreno e Tatio acabou herdando uma pele mais escura do que aquela que comumente possuem os descendentes de alemães. Com o tempo percebeu que era tratado e classificado enquanto mestiço, ou seja, não fazia parte “daquela coisa pura que eles (a sociedade rondonense) tanto idealizavam”.

Com aproximadamente treze anos de idade Tatio começou a utilizar o álcool e o cigarro, junto com amigos seus que freqüentavam a praça central. Com quatorze anos, também por curiosidade e influencia dos amigos, experimentou pela primeira vez a maconha. Durante todo o tempo em que cursou o ensino médio Tatio consumiu maconha com regularidade e ressalta o fato de isso não ter se constituído em empecilho para a conclusão de seus estudos. Tatio também experimentou a cocaína, mas, embora gostando dos efeitos por ela causados, nunca se apegou. A maconha foi a droga de consumo constante sob a qual Tatio desenvolveu o seu vício.

Atualmente Tatio continua morando com sua mãe e utilizando maconha, é recém formado em ciências biológicas, ainda não conseguiu emprego, pretende fazer especialização e ser reconhecido pelo exercício de sua profissão como forma de superação do estigma de improdutividade atribuído aos usuários de droga.

Além das entrevistas realizadas com os adictos, realizei outra entrevista com Ito Dari Rannov, um soldado da polícia militar. Rannov é o principal responsável em Rondon pelo PROERD. Segundo Rannov o PROERD é um trabalho específico da polícia militar. Nasceu nos Estados Unidos e foi trazido para o Brasil pela polícia militar do Rio de Janeiro. Hoje o PROERD atua em quase todos os estados brasileiros.

Em Rondon o PROERD foi implementado pela polícia militar em parceria com a prefeitura municipal. Neste sentido, considero a entrevista de Rannov estratégica para a minha investigação na medida em que o PROERD é a única atividade em Rondon que representa o poder público em relação à prevenção e combate contra o uso de drogas. Todas as atividades do PROERD de certa maneira convergem para Rannov, pois o programa não possui uma diretoria e Rannov exerce simultaneamente as funções de coordenador, palestrante e instrutor do programa. Logo, quando a questão em pauta é sobre drogas, Rannov é indicado como um importante referencial para representar a opinião pública em Marechal Cândido Rondon.

Rannov possui 39 anos, em 1997 foi transferido de Toledo para Rondon, como efetivo da polícia militar. Atuou na patrulha escolar até 2001 quando realizou o curso do PROERD. Em 2002 implementou o programa em Rondon e passou a trabalhar exclusivamente em função do PROERD. Atualmente, além de Rondon, Rannov atende também a três municípios vizinhos. Conforme Rannov o PROERD contribui para a construção de uma outra face da polícia militar, não somente aquela voltada para a repressão, mas sim a face que se preocupa agora, também com a prevenção.

Terminadas as entrevistas comecei a fazer o levantamento de fontes nos arquivos do jornal *O Presente*. Neste momento, fazia-se necessário diversificar as representações existentes sobre os adictos de Rondon, no sentido de não restringir a análise somente a visão que os usuários de drogas possuem de si mesmo. Desta maneira, selecionei as representações jornalísticas dos adictos no principal órgão de imprensa escrita local. Procurei compreender como os adictos são apresentados à opinião pública de uma sociedade que se pretende germânica. No entanto, os arquivos do *O Presente* foram igualmente de grande valia também no sentido inverso, ou seja, nas representações que a própria sociedade germânica faz de si mesmo, por vezes reforçando a memória oficial dos antigos pioneiros.

Em Marechal Cândido Rondon o usuário de droga e a droga (especialmente as ilícitas) não possuem uma visibilidade positiva. As regras de enunciação no jornal *O Presente* a respeito das drogas, se aproximam daquelas que definem a marginalidade e o tráfico, compondo o código moral que localiza o “mal” nos indivíduos. Neste sentido, todas as questões que concernem as drogas, seja do ponto de vista do tráfico ou do ponto de vista do consumo, são encaradas enquanto um caso de polícia. Prova disso é que grande parte das reportagens sobre drogas no jornal *O Presente* passaram a ser veiculadas com maior

freqüência a partir da intensificação do trabalho da polícia, tendo como principal interlocutor o delegado municipal.

Vale lembrar que a própria lei nacional favorece a marginalização do adicto na medida em que condena o uso, a produção e o consumo de certos tipos de substâncias classificando-as como lícitas e ilícitas. Na lei nacional, o usuário, o produtor e o comerciante das chamadas drogas ilícitas são postos em uma mesma posição, ou seja, a de “fora da lei”.

As falas do delegado Brandão Neto, em várias reportagens que procuram demonstrar o combate da polícia rondonense às drogas, reafirmam a idéia de que o consumo e o tráfico de drogas estão diretamente relacionados a marginalidade.

Em uma entrevista concedida por Brandão ao Jornal *O Presente* o delegado afirma que “devemos, como sociedade organizada, combater o consumo de drogas, pois, se fosse bom, não seria droga”.¹¹⁷ Na edição seguinte, em outra reportagem com a intenção de demonstrar o trabalho da polícia no combate as drogas, Brandão afirma: “a intenção é tirar de circulação estas pessoas que corrompem os nossos jovens e adolescentes e que, conseqüentemente, provocam os roubos e assaltos às nossas residências”.¹¹⁸ Desta maneira, os adictos são aqui, diretamente associados aos corruptores e ladrões.

No entanto, a associação direta do adicto com o marginal fica evidente nas reportagens que denunciam a existência de gangues em Marechal C. Rondon, pois os atos de violência cometidos pelas gangues aparecem diretamente associados ao consumo de drogas:

Para o capitão Graciano Krutli Katerski, da PM rondonense, a atuação da polícia esta servindo para inibir a atuação das gangues e dos traficantes de drogas...O capitão destaca que toda a violência gerada pelas gangues, está diretamente ligada ao consumo de bebidas ou drogas, como maconha, cocaína e crack.¹¹⁹

Este fragmento de texto foi extraído de uma reportagem intitulada como “A tribo dos desenganados”. O enunciado que da abertura a matéria afirma que durante muito tempo as gangues fizeram parte apenas da imaginação do brasileiro, cultivadas através de filmes hollywoodianos, porém agora, conforme a matéria jornalística, as gangues já haviam atingido

¹¹⁷ “EM BREVE também iremos prender os ‘tubarões’ do tráfico”. op. cit. p.31

¹¹⁸ POLÍCIA RONDONENSE intensifica combate às drogas. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 333, p.26, abr.1998.

¹¹⁹ A TRIBO dos desenganados. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 339, p.30, jun.1998.

Marechal C. Rondon “influenciando adolescentes que buscam auto-afirmação, fazendo aumentar a cada dia a preocupação da sociedade como o conseqüente aumento no índice de violência e no consumo e tráfico de drogas na cidade”.¹²⁰ Agora, o adicto além de corruptor e ladrão, passa a ser caracterizado na matéria jornalística como um violento integrante de gangues.

Na semana seguinte, “A tribo dos desenganados” estampou a principal manchete da capa do jornal *O Presente*. O termo “tribo dos desenganados” foi criado para denunciar a existência de gangues em Rondon, no entanto, os adictos acabam sendo categorizados da mesma forma, na medida em que a formação de gangues esta diretamente associada ao consumo e tráfico de drogas.

Assim, os adictos até 1998, na imagem que a imprensa local veicula sobre eles, figuram enquanto marginais. São ladrões, corruptores de jovens desorientados, desenganados que procuram auto-afirmar-se através do uso de drogas e violência. A partir de 1999 verifica-se uma tentativa de mudança no tom do discurso da imprensa local. O mesmo editorial que em 1998 defendia uma legislação mais punitiva e severa para conter o ímpeto violento dos jovens e restabelecer a ordem e o respeito ao cidadão, na edição de janeiro de 1999 afirma que “é preciso conscientizar a todos que, antes de ser um problema de polícia, as drogas são um problema social que refletem o processo de deteriorização dos valores morais e da estrutura familiar da sociedade do final do século”.¹²¹ Da mesma forma, nesta mesma edição o delegado Brandão também muda o discurso e afirma que para ele o viciado é um doente.

Conforme Cruz,¹²² foi somente a partir do século passado que o uso abusivo de substâncias psicoativas passou a ser definido como um problema médico. Antes a questão tinha explicações de cunho moral e religioso. Os adictos eram os vagabundos, imorais, pessoas do mal. Com o modelo médico o abuso de drogas passou a ser visto como uma doença incurável, porém controlável. Inicialmente determinada exclusivamente pelo seu caráter biológico, mais tarde ampliando-se para as dimensões social e também comportamental.

Estes atravessamentos discursivos associados à ilegalidade da prática confundem a maneira pela qual os adictos são encarados no meio social. Jovens de classe média e alta não

¹²⁰ *ibidem*.

¹²¹ O PIOR cego é aquele que não quer ver. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 370, editorial, p.02, jan.1999.

¹²² CRUZ, M. Práticas médicas, toxicomanias e a promoção do exercício da cidadania. In: ACSELRAD, G. (org.) *Avessos do prazer: drogas, aids e direitos humanos*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000. p. 233.

chegam a ser estigmatizados como problemáticos, anti-sociais ou violentos, apresentando-se muito mais como jovens em busca de diversão ou, quando exageram, jovens que necessitam atendimento por médicos e clínicas particulares.

2.4 Marginal ou cidadão: conceitos que se confundem

Quem é o usuário de drogas? É um marginal ou pode ser considerado um cidadão? Como os próprios usuários de drogas de Marechal C. Rondon se percebem dentro do enquadramento social dicotômico entre os cidadãos/pessoas de bem, versus os marginais/maus intencionados? Estas questões não encontram respostas fáceis, pois a própria história dos adictos apontam para a ambivalência da natureza humana.

As imagens negativas, os preconceitos, o medo, que, no Brasil, chegam às raias da demonização do viciado, contribuem decisivamente para a cristalização de uma subcultura marginal e dos tons agressivos e anti-sociais que algumas vezes adquirem. A violência e o arbítrio policiais, derivados do poder de iniciar processos criminais contra o usuário, criam em torno dele um círculo infernal de insegurança, perigo e incentivo ao crime.

A Lei, por sua vez, se posiciona em conformidade com a criminalização tanto do usuário quanto do traficante. O tráfico de drogas é considerado crime hediondo e se condenado o traficante é obrigado a cumprir pena de até quinze anos em regime fechado e terá que permanecer por no mínimo dois terços do tempo da condenação preso antes de poder sair com liberdade condicional.

Embora, no código penal haja artigos diferentes para distinguir o enquadramento entre traficantes e usuários de drogas, o problema é que na prática não se faz distinção clara e efetiva entre eles. A quantidade apreendida não é critério diferenciador, pois são recorrentes os casos classificados como “tráfico” com apenas dois ou três gramas de maconha e casos classificados como “posse e uso” que ultrapassam um quilo da erva. Isto acontece porque:

a distinção entre usuário e comerciante vai muito mais além da questão da quantia de drogas que está de posse do indivíduo. Conforme Brandão Neto, o que realmente vai influenciar na hora de enquadrar uma pessoa como traficante ou usuário é a situação em que ele estiver envolvido no momento da prisão, e não o montante de droga propriamente

dita.¹²³

Esta indefinição, que está na legislação, mas principalmente na prática da polícia, só tende a magnificar o poder policial, o que, por sua vez, inflaciona a corrupção, sem contar que, em muitos casos os policiais costumam prender meros fregueses ou pequenos repassadores (aviões) e enquadrá-los como traficantes, para mostrar eficiência no trabalho.

Desta maneira, nos setores mais pobres e mais vulneráveis à ação policial, os efeitos da própria repressão podem ser desastrosos por estimularem a criminalidade violenta. Isto porque, no combate ao uso de drogas, a polícia conta com este enorme poder de determinar quem será ou não processado e preso como traficante, ou seja, como autor de crime hediondo. Esta situação reforça a marginalização do adicto e ajuda a criar a superpopulação carcerária, além de tornar ilegítimo e injusto o funcionamento do sistema jurídico no país.

Daí decorre, que uma das conseqüências diretas da proibição é a construção ideológica tanto do usuário quanto do traficante como agentes do mal, ou a demonização da própria droga. Prova disso, é a gravura que estampa a capa de uma cartilha, lançada recentemente pelo jornal *O Presente*, intitulada como “Drogas: aprenda a ficar longe delas!”.

A cartilha procura dar continuidade a campanha contra as drogas idealizada pelo diretor do jornal *O Presente*, Arno Kunzler, no ano de 2005 e foi direcionada a pais e alunos das escolas municipais. A capa da cartilha é composta por uma imagem que ilustra, no canto superior direito, uma nuvem com vários anjinhos, representando pessoas que “já foram para o céu”. Estes anjinhos estão observando, com expressão de satisfação, um menino na rua. O menino, por sua vez, com autoridade aponta o dedo para uma caveira, dizendo não ao leque de drogas que esta caveira trás escondida em seu paletó. Aos pés da caveira, saindo pela tampa do esgoto, a imagem de dois “diabinhos”. O primeiro está irritado pela negação do menino às drogas oferecidas pela caveira e o segundo procura convencer o menino para que este aceite as drogas.

No entanto, não se pode atribuir a aceitação popular da concepção maniqueísta do mal à mera manipulação da informação via mídia, pois o medo tem razão de ser. Basta considerar o aumento dos dados sobre crimes violentos nos últimos anos. O medo, resultante de experiências reais inegáveis de perigo e de destruição, enfrentadas principalmente no

¹²³ O PÓ MALDITO fica mais popular. *O Presente*, Marechal C. Rondon, n° 370, p.20, jan.1999.

cotidiano das grandes cidades, adquire um caráter imaginário nas narrativas das situações vividas, especialmente porque vinculadas a interpretações que já pressupõem a origem do mal.

A reação moral da população a esta representação dos adictos enquanto agentes do mal, a demonização da própria droga, somadas a um quadro de violência, corrupção e comércio ilegítimo tende a condenar a todos: do simples usuário até os piores corruptos e homicidas. A moral, dividida entre a dos consumidores de drogas e dos não-consumidores, está paralisada em virtude da hipocrisia inerente à proibição do consumo dessas drogas, enquanto que outras que também fazem mal permanecem liberadas. Conforme Zaluar, “um impasse foi criado. Os consumidores vivem para o próximo prazer, afetando no máximo a si mesmos, mas os cidadãos cumpridores da lei consideram os consumidores, assim como os traficantes, agentes modernos do eterno demônio”.¹²⁴

Contudo, não se pode definir o adicto simplesmente como marginal, dada a complexidade do próprio conceito de cidadania. Este conceito sofreu constante reformulação desde suas origens mais remotas, na Antiguidade Clássica. O significado do conceito clássico de cidadania associava-se, de forma mais estrita, sobretudo a participação política. No entanto, foi a partir do século XVIII, com o Iluminismo e as Revoluções Burguesas que o conceito de cidadania, tal qual o entendemos modernamente no ocidente, sofreu importantes alterações. Uma análise mais profunda sobre o conceito de cidadania exigiria um trabalho de pesquisa a parte, o que não é intenção direta da minha proposta de pesquisa. No entanto, vale a pena considerar uma descrição panorâmica sobre o conceito de cidadania, no sentido de melhor ilustrar sua complexidade.

Um dos avanços mais significativos da modernidade, que se apresenta como a grande bandeira do Iluminismo, foi a idéia de “contrato social”, na qual, os homens podem organizar o Estado e a sociedade de acordo com sua vontade e razão, desconsiderando as tradições e os costumes. O princípio da legitimidade dinástica foi substituído pelo princípio da soberania popular, de origem contratualista, reafirmando a igualdade entre os cidadãos perante a lei, como regra da nova relação com o Estado.

Como consequência disso, surgiram as idéias iluministas-liberais. Produto de uma nova racionalidade, por meio da qual se procurava entender o mundo. Com efeito, houve

¹²⁴ ZALUAR, Alba. A criminalização das drogas e o reencantamento do mal. In: ZALUAR, Alba (org.). *Droga e Cidadania: repressão ou redução de riscos*. Brasiliense, São Paulo. 1994. p.117.

inovações também para a concepção de cidadania, que assentou na igualdade e na liberdade seus princípios básicos.

O final do século XIX e início do século XX, junto ao processo de consolidação do capitalismo, surge novas exigências de direitos: os chamados “direitos sociais”. Agora não eram mais os burgueses os protagonistas destas lutas. A classe operária apossou-se da bandeira da luta pela cidadania, contra a exploração capitalista. Conforme Vieira, estes “direitos sociais” conquistados no século XX, a partir das lutas do movimento operário e sindical, “são os direitos ao trabalho, saúde, educação, aposentadoria, seguro-desemprego, enfim, a garantia de acesso aos meios de vida e bem-estar social.”¹²⁵

Mas, foi apenas com as guerras mundiais e com o temor à extrema violência dos conflitos e de seus subprodutos, como foram os regimes totalitários, que a sociedade civil e os órgãos internacionais, como a ONU, entenderam ser os direitos humanos uma questão de primeira ordem para o tema da cidadania contemporânea. A partir da Segunda Guerra Mundial se observa uma nova relação entre os direitos sociais e o poder público. A criação, na década de 1940, dos estados de Bem Estar Social (*welfare state*), confirma o pressuposto de que o temor à revolução é que propicia as reformas sociais.

Entretanto, a estrutura previdenciária desses órgãos aliada às oscilações na economia mundial tornou-se um fardo para o Estado. Assim sendo, a falência deste estado de *Bem Estar Social*, na década de 1970, revelou a fragilidade dessas reformas que acabaram por não favorecer mudanças significativas nas estruturas responsáveis pelas desigualdades sociais.

Já na segunda metade do século XX, sobretudo nos anos 60, diversos jovens lançaram a bandeira dos chamados direitos de terceira geração. A tomada de consciência sobre a capacidade humana de realizar coisas como seres “livres” começou a bater forte contra as regras e prescrições rígidas estabelecidas pela burguesia da época. Estes direitos de terceira geração dividiram-se naqueles que diz respeito aos “outros”, ao “nós” e ao “eu”, como por exemplo, o direito dos povos de se autodeterminarem, ou o direito a paz, à preservação do meio ambiente, ou ainda os direitos daqueles que não são exatamente do nosso gênero, da nossa idade, da nossa descendência racial ou mesmo da nossa opção de vida, religiosa ou sexual.

Fala-se hoje em direito à intimidade, em direito à moral e até mesmo em direito ao

¹²⁵ VIEIRA, Liszt. Cidadania e globalização. Rio de Janeiro: Record, p. 22.

esquecimento. Conforme Canclini, a insatisfação com o sentido jurídico-político de cidadania “conduz a uma defesa da existência de uma cidadania cultural, e também de uma cidadania racial, outra de gênero, outra ecológica, e assim poderemos continuar despedaçando a cidadania em uma multiplicidade infinita de reivindicações.”¹²⁶ Desta maneira, a cidadania não se restringe a aspectos estritamente políticos, mas aponta para a própria heterogeneidade das relações humanas.

Uma das questões mais importantes discutida hoje nos países democráticos diz respeito justamente aos direitos humanos dos usuários de drogas e a ação contraditória do Estado em relação a eles. A criminalização do uso vem sendo apontada não só como uma agressão aos direitos privados e individuais do cidadão, mas também como um empecilho para que o adicto, por medo de ser processado e preso, procure os hospitais públicos quando sofre as conseqüências do abuso de drogas ilícitas.

No entanto, como em qualquer atividade de transgredir o legal ou o socialmente aceito, a prática da adicção se sobrepõe e participa de diversos mundos ao mesmo tempo: o marginal e o central, o desviante e o oficial. O resultado final disso é uma confusão entre o conceito de marginal ou cidadão para caracterizar o adicto, pois este participa simultaneamente de ambas as dimensões.

A figura do adicto apresenta-se enquanto um personagem ambíguo em sua dupla relação com o estado. É marginal e marginalizado por usar a droga e transgredir a lei e ao mesmo tempo se entende enquanto cidadão quando presta serviços, quando paga impostos, quando vota, quando consome, quando se vale dos serviços e espaços públicos, por residir na cidade, enfim, quando incluso no exercício de direitos e deveres atribuídos aos cidadãos comuns.

Esta situação ambígua e simultânea de vivenciar a cidadania na marginalidade ou a marginalidade na cidadania expressa-se nos relatos dos adictos de Marechal Cândido Rondon. Para os adictos rondonenses, a marginalidade resulta do fato de estarem fazendo o mal para os outros. Fazer o mal para si mesmo não se caracteriza enquanto marginalidade. Daí decorre que o conceito de marginalidade para estes adictos está diretamente vinculado a noção de “bandidagem”, ou seja, o marginal é o sujeito que rouba, mata, comete estupro e faz uso

¹²⁶ CANCLINI, Nestor Garcia. Consumidores e Cidadãos – conflitos multiculturais de globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. p.48.

indiscriminado da violência para conseguir alcançar seus objetivos. Assim, para os adictos entrevistados:

Marginal pra mim vem desse lado de bandido né cara, aquele lado, lado errado mesmo entendeu, o lado do medo e da força entendeu, se a pessoa quer assim é assim que ela vai ser vista, é como marginal.¹²⁷

Marginal ‘mano’, eu acho que é cara que rouba pobre, que além de roubar talvez roube da mãe pra comprar droga, é estuprador... Olha pra mim eu acho que mais nessa parte aí de ser marginal, é aquele cara que talvez vai na função, mas ele não pensa nos outros né. Se ele fazer a função e pensar nos outros, ele não vai ser um marginal Rodrigo. Vai ser um...ele vai ser um humano né, como dizem, vai ser um cara, uma pessoa que esta tentando levar a vida em diante, de uma forma que não é legal né, mas sem prejudicar os outros... Porque o fato de eles estar fazendo mal pra eles é uma coisa né, mas pros outros é outra, daí não tem como considerar marginal se ele não está fazendo mal nenhum para outras pessoas.¹²⁸

Ah, acho que marginal cara, marginal acho que já é um delinqüente né cara, alguém que comete um ato infracionário né cara, alguém que desrespeita a lei né cara. Tá certo! Eu acho que tem usuário e tem usuários de droga. Tem usuário que não é marginal, o cara usa e fica na dele, não sai. Não é assim: usa e vai sair roubando e matando né. Agora tem gente que vai rouba pra pode compra droga né... Esses acho que são os marginais né cara. Não só envolvendo com droga também. Acho que é a mesma coisa um, de repente aí um, no transito mesmo né cara, um cara que mata outro por causa de uma “batidinha” que teve aí, acho que esse é um marginal também cara. E pô! um prefeito que rouba aí dos cidadãos né, da cidade dele, um governador, um ministro né, que rouba aí, esses também são marginais né. Só que quem chama eles de marginais? Ninguém né cara! Tipo assim, o pobre erra, o rico comete um equívoco né cara.¹²⁹

A rigor, para os adictos de Marechal C. Rondon o simples uso da droga não é suficiente para caracterizá-los enquanto marginais, embora a lei diga o contrário. Os adictos sentem-se marginalizados, porém todos os entrevistados se percebem enquanto cidadãos rondonenses. O Conceito de cidadania para estes adictos encontra-se em função de várias noções. Alguns reconhecem sua cidadania na expressão da relação de pertença a cidade ou de trabalho na cidade, outros já situam sua cidadania em função do conceito de igualdade e liberdade, outros ainda, identificam o ser cidadão no jogo de mercado, situando-se enquanto

¹²⁷ McCABEÇA. Op. cit. p.101.

¹²⁸ BOBY. Op. cit. p.116.

¹²⁹ CARRIER. Op.cit. p.131.

consumidores e por fim, a cidadania é encarada também enquanto uma atitude de preocupar-se com a questão social e de busca pelo bem comum:

Cidadão, eu acho que é ter preocupação social. Não pensar simplesmente em você né, como: ‘ah eu tenho minha casa, eu tenho minhas coisas’. Eu acho que um cidadão é uma pessoa que se preocupa um pouco até mesmo com a sociedade em geral né. Eu me vejo assim, eu vejo que eu me preocupo com política, me preocupo com educação, com as coisas que tão em torno da, que tão melhor né. A questão ambiental, ligada a minha profissão, acaba sendo muito importante. Eu vejo que o cidadão não é, também não só o social, tem tudo né, é uma pessoa que consegue interagir beneficentemente no meio ambiente que ela vive né.¹³⁰

Cidadão... olha né, que nem eu digo, eu faço parte de Rondon, eu sou um dedinho de Rondon, uma mínima coisa né, porque é aqui que eu compro, é aqui que eu pago, é aqui que eu vivo né... Porque tudo tem uma conseqüência, minha mãe venho morar aqui, daí nós crescemos aqui, estamos vivendo aqui né, nasci, cresci, vivi aqui né, passei minhas poucas e boas aqui, foi aqui que me ajudaram a mudar, foi aqui que me acolheram, foi aqui que me transformaram e é aqui que eu estou né, e acho que é aqui que eu vou ser enterrado.¹³¹

Cidadão acho que é aquela pessoa, que você tem o mesmo direito que o cidadão comum tem né. Ninguém tem o direito de dizer pra você ‘óh, você não vale nada’. Todo mundo tem os direitos iguais né, porque você não pediu pra nasce branco, você não pediu pra nascer negro, ou você não pediu pra nascer falando né, qualquer outro tipo de língua. Praticamente pra nós, cidadão é aquele que se convive com todo mundo né, não tem preconceito de chegar ‘óh você não pode entra naquele lugar, você não pode fazer isso, você não pode...’, não! Cidadão tem que ser aquela pessoa, você tem totalmente liberdade, pra onde você quiser chegar, você chegar.¹³²

Ah! Acho que todo mundo é um cidadão né cara, eu não me excluo mais hoje cara, eu não me sinto inferior a ninguém né, pode ser o prefeito, pode ser o papa, ou pode ser o padre, pode ser um deputado ou vereador, a única coisa que eles fazem é ter um trabalho diferente do meu, mas são iguais a mim, tem os mesmos direitos e os mesmos deveres que eu tenho, então eu não me sinto inferior a nenhum deles cara, acho que sou um cidadão como eles, ou como qualquer outra pessoa cara, e não procuro inferioriza ninguém também cara. Mesmo a pessoa que tenha um trabalho inferior de repente ao meu, um gari ou um lixeiro, e uma pessoa igual a mim cara, única coisa que o trabalho dele é diferente do meu cara, um professor, qualquer pessoa cara, eu procuro vê como pessoas iguais a min, não são mais nem menos, única

¹³⁰ TATOO. op. cit. p.148.

¹³¹ MANINHO DO CRAK. *Transcrição de entrevistas/acervo pessoal*. Marechal Cândido Rondon, 04 jan. 2006, p.43.

¹³² ALAGOANO. *Transcrição de entrevistas/acervo pessoal*. Marechal Cândido Rondon, 10 jan. 2006, p.73.

coisa que muda é o trabalho da pessoa, não é porque ela tem dinheiro ou porque não tem que ela vai ser mais né, por mim eu procuro trata todo mundo igual né cara, igual a mim, igual aos outros. Bota tudo num patamar só.¹³³

Estas diversidades de interpretações são próprias da heterogeneidade do conceito de cidadania, como vimos anteriormente. No entanto, é importante considerar que, mesmo percebendo-se de diversas maneiras enquanto cidadãos, os adictos de Rondon se sentem marginalizados e, por vezes, não se percebem enquanto parte da sociedade rondonense. Aqui reside a ambigüidade de suas práticas. São cidadãos “na cidade de Rondon” e não “da cidade de Rondon”. Situam-se a margem da sociedade dominante. Fato que não lhes rouba o entendimento de possuírem o direito à prática da cidadania.

Assim, todos os adictos entrevistados quando questionados sobre o fato de serem ou não cidadãos responderam prontamente e com convicção, afirmando serem cidadãos. No entanto, na questão seguinte, quando questionados sobre o fato de fazerem parte da sociedade rondonense, apareceram algumas ressalvas:

Você se sente parte da sociedade rondonense?

Aí já é complicado, eu me vejo um pouco excluído até. De certa forma assim, eu não me vejo como parte da sociedade rondonense. A sociedade rondonense, eu vejo ela como uma sociedade muito cristalizada assim, naquilo que ela é né, quem não tá naquele, quem não tá ali, não tá mais e não vai entrar né, é difícil entrar, eu acho que é, é uma sociedade assim meio complicada né.¹³⁴

Olha! Fazer parte eu praticamente vou dizer pra ti que não, não. Eu não faço parte da sociedade porque o pessoal exclui muito. Não vou dizer todos né, mas a maioria da sociedade ela não te vê com bons olhos. O que te vê mais com bons olhos é aquela pessoa que veve mais no recanto da cidade, aquela pessoa que veve num bairro mais pobre, entende, porque se for pra você chegar no centro da cidade ali é poucas pessoa né.¹³⁵

Conforme McCabe, quando afirma: “nós não somos marginais, nós somos marginalizados”, os adictos de Rondon sabem que fazem parte da cidade no que diz respeito ao seu espaço físico/geográfico, no entanto, quando a questão em pauta é o pertencimento ao espaço social, aquele ocupado em grande medida pela sociedade germânica idealizada, uma

¹³³ CARRIER. op. cit. p. 130.

¹³⁴ TATOO. op cit. p. 149.

¹³⁵ ALAGOANO. op. cit. p. 74 .

relação de estranhamento é ressaltada. Não somente porque os adictos são ilegais, mas porque suas práticas, no que diz respeito as suas formas de agir, aos seus gostos pessoais, as suas visões de mundo, não se põem exatamente em conformidade com as práticas do “tipo ideal”. A postura dos adictos pressupõe práticas que não combinam. São práticas que destoam dos valores estimados pela cultura germânica local e, portanto, pela sociedade dominante de Rondon.

2.5. Práticas que não combinam.

A práxis e a propriedade de bens materiais e simbólicos constituem uma expressão reiterada das condições de existência. Aquilo a que se pode denominar de “estilo de vida”.¹³⁶ Velho, em seus estudos sobre usuários de drogas da zona sul do Rio de Janeiro, adotou o conceito de “estilos de vida” para melhor categorizar um universo tão heterogêneo e multifacetado como é o dos adictos. Para Velho, os conceitos de subcultura e contracultura são “problemáticos na medida em que partem do princípio de que existe uma homogeneidade na cultura envolvente”.¹³⁷

Os conceitos de subcultura e contracultura estão vinculados a uma perspectiva muito preocupada em estabelecer limites rígidos entre o normal e o anormal, o ajustado e o desviante, o típico e o atípico. Desta maneira, cimentam certos comportamentos em torno de variáveis específicas, estabelecendo fronteiras absolutas. É verdade que não se pode negar a existência de descontinuidades, porém devemos percebê-las de forma dinâmica:

O conceito de subcultura, ao enfatizar as diferenças dentro de uma sociedade, corre o risco de não perceber como se dá a comunicação material e simbólica entre os grupos que, mesmo tendo campos de comunicação e interação com um certo grau de especificidade, partilham símbolos e valores comuns, interagindo, trocando elementos num processo dinâmico ininterrupto.¹³⁸

¹³⁶ O “estilo de vida” é a forma pela qual uma pessoa ou um grupo de pessoas vivencia o mundo e, em consequência, se comportam e fazem escolhas. Neste sentido, os elementos que preenchem os critérios de livre escolha, como os estéticos, artísticos, religiosos e outros, passam a ser significativos para a definição do “estilo de vida” de um dado grupo.

¹³⁷ VELHO. op. cit. p.17.

¹³⁸ ibidem. p. 18.

Para Bourdieu, as diferentes posições que os grupos ocupam no espaço social correspondem aos estilos de vida ou “sistemas de diferenciação que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência”.¹³⁹ O gosto, a aptidão e a tendência à apropriação de uma certa categoria de bens são práticas “classificadas e classificadoras”. Aquilo a que Bourdieu denomina de *habitus* que, por sua vez, se apresenta como a “fórmula generativa” que está no princípio do “estilo de vida”.

Desta maneira, o “estilo de vida” é um conjunto unitário de preferências diferenciadoras que demonstram, na lógica específica de cada um dos micro-espacos simbólicos (vestimentas, linguagem, postura, consumos outros, etc.) a mesma intenção de expressão que gera uma “unidade de estilo”.

É importante notar que, de alguma forma, as pessoas enfatizam determinados símbolos que permitem a sua diferenciação do resto da sociedade. A diferenciação no nível da linguagem com o desenvolvimento de vocabulário e expressões próprias e a elaboração de um código visual de gestos, vestuário etc... bastante complexo, corresponde à criação de um campo de comunicação e interação que seria um dos elementos definidores do grupo. Assim teríamos, grosso modo, uma escala de valores comuns, uma certa consciência de identidade, nascida inclusive, no que se refere aos adictos, da própria acusação de desvio, e um sistema de comunicação até certo ponto próprio.

Conforme Bourdieu, o “estilo de vida” funciona em função de um sistema de *pars totalis*, ou seja, cada dimensão do estilo de vida simboliza todas as outras. Desta maneira, o estilo de vida vai se tornando o produto de uma preferência sempre recorrente e que orienta e organiza as práticas mais diversas, desde a escolha da vestimenta, um gosto musical, até a religião a que se adere ou as opções de lazer. Essas peculiaridades parecem ser fatores de agrupamento e ao mesmo tempo instrumentos organizacionais no desenvolvimento de limites, formas de comunicação e outros mecanismos necessários à organização de um grupo. A rigor, o gosto e a sensibilidade podem ser entendidos como elementos constitutivos desta fórmula que aglutina os indivíduos em grupos, especialmente na cidade.

¹³⁹ BOURDIEU, Pierre, *Gostos de classe e estilos de vida*. In: Ortiz, Renato (org.) - BOURDIEU, Coleção Grandes Cientistas Sociais. nº. 39. Ática, São Paulo, 1983. p.82.

No entanto, é importante frisar, que a utilização do conceito de “estilo de vida adicto” é útil para expressar somente a análise do grupo de entrevistados, no sentido de verificar distanciamentos e aproximações em relação à idealização da comunidade germânica local. Neste sentido, a utilização de tal conceito não tem a pretensão de criar uma categoria única para retratar todos os modos de vida, vinculados a prática da adicção, da cidade de Marechal Cândido Rondon, até porque a análise incorreria na mesma homogeneização estéril que procuro contestar.

Outra questão relevante é que a análise das subjetividades, gostos, sensibilidades e valores em si, não dá conta de captar o “estilo de vida” em todo o seu significado, se não for feita também uma análise com base em outros gostos e preferências, em relação aos quais se distingue. Neste sentido, os estilos de vida dos adictos de Rondon põem-se em relação de distinção com os estilos de vida germânicos, principalmente em função dos valores idealizados na construção figurativa do “tipo ideal”, assim como afirma McCabeça e Tadoo, respectivamente:

Eu moro nesta cidade aqui, mas eu acho que o meu lugar nem era para ser aqui entendeu. Porque eu sou totalmente inverso. Praticamente se você parar para analisar, eu paro para analisar né cara, eu curto quase tudo o que aqui não tem né cara, eu curto quase tudo aquilo que as pessoas fazem, que aqui as pessoas que estão lá em cima não fazem entendeu.¹⁴⁰

Parece que eu me sinto, não me sinto totalmente incluído nessa sociedade aqui não, tanto que a minha pretensão de, profissional até, ela tá mais, eu to tendo meus ideais mais fora do município do que, do que aqui né, sendo que eu vivi praticamente minha vida toda aqui, mas profissionalmente eu não to conseguindo vive aqui nesse lugar, eu todo com... quase total certeza que eu vou ter que ir embora daqui pra conseguir alguma coisa.¹⁴¹

Estes estranhamentos de McCabeça e Tadoo, em relação a cidade na qual eles viveram praticamente por toda a sua vida, têm razão de ser e aponta para um dos objetivos centrais de meu trabalho, ou seja, a intenção de verificar até que ponto o uso de drogas estabelece fronteiras significativas dentro da sociedade estudada e a que visões de mundo e estilos de vida está associado, podendo inclusive, chegar-se a representação de uma outra cidade, diferente daquela idealizada e alimentada ainda hoje pelos tradicionais colonizadores germânicos.

¹⁴⁰ McCABEÇA. op. cit. p. 100.

¹⁴¹ TATOO. op. cit. p. 149.

Um ponto de partida interessante para a análise da diferenciação entre os estilos de vida dos sujeitos adictos e os valores atribuídos ao “tipo ideal”, é a problematização da noção de trabalho, por apresentar uma distinção significativa entre as elaborações de cunho moral decorrentes deste conceito.

A princípio, cabe esclarecer que a idéia de super valorização do ócio e do desprezo pelo trabalho, tradicionalmente atribuída aos adictos, não confere. É certo que, existe uma tendência à ociosidade entre os adictos, talvez em função do próprio tipo de droga utilizada e em função da frequência com que se dá o uso. Dependendo do caso, o uso da droga pode representar um impedimento para o cumprimento das exigências postas por alguns tipos de trabalhos:

Eu, não conseguia trabalhar mais né, se eu trabalhava eu ganhava a conta por chegar drogado, tremendo no serviço, por não conseguir segurar o pincel na mão, eu não conseguia trabalhar, eu não conseguia...eu não tinha mais vontade para nada.¹⁴²

Desde os quinze anos de idade trabalhei como pintor, muito trabalho na minha vida, mas, às vezes, a droga também não deixava eu trabalhar né, o álcool não deixava, a maioria das segundas feiras até meio dia eu não trabalhava por causa do álcool né, por causa da droga também às vezes.¹⁴³

No entanto, tanto para o “tipo ideal” quanto para os adictos, verifica-se uma valorização diferenciada da noção de trabalho. Para o “tipo ideal”, conforme vimos anteriormente, a cultura do trabalho está diretamente relacionada à integridade moral do sujeito. É uma reafirmação da idéia judaico/cristã de que o trabalho dignifica o homem. Neste sentido, o trabalho é definidor dos demais valores de uma pessoa e o reconhecimento moral do sujeito vincula-se a atividade produtiva que este desempenha na sociedade. A noção de trabalho, desde o início da colonização está associada igualmente, a produtividade. O trabalho é um meio gerador de riquezas e, segundo Maccari, o “tipo ideal e sua utilidade social era dada neste processo de colonização pela sua capacidade de produção”.¹⁴⁴

Para Foucault,¹⁴⁵ desde o século XVIII, há uma investida do poder sobre os corpos visando-se a disciplinarização. É na modernidade que se constrói uma maquinaria de poder através

¹⁴² MANINHO DO CRAK. op. cit. p. 36.

¹⁴³ McCABEÇA. op. cit. p. 92 .

¹⁴⁴ MACCARI, Neiva Salet. Migração e memórias: a colonização do oeste paranaense. Curitiba, UFPR, Dissertação (Mestrado em História), 1999, p.169.

¹⁴⁵ FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. In: *Vigiar e punir*. 22^o ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

do controle dos corpos, isto é, o corpo para fazer não o que se quer, mas para operar como se quer. “Corpos dóceis” são disciplinados, produtivos e úteis. A atribuição de moralidade do sujeito pelo seu trabalho situa-se justamente em função desta lógica. O sujeito é tido como moralmente ajustado, porque é produtivo e se produtivo também útil. É a tecnologia da disciplina que moraliza e fabrica os corpos submissos. Os tabus, preconceitos, verdades morais, religiões produzem assim as renúncias ao prazer e a docilidade necessária para a submissão e a produtividade.

Ocorre que o estilo de vida adicto preza pelo prazer. Em geral, o uso da droga sempre foi aliado à satisfação de um prazer negado ou mitigado pelo mundo real, pelas emergências e frustrações da vida cotidiana. Baudelaire, desde o século XIX, já afirmava ser a experiência com drogas um acesso aos paraísos artificiais, como satisfações momentâneas que os homens buscam para fugir da mediocridade existencial a que a grande maioria está condenada, mesmo que o despertar deste fugaz momento edênico tenha horríveis conseqüências:

Não né. É uma coisa diferente. Em casa só briga né, em casa só apanhava, então família, afeto de família nada né, então era, dava vamos dizer né, era a alegria momentânea que a droga te dá, aquele sentimento de... imagina né, para mim era tudo novo, o pai na cadeia, mãe separada, e eu podendo usar droga né... eu achava bom por causa da ‘piração’ que ela dá, a sensação que ela dá, a transformação que ela dá, eu ficava animado, não parava de dar risada, era um dos motivos que eu usava né, por aquele momento, por aquela tarde eu não, né.¹⁴⁶

Eu encarava que, eu pensava assim, um pensamento completamente insano né cara, ah um dia eu vou morrer mesmo, daí eu tenho que aproveitar a minha vida, tem que curtir né...as vezes eu não to contente com a realidade, você acaba usando droga pra viver outro mundo né cara, um mundo irreal né cara.¹⁴⁷

Daí que, para os adictos, todas as outras dimensões da vida social, em maior ou menor grau, se estabelecem em função do prazer. É uma busca sempre recorrente da experiência idílica. Neste cenário, em oposição à noção de trabalho própria dos sujeitos disciplinados, dóceis e produtivos, os adictos apresentam-se enquanto “corpos desviantes”. Não que haja uma recusa do trabalho, porém o entendimento sobre a noção de trabalho se dá de uma forma diferenciada que, em muitos casos, rompe com a fronteira estanque entre

¹⁴⁶ MANINHO DO CRAK. op. cit. p.21.

¹⁴⁷ CARRIER. op. cit. p.127.

trabalho e prazer. São sujeitos que desestabilizam as normas sociais e sugerem uma ampliação nas possibilidades de ser e de viver. Os adictos indicam que o processo de se “fazer” como sujeito pode ser experimentado com intensidade e prazer.

Assim, a noção de trabalho, para os adictos, embora relevante, vem depois da importância atribuída ao lazer ou, em muitos casos, o trabalho está diretamente associado ao lazer como fazendo parte de uma única dimensão. No caso de Bobby, esta noção de trabalho evidencia-se com clareza. Seu entendimento sobre trabalho vincula-se aos seus dois *hobbys* preferidos, ou seja, desenhar e andar de *skate*. Bobby, enquanto trabalha personalizando objetos com o aerógrafo, encontra tempo disponível para treinar e alimentar o sonho em participar do *skate* profissional:

[...] mas né pô! no estilo de trabalhar para poder comprar os negócio, daí nessa, conseguia conciliar né, os dois. Eu fazendo uns “tramos” meus sozinho, eu tenho um tempo, a hora que eu quero de andar de skate né. Eu posso fazer depois, ou faço e deixo secando o tal bagulho lá da tinta e aí eu posso sair e andar de skate e fazer as duas coisas juntas né, num dia fazer tantas coisas... e também agora, assim nessa parte assim, de desenhar um pouco menos e andar mais de skate. Pegar meu tempo mais pra andar de skate. É por causa do físico né, se eu pensar bem, eu tenho que aproveitar agora que eu tenho físico pra andar de skate, por que depois pra mim vai ser fácil, eu vou sentar ali, eu to um pouco mais velho né, com uns trinta e cinco, quarenta, pra mim sentar e desenhar eu to ‘de boa’, mas pra andar de skate, na função, pra ter um lucro talvez um dia né, no skate assim, depois eu tenho que parar né, então a melhor coisa que eu achei assim na minha mente.¹⁴⁸

Quando lazer e trabalho unem-se em uma única dimensão, o cumprimento rígido de horários para trabalhar torna-se um empecilho ao prazer. O requisito necessário para promover o prazer da prática situa-se justamente na liberdade de escolher o que fazer e quando fazer, ou seja, possuir uma certa liberdade para realizar determinada atividade no momento exato do desejo.

Em função disso, durante a pré-entrevista de Testa, quando conversávamos de forma descontraída sobre vários assuntos, ele fez a seguinte afirmação: “Não gosto de trabalhar em lugar que tenha que cumprir horários e bater carteira. Cumprir horário não é comigo. Meu negócio é viver assim: tenho minha casinha, duas vaquinhas no pasto e vou

¹⁴⁸ BOBY. op. cit. p.111.

vivendo dos meus rolos”. Também Bobby, em sua pré-entrevista, quando o questionei se havia algum problema em realizar a entrevista em horário comercial, demonstrou aversão ao cumprimento rígido de horários para o trabalho: “não, não! Trabalho como quero e quando quero, só quando estou bom da cabeça”.¹⁴⁹ Ainda, sobre o cumprimento de horários no decorrer de sua entrevista:

Ah! Eu costumo assim, de manhã sempre depois das nove, dez horas assim, eu começo a trabalhar de manhã e de tarde sempre as duas né, mas sempre deixando um espaço livre assim para as coisas que eu quero fazer, pras coisas da vida mesmo, habitual, nem sei a palavra.¹⁵⁰

Outro aspecto importante de se observar é a noção de trabalho adotada pelos adictos que passaram pelo processo de recuperação na comunidade terapêutica. Tendo concluído o tratamento e abandonado o uso de drogas, estes adictos foram reintroduzidos no convívio social. Foi o início de uma nova relação com a cidade. Para se adaptar e conquistar aceitação social (talvez o termo mais apropriado seja tolerância social) estes adictos transformaram também seus estilos de vida. O trabalho passou a ser valorizado em função da visão tradicional já sedimentada na cultura local e o prazer passou igualmente a ser encarado valendo-se de valores tradicionais, como o entendimento do convívio familiar como forma de lazer:

Prática de lazer hoje, qual que é? Minha família cara!¹⁵¹

[...] eu agradeço o que eu tenho né, as pessoas né, é a nova vida mesmo, são os meus filhos, é a minha casa é o meu trabalho, é o meu salário que eu recebo todo mês, toda a semana, toda a quinzena sabe, que eu valorizo muito o meu suor né, é a alegria que eu tenho em pagar minhas contas, alegria que eu tenho de fazer compra para dentro de casa, é a alegria de me sentir valorizado sabe, pra comunidade, pras pessoas também que precisam de mim, que precisam, não porque eu mereça né, porque precisam, nós precisamos um dos outros né, e também pela minha família, a luz que eu também sou pra minha família e até que minha família também tem sido pra mim, por tudo sabe Rodrigo, eu só tenho mais a agradecer sabe assim, o sentimento hoje, hoje de importância que é um sentimento que eu tenho que, hoje diferente, de estudar de novo, de trabalhar, de fazer curso.¹⁵²

¹⁴⁹ citações proferidas durante pré-entrevistas e extraídas do diário de campo.

¹⁵⁰ BOBY, op. cit. p.110

¹⁵¹ CARRIER, op. cit. p.132

¹⁵² MANINHO DO CRAK. op. cit. p. 41.

Que antes eu não tinha emprego né cara, não tinha nada, hoje eu sai de lá e já comecei a trabalhar de carteira assinada, que eu nunca tinha trabalhado com vinte e dois anos né cara.

Como você acha que você é visto pela sociedade de Rondon hoje?

Um trabalhador, um cara que... mudança né cara e tem uns que nem... é mudança mesmo né cara, cara respeito né cara, os cara me respeitam, trabalho normal e trabalho bom.

Como você gostaria de ser visto por essa sociedade?

Do mesmo jeito que eles estão me vendo, não gostaria mais que isso não, quero só que eles me dão emprego, que eles me dão... entendeu, nunca faltar emprego para mim ganhar meu pão, fazer serviço e me sustentar entendeu, o resto... não precisa mais que isso.¹⁵³

A rigor, para os adictos recuperados em busca da tolerância social, a noção tradicional de trabalho (valorização do trabalho pela moralidade/produktividade) é retomada. O mesmo acontece com a questão da estima pelos laços familiares e da valorização da prática religiosa. Trabalho, família e prática religiosa são valores atribuídos ao “tipo ideal” e retomados pelos adictos, neste novo contexto, como forma de ajustamento social e moral:

[...] então essa foi a linha que eu tomei é, vou para a igreja, vou para o serviço, vou para casa né, e quando der um tempo, quando eu tiver a fim, eu vou jogar uma bola com os amigos né, não vou se misturar, até porque são pessoas que eu, só se conhecemos no serviço, eu não sei o que acontece aqui fora, então pode ser que aja um incentivo ‘ah vamos e tal’, então eu procuro não dar esta liberdade para eles, então a gente entra no campo joga bola acabou, vou embora para casa né, venho almoçar com a família.¹⁵⁴

No estilo de vida adicto em Rondon, verifica-se um distanciamento a cerca da valorização dos laços familiares e das práticas religiosas tradicionais. Família e religião são *locus* da moralidade e da responsabilidade, um impedimento ao estilo de vida alicerçado no hedonismo, no descompromisso e na liberdade:

Eu vivia o meu mundo sabe, eu não me importava mais para a família e para ninguém e muito menos para a sociedade... porque eu fui buscar viver o que eu queria, eu mesmo, eu busquei o meu eu sabe e quando eu fui buscar o meu eu, eu parei de pensar na minha mãe e parei de pensar na minha família, acabei vivendo o meu eu... eu perdi estudos, eu perdi família, eu perdi confiança né.¹⁵⁵

¹⁵³ NEGUINHO DO JOGO. *Transcrição de entrevistas/acervo pessoal*. Marechal Cândido Rondon, 05 jan. 2006, p.58.

¹⁵⁴ NEGÃO DO RIO. op. cit. p.17.

¹⁵⁵ MANINHO DO CRAK. op. cit. p.24.

Olha, muitos nem pá, nem virava este negócio de religião ai, tinha uns que, até bem amigo meu, bem chegado meu, na época falava assim ‘eu só acredito vendo, Deus eu só acredito vendo’, outros iam pro sarava, tinha isso, macumba né, feia, até certo tempo ia nestas paradas frescas ai de benzedeira entendeu, pra poder me benzer, para dar sorte na vida e isso e aquilo né.¹⁵⁶

Só sabia que Deus existia né, mais [...] essas pessoas pensa mais no diabo né cara [...] eu mesmo já fiz isso cara, ‘oh me da isso que eu dou minha vida pra você, me ajuda a fazer aquilo lá que eu dou minha vida para você, me ajuda a dar certo aquele negócio lá’, e os caras pedem mais pro bicho entendeu.¹⁵⁷

Assim, as poucas práticas religiosas e a invocação de uma dimensão transcendental por alguns adictos, se dão no sentido de aquisição de “benefícios espirituais” que não se dissociam de sua busca hedonista. Quando recorrem as “forças do além” é para pedir prosperidade financeira, sucesso em empreendimentos ilícitos, ou ainda, para “fechar o corpo”, uma espécie de “peito de aço” que oferece proteção contra qualquer tipo de agressão física que o sujeito possa vir a sofrer. Portanto, seja do ponto de vista da indiferença religiosa ou do ponto de vista do hedonismo individualista, a dimensão da religiosidade dos adictos difere-se da importância da prática religiosa atribuída ao “tipo ideal”, que presa pela moralidade cristã e pelo coletivismo fraternal.

Existem ainda outros pontos de diferenciação entre os valores atribuídos ao “tipo ideal” e o estilo de vida adicto. Além da valorização dos laços de família, do trabalho e da prática religiosa cristã, os adictos se diferem em suas formas de expressões. Não somente no que se refere ao uso da linguagem ou a expressão oral, mas também, na forma como se vestem e na própria preferência musical. Assim, o código de expressão que identifica seu estilo de vida é um conjunto composto pela roupa, pela fala, pela escolha musical, os trejeitos, a maneira de agir, pelo próprio gosto pessoal.

Sobre a manifestação verbal, os adictos identificam sua comunicação como “falar na gíria”. A gíria é um fenômeno de linguagem especial em que se emprega uma palavra não convencional para designar outras palavras formais da língua, com intuito de fazer segredo, humor ou distinguir o grupo dos demais criando um jargão próprio:

¹⁵⁶ McCABEÇA. op. cit. p. 91.

¹⁵⁷ NEGUINHO DO JOGO. op. cit. p. 56.

Até hoje essa personalidade de gíria comigo eu ainda uso, entendeu, lógico que eu sei falar diferente eu estudei, depois disso eu estudei, depois que eu passei toda essa trajetória comigo eu estudei, me formei até o primeiro grau, graças a Deus né, aí também parei por aí né, mas estudei e tal tudo né, mas a gíria entendeu, você nunca, você nunca deixa de lado, depois que você tem uma trajetória muito grande, desse tamanho assim meu, que dura dez anos entendeu, é dez anos de vida louca, você não... dificilmente você consegue né, então você pode ver que eu te chamo muito de véio né, então é uma parada que... uma gíria, uma forma de chamar a pessoa que eu aprendi a mil e ano atrás e até hoje eu não larguei né.¹⁵⁸

Trata-se de um fenômeno sociolinguístico, cujo estudo, conforme Preti,¹⁵⁹ pode ser feito sob duas perspectivas: gíria de grupo e gíria comum. A gíria de grupo possui caráter criptográfico, ou seja, é uma linguagem codificada de tal forma que não seja entendida por quem não pertence ao grupo. Neste sentido, o uso de termos gírios dá aos falantes um sentimento de superioridade, serve como signo de grupo, contribuindo para o processo de auto-afirmação do indivíduo. Expressa a oposição aos valores tradicionais da sociedade e preserva a segurança do grupo, pois em determinadas situações a comunicação é nula com aqueles que não pertencem a ele. Quando o significado das gírias sai do âmbito do grupo, novos termos são criados para que se mantenha seu caráter criptográfico. Por isso trata-se de algo efêmero, em constante renovação:

[...] daí tem as gírias de, por exemplo, gíria de maconheiro assim, de usuário, de quem fuma assim, são umas gírias diferente assim e tal né... Então, na realidade, gíria a gente usava assim como um código né, como que eu falei assim pra você antes ‘pé de breque’ né, ‘atrasa lado’ né... tem gente até que fala que gíria nem mais é gíria, é dialeto já, já é uma língua mesmo né. Então tem uma pá de coisa para você xingar o fulano sem ele saber, para você se relacionar com uma pessoa, ou falar de uma pessoa, trocar idéia com uma pessoa sem ele saber, entendeu, sem as outras pessoas saber o que vocês estão falando né. Até a minha namorada um dia: ‘fiche, quando eu encontro esse daqui e o sócio dele, que eles estão junto, você tem que sentar e prestar atenção no que eles estão falando por que senão, e pedir depois, senão você não entende o que eles estão falando’ né, porque entra muito, ‘pé de china’ é pobre, quando o cara é ‘pé de china’ né, ‘zé povinho’ é aquele cara que entra assim e só fala da vida dos outros, papa todo mundo ali, ele espalha, ele escolhe, ele espalha uma pá de espinho para tudo quanto é lado né, aí você é chamado de ‘zé povinho’ né, que está ali sempre para acabar né, e tem mais, tem uma infinidade de gírias.¹⁶⁰

¹⁵⁸ McCABEÇA. op. cit. p. 87.

¹⁵⁹ PRETI, Dino. A gíria como um elemento da interação verbal na linguagem urbana: transformações no fenômeno sociolinguístico da gíria. In: *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004, p. 65-70.

¹⁶⁰ McCABEÇA. op. cit. p. 88.

Os termos são criados quase sempre a partir do vocabulário comum, com alteração do significante, mudança de categorias gramaticais e criação de metáforas e metonímias que expressam a visão de mundo do grupo, refletindo ironia, agressividade ou humor. Seu processo de criação baseia-se no espírito lúdico, tornando-se um jogo de adivinhação para quem é estranho ao grupo. Quando o uso da gíria de grupo expande-se, passa a fazer parte do léxico popular e torna-se uma gíria comum. É usada para aproximar os interlocutores, passar uma imagem de modernidade, quebrar a formalidade, possibilitar a identificação com hábitos e falantes jovens e expressar agressividade e injúria atenuada. Torna-se um importante recurso da comunicação devido a sua expressividade.

A gíria comum é usada na linguagem falada por todas as camadas sociais e faixas etárias, por isso deixa de estar ligada à falta de escolaridade, à ignorância, à falta de leitura. Na linguagem escrita é usada pela imprensa e por escritores contemporâneos, e muitos termos são dicionarizados:

Pode vê hoje em dia que até no dicionário já encontra algumas gírias né. Você vai falando, no caso, não só a gente, mas como a sociedade em geral começa a usufruir dessas palavras né, das gírias, e acaba se tornando usual né. Mas normal, como tem gíria que vem e vai embora, assim como tem gíria que vem e fica né cara e pô, que é usada até hoje. E tem umas que acaba do nada.¹⁶¹

Neste sentido, as expressões e os jargões criados pelos adictos, quando incorporada a sociedade mais abrangente, tornam-se um elemento de “circularidade cultural”. No entanto, a diferenciação entre os adictos e a pretendida sociedade germânica local, no que tange o modo de falar, se mantém de forma nítida. Ao “tipo ideal” é atribuída a capacidade de “falar em Alemão”. Uma linguagem carregada de sotaque que rememora as formas de expressões dos antigos “desbravadores” e que, igualmente, mantém suas próprias gírias e jargões.

Quanto à preferência musical e a indumentária escolhida para expressar os estilos de vida adicto em Rondon, evidenciam-se variações que encontram no *rock*, no *rap* e no *reggae* seus pilares de sustentação. As escolhas podem inclusive ser alteradas no decorrer da experiência adicta ou até mesmo misturar estilos:

¹⁶¹ CARRIER. op. cit. p. 125.

Eu comecei curtindo, por influência, *heavy metal* né, Sepultura, Nirvana, Ramones, uma pá de coisa assim né, deste estilo Metálica. Só que daí, com o tempo, a gente foi largando, porque o *heavy metal* e o *rock* é uma cultura né, então a gente não queria fazer parte daquela cultura, porque dali uns dias nós tava vendo que nós ia usar aquelas roupas feias né, nós achava umas roupas muito feia, aquelas camisetas pretas, aquelas calças, aquelas coisas assim né... nós começamos a se vestir assim no estilo dos skatistas né, porque a gente gostava né, da piazada né, tinha um entrosamento, rolava muita cachaça, muita droga também, então tal, começamos a vestir sempre calça larga, tenizão, camiseta por cima da calça, camisa de botão raramente, boné. Boné era um acessório que não podia faltar né... a partir de um momento a gente já foi largando desse negócio de *rock and roll* aí, e de *heavy metal* aí, e partimos pro, em noventa e sete, noventa e oito, por aí, a gente pegou definitivamente um estilo de música. A gente já conhecia desde noventa e quatro, que era o *rap*, que a gente ouve até hoje né, é assíduo disso até hoje né. Noventa e quatro a gente já ouvia, mas não era aquelas coisas, a gente pá, misturava tudo né, e era o *rap* e era uns *rock* né, uns *flash back* né. Mas a partir de noventa e sete em diante a gente: ‘não! vamos ser verdadeiramente agora, vamos ser adepto do rip e rop’, e já era né¹⁶²

Embora a preferência musical, assim como a maneira de se vestir, sofram variações entre grupos de adictos diferentes ou mesmo entre pessoas de um mesmo grupo, ou ainda entre momentos diferentes da experiência adicta, os estilos apontam para uma dimensão alternativa as normas da cultura popular predominante:

Em certos aspectos assim, a gente tentava ter padrões diferentes da maioria né. Ouvir *rock* quando a maioria ta ouvindo sertanejo, quando a maioria ta ouvindo *pop*. Alguma coisa assim, a gente é *rock*, a gente é isso. De certa forma, talvez é, sem perceber, inconscientemente, a gente talvez não fosse por revolta que a gente tivesse usando droga, mas indiretamente, ou conscientemente, demonstrava um pouco disso, de uma incompatibilidade com os padrões, a gente acabava, tudo que era contra né, tudo, *rock* pesado né, som que a maioria das pessoas não gosta tanto, a gente ‘ah nossa! esse som’, aquelas coisas mais alternativas mesmo.¹⁶³

Em nome da maioria, a musica e a indumentária germânica se destaca na realização dos eventos oficiais do município de Rondon, ou seja, na realização da Oktoberfest, da festa do município, nos desfiles de sete de setembro. No entanto, o estilo alternativo é motivo de estranhamento, principalmente quando se propõe um evento que possa dar maior visibilidade a outro estilo de vida, que não o germânico. Esta questão se evidencia na iniciativa de

¹⁶² McCABEÇA. op. cit. p. 95.

¹⁶³ TATOO. op. cit. p. 143.

McCabeça, de propor a prefeitura municipal a realização de um evento de *rip rop* em Marechal C. Rondon:

[...] um dia a gente fez um projeto, colocamos lá, chamamos um colega nosso, um chegado nosso lá né cara, e levamos ele a ajudar nós fazer o projeto. Até ele tem três faculdades nas costas já, se formou três vezes, e ele é um dos caras assim que começou também a me dar uma luz assim: ‘oh, você tem que fazer assim, assado, vai indo por aqui’, né cara, ‘vai fazendo assim que você vai conseguir’. Uma pessoa assim que eu admiro também né. É um irmão assim de muito caráter né cara, uma pessoa de bom senso que pensa no outro né, em ajudar o outro. Então a gente chegou lá, então a gente gostaria de trazer pra cá né, uma coisa para ajudar né, porque tirar um pouco a molecada da rua, dar uma ocupação pros moleque, não só pros moleques, mas pros marmanjo também né, e aqui a gente sabe que tem gente que gosta de *rap*, e isso e aquilo né. Então, foi num ponto que as pessoas que estavam conversando com nós falou ‘não, mas nos vai ter que daí, pra fazer um negócio desse, vai ter que arrumar segurança’, porque eles não entenderam direito o que nós queria fazer. Para eles era coisa de bandido né, coisa de bandido, coisa de quem não tinha o que fazer, e aqui não tem público pra isso, aqui não tem público pra isso, só tem público só para o folclore aqui, para a cultura alemã né, se bem que aonde tem samba você pode ver meu, você pode parar e prestar atenção por ai, que aqui você não encontra samba, aqui você só encontra é aquilo, em Rondon é só aquilo, é só o negócio de alemão... eles não dão muita liberdade de expressão né, então foi o ponto em que nós ficamos muito triste né, de saber que você vai procurar ajuda numa parada que é de uma cultura, e os caras vim desse lado como que aqui não tem público pra isso, pra samba, aqui não tem público pra não sei o que, pra isso e aquilo né, e para trazer uma parada que a gente queria trazer tinha que arrumar segurança, achando que era pra nego, que ia dar bandido né, ia ter que se pensar muito bem pra fazer isso né. A resposta da mulher foi essa e a nossa foi: ‘tá bom então, firmeza né, vamos deixar quieto, tem que ser do jeito que eles toca’, e meu, foi várias e várias vezes que a gente tentou né, e nada.¹⁶⁴

O estranhamento, o preconceito e a estigmatização do estilo alternativo de vida, aparece também no relato de Bobby, em função do estilo adotado pelos *skatistas*. Segundo Bobby, não existe uma ligação direta entre *skate* e uso de drogas. Embora muitos *skatistas*, que frequentam a praça central sejam adictos ativos, há entre eles aqueles que não demonstram interesse pelo consumo de drogas:

¹⁶⁴ McCABEÇA. op. cit. p. 99.

[...] se anda de skate você já é maconheiro, mesmo que você não seja né, pô é maconheiro, ladrão, e não sei o que. Aqui em Rondon é assim: você começou a andar de skate, você pode ter certeza que você vai ter uma vida difícil. Pô já teve tempo assim de eu falar que pô, se eu soubesse que ia ser assim, eu andar de skate cara, eu não tinha começado né... altos preconceitos mesmo, até na parte de mina também, de mina não ficar por que é *skate*, tem mina que falou assim ó 'não fico contigo porque daí vou virar Maria Rolamento, daí vão me chamar de Maria Rolamento', saca... mas eu tenho mais assim minhas crise demais assim é com a vida mesmo né, como aqui não tem muita saída para o *rock and roll* e tal, daí acaba rolando a pira das minas não gostar disso e você não ter uma saída pra você né, poder ficar com as minas. Que nem pó, eu vou ficar com uma mina lá que fala tudo errado, ou não curta muito meu som, e vai acabar ficando sem graça né, não vai ser uma coisa legal como podia ser onde tem mais é, é mais aberto assim pra outras idéias né, pra idéias novas, e pra conscientização né.¹⁶⁵

Dado o apontamento dos diversos elementos contrastantes que caracterizam os estilos de vida adicto, fica evidente a nítida diferenciação entre estes e a idealização da cultura germânica local. Não que esta diferenciação marque uma fronteira rígida, porém os adictos constituem sociabilidades alternativas. São sociabilidades que articulam diversos signos e critérios: roupas, músicas, programas e espaços de lazer, expressões e gírias, modos e estilos de vida.

Seus modos de vida distinguem-se, não somente pelo caráter ilegal de sua prática que os permitem viver na transgressão do socialmente aceito, mas também, porque seus estilos de vida destoam dos valores atribuídos a retórica do “tipo ideal” e aos valores impostos através da recorrente sobrevalorização da cultura alemã. Neste sentido, os sujeitos adictos de Rondon, podem ser duplamente qualificados como *outsiders*.

Segundo Becker¹⁶⁶, os *outsiders* são aqueles que possuem um comportamento desviante. Becker afirma que existe um processo de produção do comportamento desviante, no qual, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa faz, mas sim a consequência da aplicação por outrem de regras e sanções ao ‘transgresso’ marcando-o como *outsider*. Sob este ponto de vista o desviante é aquele a quem tal marca foi aplicada com sucesso. No caso dos adictos, a marca da transgressão é ditada pela própria lei e reafirmada socialmente enquanto comportamento desviante. Assim os adictos situam-se enquanto *outsiders*, por transgredir o legalmente estabelecido.

¹⁶⁵ BOBY. op. cit. p. 109.

¹⁶⁶ BECKER, H.S. *Los extraños* – Sociología de la desviación, Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 1971. p.26.

Conforme a abordagem de Norbet Elias¹⁶⁷, podemos também pensar a categoria dos *outsiders*, como aqueles que chegaram depois do estabelecimento da antiga comunidade local. No caso de Rondon, os estabelecidos são os colonizadores, os pioneiros alemães, que desbravaram as terras pertencentes a antiga Fazenda Britânia e a transformaram na cidade de Marechal C. Rondon. É justamente desta dinâmica que se extrai o discurso e a legitimação de obras públicas, que firmam e reafirmam o simbolismo germânico local.

Os adictos, como os *outsiders* de Elias, são os sujeitos que não se encontram afinados aos esquemas de relações já sedimentadas entre os moradores "antigos", situando-se na contra-mão dos valores tradicionalmente atribuídos ao "tipo ideal". São duas vezes *outsiders*. Vivem em descompasso com a imposição das normas legais e não se identificam com os valores da cultura predominante da cidade, na qual muitos sempre residiram, mas com a qual nunca concretamente se identificaram.

Assim, os adictos, pelas características próprias de suas sociabilidades, subvertem e põe em questão a predominante valorização do padrão cultural alemão e, desta maneira, apontam para aquilo que a cidade é em sua essência: heterogeneidade, ambigüidade e movimento. É esta dinâmica que não os conformam a marginalização, que conduz os adictos *outsiders* de Rondon a estabelecerem, como cerne de suas sociabilidades, o espaço da praça central, no coração da cidade, centro do poder, a clara evidência da sociedade legitimada. Mobilidade fluída da urbanidade que conduz as margens a migrarem para o centro.

III CAPÍTULO: A reinvenção da praça

3.1. Qual é o significado da praça?

Como projeto de modernização destinado ao embelezamento da cidade ordenada, higiênica e segura das propostas burguesas, a praça é um local público para o exercício da função de lazer e incentivo da vida comunitária. Espaço voltado ao atendimento dos cidadãos, habitantes da urbe, que em suas horas vagas podem desfrutar, na companhia de seus familiares ou amigos, de um espaço comum, bem arborizado, livre do movimento contínuo dos carros e

¹⁶⁷ ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar. 2000.

com infra-estrutura suficiente para atrair a população para um exercício de sociabilidade, símbolo da coesão social e fruto da prosperidade.

Porém, é preciso ponderar. A contrapelo dessa ordem pública ritualizada, outras contraturalidades e racionalidades se constituem, justamente porque evidencia-se uma projeção diferenciada da cidade pretendida, elaborada nos projetos dos urbanistas e arquitetos, das cidades que se têm, marcadas pelas construções simbólicas feitas pelos usuários daquele espaço transformado.

O *flâneur*, neste sentido, é uma figura privilegiada que lança um novo olhar sobre a cidade e seus signos, com o propósito de transformar em matéria de reflexão aquilo que a cidade expulsa e denunciar o outro lado do cartão-postal. Faz daquilo que a cidade jogou fora e destruiu a matéria de suas divagações, se ocupa das coisas quando deixaram de ser funcionais posicionando-se a margem das concatenações próprias da sociedade burguesa.¹⁶⁸

Numa versão contrária do olhar que entende o espaço da rua como “*locus* do fim”, símbolo da devassidão da qual se embriagam os homens maus sucedidos numa tentativa de driblar suas frustrações, onde tudo termina, para o *flâneur* a rua é o “*locus* do início”, a rigor, é onde tudo começa. Tendo a cidade como paisagem e a rua como moradia, o flanador em sua contemplação, alimenta-se da alma das ruas para prefigurar uma nova narrativa sobre a cidade e a modernidade.

A lógica em questão é a da heterogeneidade, da diversidade, das contradições urbanas, dos anacronismos que persistem na cidade, dificultando o projeto modernizador. Assim, as mudanças físicas que buscam civilizar a cidade não conseguem esconder do *flâneur* as contradições urbanas criadas pela modernização. A narrativa que apreende a modernização e a mudança é interrompida por símbolos que remetem as disparidades ou a um pass: distante.

Desta forma, a praça pode assumir um sentido inverso ao ícone da modernidade, para se transformar em ponto de convergência das contradições sociais. É o local no qual as crianças brincam, o mendigo dorme, traficantes e prostitutas marcam ponto, o trabalhador informal ganha a vida, um espaço urbano construído socialmente, um lugar de práticas sociais

¹⁶⁸ Sobre esta visão da figura do *flâneur* ver ABREU, Jean Luiz N. *O flâneur e a cidade na literatura brasileira: proposta de uma leitura benjaminiana*. Mneme – Revista virtual de humanidades, n.10, v. 5, abr./jun. 2004. disponível em www.seol.com.br/mneme.

que traduz leituras da sociedade, assim como bem pontua Arantes ao se referir a Praça da Sé em São Paulo:

Em contrapartida ao seu esvaziamento enquanto dimensão espacial do que se poderia conceituar como esfera pública burguesa, convergem para locais desse tipo e neles ganham visibilidade algumas das principais tensões e conflitos sociais. Aí se expõe publicamente a falta de direitos de cidadania da grande maioria da população da cidade, que se identifica na incidência de assaltos, no comércio e ostensivo consumo de drogas, na construção de moradias ‘invisíveis’, no sub-emprego, na mendicância [...] ¹⁶⁹

Um outro sentido da praça pode ser identificado. Aquele que diz respeito ao ato, bastante comum, de se erigir em praça pública estátuas e esculturas com o objetivo de se promover o civismo. Movimento que se inicia em meados do século XIX na França e se estende por diversos países, inclusive o Brasil.

Etimologicamente, a palavra “monumento” é de origem latina e provém do verbo *monere*, que significa lembrar. Assim, monumento é a obra construída com a finalidade de conservar sempre viva e presente, na consciência das gerações futuras, a lembrança de determinada ação ou de uma existência. Seguindo a tradição francesa, no Brasil, a construção de monumentos históricos ocorre como forma de legitimar alguns fatos e mitos fundadores da nação e de promover uma idéia fixa do que deveria ser considerado cidadania.

Para Oriá, procurava-se, através da construção dos monumentos e das estátuas, fixar “a memória da nação, onde eram selecionados os fatos históricos e personagens dignos de registro à posteridade, que serviriam de instrumento de legitimação do estado nacional e à promoção de uma consciência cívica da população.”¹⁷⁰ Desta forma, a exemplo da história oficial, as estátuas e monumentos históricos servem para reforçar o culto aos “heróis nacionais”. A praça, por sua vez, torna-se o “lugar de memória”,¹⁷¹ na qual, cria-se cenários emblemáticos, justamente para reforçar as representações simbólicas de poder materializadas nas cidades, sobretudo em seus espaços públicos de maior circulação. Esta lógica se traduz na

¹⁶⁹ ARANTES, Antônio A. *A Guerra dos Lugares*. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: n°23, 1994. p.191.

¹⁷⁰ ORIÁ, Ricardo. *A história em praça pública: os monumentos históricos de Fortaleza (1888-1929)*. Primeiros Escritos, v° 7- julho de 2001. p.02.

¹⁷¹ este conceito é de Pierre Nora, para um maior detalhamento ver: NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História (Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História/PUC). São Paulo. 1993.

edificação de estátuas, bustos, monumentos, ícones, marcos e até equipamentos utilitários, que recorrem à história e ao passado como forma de legitimar ações no presente.

Dentro destes universos dispares evidencia-se, no entanto, várias representações para a praça, ela é ao mesmo tempo símbolo da modernidade, palco da memória coletiva e lugar de práticas sociais, por vezes contraditórias. Para além do entendimento das múltiplas representações que as praças podem vir a assumir, o que me interessa precisamente é uma abordagem mais específica da praça Willy Barth, a praça central do município de Marechal Cândido Rondon - PR., com o propósito de identificar como este espaço é construído socialmente e apropriado por grupos que não figuram na história tradicional, neste caso especificamente os usuários de drogas, e como as significações ou resignificações da praça podem vir a contribuir para uma nova leitura da própria cidade.

No entanto, antes de partir para a análise propriamente dita, entendo como etapa capital para uma abordagem mais consistente, a descrição da praça como ela se encontra hoje. Esta etapa da descrição é um subsídio interessante na medida que permite identificar com maior precisão a localização da praça, as ruas e construções que a cercam, a organização de seu espaço interno e os símbolos a este espaço conferidos, proporcionando uma melhor ilustração do cenário do qual extraio meus questionamentos, como por exemplo, o porquê da escolha deste local e não de outro, tanto da parte de quem pensou a praça quanto da parte de quem dela se apropria e as implicâncias que isso possa vir a ter para uma releitura da história urbana.

3.2. Descrição da praça.

Localizada no coração da sociedade rondonense a praça Willy Barth foi projetada em um espaço privilegiado da cidade, entre duas das avenidas principais do centro de Rondon, ou seja, a Avenida Maripá que passa em frente a praça, em homenagem a companhia colonizadora e a Avenida 7 de Setembro que passa atrás da praça e que, por sua vez, recorda a data da “independência” do Brasil. Um evento marco para a memória oficial da história do país em diálogo com a memória oficial da história local da empresa colonizadora e seu respectivo diretor, ícones igualmente responsáveis pelo progresso, aquele do país, estes da localidade.

Do ponto de vista das construções é difícil identificar qual das partes compõe o *hall* de entrada da praça, igualmente ladeada por edificações expressivas que representam as instâncias do poder municipal. Originalmente o pedaço de terra destinado a construção da praça Brasil¹⁷², pela orientação da própria Colonizadora, deveria situar-se em frente a Igreja Martin Luther, e neste sentido, tomando como referência a igreja, o lado principal da praça deveria ser a rua Espírito Santo, situada entre a praça e a igreja luterana.

Contudo, em 1963, mesmo ano da mudança de nome da praça para Willy Barth, a praça central teve seu tamanho reduzido de quarenta mil para trinta mil metros quadrados, em função da construção da prefeitura, do fórum em estilo enxaimel e da sede da empresa de telecomunicações do Paraná – TELEPAR, edificações que hoje dividem o espaço da antiga praça Brasil com a atual praça Willy Barth, compondo o outro lado da praça por onde passa, no sentido norte-sul, a Rua Sergipe. Do ângulo da Rua Sergipe temos a clara impressão que a praça é uma espécie de “pátio dos fundos” do fórum e da prefeitura.

Por sua vez, o lado situado às margens da Av. 7 de setembro fica de frente ao cartório e ao principal jornal local, *O Presente*. Neste mesmo lado, foi estabelecido em 1983 um símbolo dos primeiros tempos da colonização do município, ou seja, o primeiro trator utilizado para fazer abertura de estradas da Colonizadora MARIPÁ, ícone que cumpre a função de aproximar tempos distantes e reforçar a memória oficial.

Também, os caminhos da praça ajudam a confundir a definição do lado principal, pois partem todos das laterais convergindo para o centro, espaço contemplado, em 1965, com dois bustos, um em homenagem ao Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon e outro em homenagem a Willy Barth, fixados em local estratégico já que todos que viessem a cruzar a praça utilizando os caminhos convencionais certamente passariam em frente aos monumentos.

Com a remodelação da praça de 1993, os bustos foram transferidos de lugar passando a ocupar outro espaço estratégico na praça, ao lado direito e esquerdo do palanque oficial. Assim, após o remanejamento dos bustos, no centro da praça foi construído um notável chafariz composto por uma escultura que representa a produção agrícola do município.

A escultura do chafariz é uma composição de símbolos. Representa principalmente a produção de trigo e soja, sendo sustentada pelo braço forte do homem do campo e também

¹⁷² nome atribuído a antiga praça que pelo projeto de lei nº 82, de 24 de dezembro de 1963, teve seu nome substituído pelo atual nome praça Willy Barth. Os motivos que levaram a administração municipal a adotar um novo nome para a praça, serão discutidos mais adiante.

um balde que evidencia o potencial da bacia leiteira, transformando o chafariz no marco da produtividade municipal.

Outros marcos da modernidade vinculados ao projeto de remodelação foram edificadas com a intenção de atrair a população para o lazer na praça. Entre eles a construção em estilo germânico de banheiros públicos equipados com água potável, também a quadra de futebol de areia e o parque infantil, ambos localizados às margens da Rua Espírito Santo e por fim a pista de Skate situada às margens da Av. 7 de Setembro. Como vimos anteriormente, durante a administração Linberger e Wasen, a memória cívica municipal é reforçada com a construção de novos monumentos. Foram edificadas o memorial histórico, a cápsula do tempo e a estátua do Marchal Rondon.

Desta forma, as únicas evidências que denunciam o lado principal da praça são o marco de inauguração e o palanque oficial situadas às margens da Avenida Maripá. Deste mesmo lado foi construída, por ocasião da remodelação, uma choperia que, assim como o fórum, também evidencia o estilo enxaimel. A choperia foi desativada e cedeu seu espaço a uma casa de artesanatos hoje em funcionamento.

Cabe destacar que a intenção da descrição da Willy Barth não é a de identificar qual dos lados compõe a porta de entrada da praça, se é que isso seja possível, e de qualquer forma isso pouco importa. A tentativa de descrever a praça e seus respectivos ícones, ilustrando a simbologia oficial e o espaço cercado de importantes edificações, é fundamental para a posterior análise e compreensão das maneiras pelas quais a praça é reapropriada e reelaborada por sujeitos subsumidos frente a história tradicional do município e ignorados por aqueles que pensam e elaboraram os espaços de uso público, desconsiderando a heterogeneidade dos grupos e práticas que virão a fazer usos destes locais.

3.3. Precedentes Históricos

No ano de 1950 inicia-se a ocupação planejada da região Oeste do Paraná, pela Colonizadora Madeireira Rio Paraná - MARIPÁ - e apenas um ano depois o próprio diretor da Colonizadora visita a região onde hoje situa-se o município de Marechal Cândido Rondon, “para fazer o reconhecimento de algumas áreas e definir alguns limites entre outras

avaliações”.¹⁷³ Foi nesta ocasião que Willy Barth decidiu denominar a localidade de Vila General Rondon. Porém, o nome só foi oficializado por uma organização político-administrativa realizada no município de Toledo com o propósito de nomear vilas e distritos. Até o ano de 1960 o Distrito General Rondon participou da administração política de Toledo.¹⁷⁴

A história da praça central de Rondon faz parte do início da história municipal. De acordo com as próprias diretrizes da MARIPÁ ao planejar a organização do espaço urbano determinava-se também a doação de terras para a construção de igrejas e praças, que por sua vez, deveriam situar-se em frente às igrejas, mantendo-se assim, uma antiga tradição ocidental que procura garantir o espaço da religião, do lazer e das práticas cívicas. Desta forma, o primeiro nome conferido a praça central situada em frente a igreja oficial de Rondon, Martin Luther, foi Praça Brasil, que embora tendo seu espaço garantido não foi adaptada nos primeiros anos para aquilo que era o seu objetivo, imperando um certo descaso em relação a este espaço.¹⁷⁵

A monotonia da praça foi interrompida em 1957, por ocasião da primeira visita do governador Moisés Lupion à Vila General Rondon com o objetivo principal de inaugurar a linha telefônica da MARIPÁ. O evento de recepção da autoridade política reuniu uma multidão na Praça Brasil, futura praça Willy Barth, que a partir de então, se tornou o palco dos eventos cívicos municipais.¹⁷⁶

No ano de 1961, porém, foi realizada a primeira eleição municipal da qual saiu vitorioso Arlindo Alberto Lamb. A desestrutura da praça estava com seus dias contados pois, em sua administração, Arlindo Lamb preocupou-se em conferir um novo sentido ao lugar. Aproveitando a ocasião da morte de Willy Barth em 1962,¹⁷⁷ foi discutido em sessão extraordinária da Casa Legislativa e aprovado por unanimidade a substituição do nome da praça de Brasil para Willy Barth¹⁷⁸. Além da substituição do nome da praça o espaço original foi reduzido para comportar a construção de repartições públicas assim como evidencia o ex-prefeito Lamb:

¹⁷³ SPECK, op. cit. p.17.

¹⁷⁴ Lei Municipal nº 17 de 1953, município de Toledo.

¹⁷⁵ SPECK, op cit, p. 68.

¹⁷⁶ Informações obtidas do jornal Rondon Hoje, 27-07-1977.

¹⁷⁷ Data esta estabelecida como luto municipal pelo decreto nº 17 de 02/04/62.

¹⁷⁸ Ata nº 42, da Câmara Municipal de Marechal Cândido Rondon, de 21 de dezembro de 1963.

A praça era um pouco maior como a atual praça. No meu tempo, quando eu era prefeito, eu achei que a praça era grande demais e eu resolvi cortar uma parte. Então, essa parte onde fica hoje a Telepar, o Fórum e a prefeitura, uma faixa de cerca de 40 ou 50 metros pertencia àquela praça e nós cortamos para a construção de repartições públicas. Naquele tempo se pensou em Coletoria Estadual, Federal, Fórum e prefeitura, mas depois tornou-se pequeno e algumas repartições passaram para outros lugares. Ficou lá a Telepar, o Fórum e a prefeitura ¹⁷⁹

Além de transformar o espaço da praça e modificar o seu nome, a administração Lamb também foi a responsável por conferir a praça, em 1965, os bustos monumentais de Willy Barth e Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. A praça recebe de uma só vez, dois emblemas que arbitrariamente passam a incluir-se na imaginária urbana local, pois são erigidos em nome da população e fixados no centro de um local público, apropriando-se da memória presente e futura. Embora Barth e Rondon tenham trajetórias de vida distintas entre si, suas imagens são integradas a um mesmo tempo e a um mesmo espaço através da construção de uma ordem simbólica, operada a partir da memória social.

A nova praça estava pronta para ser inaugurada em julho de 1965, prova disso foram os arbustos plantados na parte central da praça em forma da data (9.7.65), na qual esta deveria ser inaugurada. Porém, a inauguração aconteceu somente em outubro do mesmo ano por decisão do prefeito, pois em julho, véspera de eleições, a inauguração poderia ser entendida como campanha política, desta forma, o prefeito Lamb achou melhor inaugurá-la somente três meses depois da data prevista.

Para a inauguração, além da população local, várias autoridades políticas foram convidadas, inclusive o próprio filho do General Rondon, conforme consta em ofício enviado ao Rio de Janeiro, as vésperas da inauguração:

Senhor General, temos a elevada honra de convidar V.Ex^a. para assistir e participar dos atos de inauguração da Praça Willy Barth desta cidade, a realizar-se no próximo dia 17 de outubro, às nove horas. Será ponto alto das solenidades o descerramento dos bustos em homenagem ao patrono do município, o eminente vulto pátrio marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, seu genitor e ao fundador da cidade, o ilustre homem público e grande colonizador Willy Barth [...] ¹⁸⁰

¹⁷⁹ Depoimento oral de Arlindo Alberto Lamb in: SPECK, op. cit. p.71.

¹⁸⁰ Ofício nº 178/65, de 8 de outubro de 1965.

É desta forma que a construção da imagem de Willy Barth como “ilustre homem público” vai se solidificando no imaginário popular, através do emprego de seu nome, de sua imagem no espaço público e nos registros do discurso oficial. Também pela própria solenidade de inauguração da praça através do emotivo discurso do prefeito que, conforme uma testemunha do evento, contagiou a platéia presente:

Naquele dia da inauguração da praça Willy Barth lembro que Arlindo Lamb discursou. Só que o discurso não foi até o fim: ele chorou, a maioria do povo chorou, porque na hora que tiraram o manto que cobria o busto dele (Willy Barth), sei que começaram os aplausos e começaram as lágrimas também. Dava a impressão que ele estava até presente... Eu era uma menina, mas você sente, porque via meu pai, minha mãe chorando (...) na verdade, todo mundo estava chorando.¹⁸¹

O discurso pronunciado, desta maneira, serve de cimento para solidificar o objetivo moral e civilizador do monumento. A promoção do civismo, por sua vez, é reforçada no exemplo de bravura e patriotismo atribuído aos personagens pelas suas realizações em vida. Assim, a própria construção simbólica do monumento é justificada enquanto um sentimento de gratidão, não apenas de seus idealizadores, mas da sociedade urbana em geral. Esta gratidão é expressada pela ação e vida exemplar do indivíduo representado, ou seja, o princípio de gratidão é dirigido em nome da população e traduz-se pela idéia de “homenagem do povo” à personalidade do passado.

Estes sentidos evidenciam-se nas inscrições do busto de Willy Barth como “homenagem do povo ao colonizador do município, o benfeitor da colônia, o precursor do progresso” e no busto do Marechal Rondon como “homenagem do povo do município ao seu patrono, pelos seus serviços prestados no Brasil como sertanista e desbravador do HINTERLAND”.¹⁸² O que se percebe é a encruzilhada de dois movimentos simultâneos: a gratidão como mensagem do monumento a ser incorporada e o ritual em torno do monumento, procurando construir a imagem do cidadão ideal. Desta forma, o sentido da praça enquanto

¹⁸¹ Depoimento oral de Neusa Peter in: SCHIMIDT. Robi. *Cenas da constituição de um mito político: memória de Willy Barth*. Cascavel: Edunioeste. 2001. p. 144.

¹⁸² O recurso à expressão alemã *Hinterland* (interior), reforça a idéia de nacionalismo e evidencia a pretensa associação do local integrado ao nacional.

espaço do civismo é retomado e reforçado, consolidando-se posteriormente, com a recepção da maior autoridade política do país.

Neste momento não se imaginava que o palco do civismo municipal viesse a receber em 1976, em torno de dez anos decorridos desde sua inauguração, o presidente da república, General Ernesto Geisel. O presidente veio ao Oeste do Paraná para a inauguração da segunda etapa da eletrificação rural com a construção das duas primeiras turbinas do Salto Osório, bem como para fazer a abertura oficial da colheita de soja no Paraná.

Geisel, devido a representatividade da ARENA em Rondon, também planejou uma visita ao município, no qual o partido governista predominava. Assim, na praça Willy Barth, conforme expressão de SPECK: “estampou-se um grande cenário político que teve um único local no município, sendo este na Praça Willy Barth, que se afirmava como referência da política local”,¹⁸³ espaço no qual realizavam-se as manifestações políticas, as comemorações da Semana da Pátria e outras solenidades de eventos cívicos.

3.4. O Projeto de Remodelação: outra intervenção, novos sentidos.

Em abril de 1991, Hugo Balko, colunista do jornal *O Presente*, veio a público, por meio de uma matéria intitulada *Praças desertas: situação precisa ser revertida*, para denunciar o desamparo às praças rondonenses. Segundo Balko uma grave situação de abandono vinha envolvendo as praças públicas de Marechal Rondon que pareciam mais reservas florestais do que propriamente praças.

O objetivo principal, para o qual estes espaços públicos haviam sido elaborados, perdeu-se de vista e as praças se transformaram em mero espaço de circulação ou atalho, situação vivenciada, segundo o colunista, até mesmo pela praça central: “A praça Willi Barth, com melhor infra-estrutura, também permanece constantemente deserta, sendo usada somente para encurtar distâncias pelos transeuntes”.¹⁸⁴

¹⁸³ SPECK, op. cit., p.79.

¹⁸⁴ PRAÇAS desertas: situação precisa ser revertida. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon. Coluna de Hugo Balko, nº 01, p.100, 04 de outubro de 1991.

Balko afirmava ainda, que o principal problema das praças era a indiferença das autoridades devido a “ausência de programas de recuperação” e a “falta de uma programação festiva, capaz de levar os moradores até elas e lá passar momentos de recreio e descanso.” O colunista encerra sua matéria fazendo um apelo aos setores oficiais, entidades privadas e a população em geral, uma espécie de campanha para fazer com que as praças públicas de Rondon viessem a ser efetivamente usadas.

O chamamento de Balko não surtiu efeito de imediato, porém, dois anos mais tarde, durante a administração Ademir Bier (1993/1996), a Praça Willy Barth sofrerá novas intervenções do poder público, que por sua vez, naquele momento, ponderava como centro de suas preocupações o anseio de inserir Marechal Cândido Rondon nos tropéis do modernismo.

A primeira nota de alerta foi publicada na coluna *Tô de Olho*,¹⁸⁵ nos seguintes termos: “O prefeito Ademir Bier garante que vai transformar a Praça Willy Barth em verdadeira praça. Atualmente, na opinião dele, é apenas um bosque.”¹⁸⁶ Neste sentido, a administração municipal elaborou, em 1993, um projeto denominado “Rondon 2000”, que contemplou várias obras públicas, entre elas, a remodelação da praça central.

Um audacioso projeto de grandes investimentos públicos, previsão de cem mil dólares de gastos somente com a praça,¹⁸⁷ e como era de se esperar, gerou contestações, impondo aos seus idealizadores a necessidade de formular justificativas plausíveis. A primeira justificativa se deu através de um censo organizado pela administração municipal, no mesmo ano da elaboração do projeto, indicando que 65% da população residia no perímetro urbano, portanto havia uma real necessidade de promover o bem estar e a qualidade de vida da maior parte do povo rondonense. Também, no entendimento da administração municipal, o projeto iria gerar inúmeros empregos e traria retorno econômico, pois certamente, após a execução do projeto, a cidade seria reconhecida como pólo turístico.

Além da referida remodelação da praça Willy Barth, o projeto previa a construção de ciclovias, casa da cultura, parque ecológico, calçadão, centro de eventos, estádio de futebol,

¹⁸⁵ A coluna *Tô de Olho* é um espaço do jornal *O Presente*, uma espécie de vigia que em notas curtas procura denunciar as mazelas da sociedade.

¹⁸⁶ PREFEITO Ademir Bier garante que vai transformar a Praça Willy Barth. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, Coluna Tô de Olho, nº 87, p.15, 02 de julho de 1993.

¹⁸⁷ ABANDONO das praças é descaso antigo. *O Presente*. Marechal C. Rondon, nº118, p.20, 25 de fevereiro de 1994. Previsão de Renato Kaefffer, assessor especial de habitação e urbanismo durante a administração Ademir Bier, em entrevista concedida ao jornal *O Presente*.

portal municipal e remodelação das avenidas. De outra maneira, o motivo mais nobre e de maior relevância para a concretização do projeto, era a necessidade de reforçar as características germânicas alimentando o orgulho de cada cidadão rondonense por sua cidade:

Isso [referindo-se ao senso], vem alertar os governantes, as entidades organizadas acerca da necessidade de prover o bem estar coletivo com ações que possibilitem uma qualidade de vida compatível com as necessidades e os anseios da nossa gente da área urbana, sem esquecer é claro, da população interiorana. Estes fatores estão contemplados no presente projeto de urbanismo, que, de forma arrojada, prevê obras e melhorias capazes de guindar Marechal Cândido Rondon a um patamar de modernismo e avanço, à altura dos rondonenses [...] Para a população rondonense, como efeitos imediatos, haverá uma sensível melhora na qualidade de vida e uma resposta imediata na geração de empregos, através de inúmeras formas de prestação de serviços[...] De outro lado, além do conforto, da funcionabilidade e do bem estar, o presente estudo estampa um quesito de ainda maior relevância: a necessidade de despertar o amor, o orgulho de cada rondonense em relação à sua cidade, sendo ela bonita, moderna, agradável, ressaltando-se as características germânicas, desde os costumes, as festas, até a arquitetura e o planejamento global da cidade e dos bairros ¹⁸⁸

Já em fevereiro de 1994, ano do início e da conclusão dos trabalhos na praça, a necessidade de implementação do *Projeto Rondon 2000* foi reafirmada. Desta vez, através da coluna de economia que, coincidentemente ou não, importa para o seu enunciado exatamente a mesma expressão que nomeia o principal projeto da administração Bier: *Rondon 2000*. A matéria veiculada na coluna de economia alertava para a necessidade urgente de uma ampla discussão liderada pela *ACIMACAR* – Associação Comercial e Industrial de Marechal C. Rondon – com todos os segmentos da sociedade (sindicatos rurais, órgãos ligados ao setor primário, entidades empresariais e sociais, homens públicos), tendo como objetivo final a elaboração de um projeto de desenvolvimento para o novo milênio que se aproximava.

A necessidade de elaboração do projeto é evidenciada na matéria como uma medida urgente já que a economia da microrregião, sustentada pela produção agrícola, estava em crise: “Ora se vemos que o nosso modelo de desenvolvimento amparado no minifúndio agrícola está sendo derrotado, precisamos nos mobilizar dois sentidos: num, para salvá-lo e noutro, para substituí-lo.”¹⁸⁹ Da mesma forma, o discurso da “necessidade urgente” apresenta-

¹⁸⁸ Projeto Rondon 2000, op. cit. p.03

¹⁸⁹ RONDON 2000. *O Presente*. Marechal C. Rondon, Coluna de economia de Nilton Ricardo Lang, nº 116, p. 02, 04 de fevereiro de 1994. Nilton Ricardo Lang era presidente, na época, da Associação Comercial e Industrial de Marechal Cândido Rondon – ACIMACAR.

se como uma inquietação antiga de toda a sociedade, convocando todos para o debate, no sentido de encontrar a melhor solução:

Entendemos que esta preocupação existe em todos e vem de longa data. Nada melhor que reunir as pessoas de nossa região e de nossa cidade e debatermos entre nós, porém, com a participação de especialistas, conferencistas, professores, empresários, políticos da região e outras, onde experiências já mostraram o caminho a seguir. Da soma destes referenciais poderemos chegar ao projeto válido para nós.¹⁹⁰

Acontece que o referido projeto já havia sido elaborado e já estava em fase de execução. É importante destacar ainda, que em momento algum se questiona a legitimidade do projeto, ele é dado como necessidade real e preocupação de todos. Neste sentido, o discurso se presta ao serviço de manipulação da opinião pública visando, evidentemente, legitimar um projeto já em andamento.

Ao mesmo tempo em que sutilmente buscava-se a legitimação do projeto do qual a remodelação da praça Willy Barth era parte integrante, visto que as obras na praça estavam prestes a começar, uma outra matéria, apenas duas edições após a edição do jornal que veiculou a matéria de Nilton Lang, retoma a denúncia de Hugo Balko de dois anos atrás, agora sob o título “Abandono das Praças é Descaso Antigo”.

A nova denúncia era de que as praças rondonenses nunca receberam um “cuidado especial”, nem na gestão de Bier e nem nas gestões anteriores e a culpa, segundo Kaeffer, não era de ninguém, mas sim da “própria praça e suas características que acabam por não atrair a população para o seu interior”, por isso, era necessário que o projeto de remodelação privilegiasse a implantação de atrativos diversos, dentre eles, canchas polivalente e de futebol na areia, *play ground*, pista de *skate*, *chimarródromo*, choperia, chafariz, palco, palanque oficial, sanitários, iluminação baixa e pavimentação *petit-pavét*. Assim, julgando-se e condenando-se as “culposas praças”, também preparava-se o terreno, tanto da praça quanto da opinião pública, para que as obras pudessem começar. Com o início das obras a praça Willy Barth se transforma no centro das atenções. Os jornais passam a noticiar o acompanhamento das edificações e a data prevista para a inauguração.

Uma propaganda da prefeitura municipal anuncia os novos sentidos da praça que “além de se transformar num ponto de encontro e lazer dos rondonenses, irá constituir no novo

¹⁹⁰ Idem.

cartão postal de Marechal Cândido Rondon.”¹⁹¹ O prefeito por sua vez, em uma das visitas as obras da remodelação da praça, afirma que “a praça passará a ter novo sentido na vida dos rondonenses. Ela se transformará em local de encontro, de diversão e, inclusive, para a prática de esporte”,¹⁹² e certamente, no entendimento do prefeito, “a população saberá corresponder aos investimentos feitos pelo poder público, passando a freqüentar a praça, que apresentará inúmeros atrativos.”¹⁹³

Os atrativos da praça Willy Barth foram exibidos em todo o seu potencial por ocasião da inauguração da remodelação contemplada com dois dias de programação (08 e 09-07-1995). No primeiro dia as atrações iniciaram por volta das 18:00 h com o convite às autoridades e o ato religioso através da apresentação de corais, tendo continuidade com os pronunciamentos, descerramento de placa alusiva, acendimento oficial da nova iluminação, uma série de inaugurações das diversas edificações, acompanhadas de show pirotécnico e jogos inaugurais nas quadras, encerrando-se com o show de uma banda local.

No segundo dia, as atrações iniciaram logo pela manhã, tendo como palco o *chimarrodromo* com o convite “*chimarrendo na praça*”, uma espécie de roda de chimarrão organizada pelo CTG e clubes de serviços. A manhã seguiu-se com atividades recreativas, torneios e gincana, encerrando-se com a apresentação da banda marcial do CEFET de Curitiba. Na parte da tarde, além da continuação das atividades esportivas e recreativas, houve diversas exposições, entre elas, a de *skatistas*, danças tradicionais e orquestra. A programação de inauguração encerrou-se à noite com a apresentação de bandas. Na semana seguinte, pós-inauguração da remodelação, o jornal estampou o sucesso do empreendimento:

A comunidade rondonense pode alegrar-se. A partir de agora já possui um local apropriado para o lazer nos finais de semana. A administração municipal conseguiu transformar a abandonada Praça Willy Barth, num belo parque de lazer, com uma infraestrutura capaz de atrair pessoas de todas as idades e classes sociais. A opinião é do prefeito Ademir Bier, que recebeu convidados e autoridades para a inauguração da obra mais importante dos primeiros dois anos de seu governo [...] Autoridades não só do município,

¹⁹¹ MARCADA data para inauguração da praça Willy Barth. *O Presente*. Marechal C. Rondon. Propaganda da prefeitura municipal, nº 174, p. 25, 07 de abril de 1995.

¹⁹² PREFEITURA dá últimos retoques para inaugurar remodelação da Praça Willy Barth. *O Presente*. Marechal C. Rondon, nº 185, p.27, 23 de junho de 1995.

¹⁹³ *idem*.

mas de toda região, inclusive, duas filhas do pioneiro Willy Barth, fizeram-se presentes no ato inaugural.¹⁹⁴

Fato curioso é que a imprensa ao se referir a choperia, propagandeava seu atendimento como “familiar e hospitaleiro” ficando a mesma na obrigação de ceder gratuitamente água quente a quem desejasse fazer uso do *chimarródromo*. Desta maneira, reforçava-se a visão da praça enquanto espaço de lazer e instrumento de socialização, ícone da prosperidade e da coesão social, a exemplo das praças das cidades burguesas, lindas e higienizadas. A remodelação da praça era o primeiro passo para engrenar Marechal Cândido Rondon no ritmo da modernidade, pois as demais realizações viriam com a continuidade do projeto *Rondon 2000*.

De outro modo, os sentidos conferidos a praça subsistem e concorrem. O antigo “território do civismo”, que alimenta-se basicamente da memória, sede espaço a um outro entendimento da praça que procura superar o velho, transformando o espaço em “território da alegria”, no qual, a dinâmica predominante é a do prazer momentâneo proporcionado por instantes de lazer.

No entanto, a cidade não é só materialidade, mas antes pessoas, e isso nos conduz a considerar a heterogeneidade dos sentidos que denuncia a impossibilidade de construir uma identidade única para o lugar somente pelas transformações físicas, ao espaço conferidas. Os habitantes da urbe, com trajetórias e modos de vida diferentes entre si, também possuem maneiras distintas de encarar, atribuir significados e se relacionar com os espaços da cidade. O próprio movimento da história alimenta a heterogeneidade de sentidos, pois, na medida em que o tempo muda e transforma-se o espaço, muda-se também os significados.

Considerando este contexto, a cidade é um acúmulo de bens culturais, entendendo por cultura, na expressão de Geertz,¹⁹⁵ uma rede de significados socialmente estabelecidos, que revela uma inteligibilidade entre o cruzamento de dados objetivos (a representação construída através da obra, do monumento, do traço) com o eu-subjetivo (o consumo, a adaptação e a reelaboração da representação dada).

¹⁹⁴GRANDE público prestigia inauguração da remodelação da Praça Willy Barth. *O Presente*. Marechal C. Rondon, nº 188, p.13, 14 de julho de 1995.

¹⁹⁵ GERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara. 1981.

Neste sentido, a representação da Praça Willy Barth no trabalho de Speck,¹⁹⁶ embora anunciando a intenção de “mostrar historicamente a construção social do espaço urbano e os significados conferidos a este”, trata apenas dos significados impostos a praça, pelos administradores municipais. O trabalho traz uma contribuição significativa no entendimento da praça enquanto local de civismo e espaço de lazer, mas a autora não chega a identificar a apropriação e reelaboração do espaço por diferentes grupos, como no caso dos usuários de drogas, que conferem através de suas práticas, novos significados ao lugar.

Percorrer este caminho significa abandonar o espaço puramente geográfico para enveredar-se no caminho das representações simbólicas da cidade, dialogando com as representações impostas por aqueles que têm poder de classificar e de nomear e a definição, submetida ou resistente, daqueles que ocupam os espaços resignificados.

3.5. A apropriação do espaço: sujeitos imprevistos, suas práticas e os novos significados.

A abordagem das maneiras pelas quais um determinado espaço é apropriado ou reapropriado, pressupõe pensar em uma relação contínua entre produtores e consumidores do espaço urbano. Há a projeção de uma "cidade que se quer", imaginada e desejada, sobre a cidade que se tem, plano que pode vir a realizar-se ou não. O que importa considerar, do ponto de vista da história cultural urbana, é que a "cidade do desejo", realizada ou não, existiu como elaboração simbólica na concepção de quem a projetou e a quis concretizar.¹⁹⁷

Assim, além dos portadores de tais idéias e executores de tais práticas sociais de intervenção no urbano é preciso levar em consideração as representações da cidade que provêm dos consumidores do espaço ou habitantes da cidade. Seriam eles atores passivos, que legitimariam sem maior restrição as representações impostas "de cima"? Ou, pelo contrário, seriam capazes de se apropriar das atribuições referentes a espaços e vivências e depois formular suas próprias elaborações simbólicas? Conforme a postura de Ginzburg,¹⁹⁸ na

¹⁹⁶ op. cit.

¹⁹⁷ para maior detalhamento ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995.

¹⁹⁸ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo, SP: Cia. das Letras, 1986.

interfase da relação entre produtores e consumidores situa-se o conceito de circularidade cultural, que pressupõe o vaivém dos sentidos conferidos aos espaços e sociabilidades urbanas atribuídos pelos produtores e consumidores da cidade.

O entendimento de que o espaço urbano é constituído pela ação dos múltiplos sujeitos que o habitam e por isso mesmo é heterogêneo, está sempre em movimento e constante reelaboração, é de grande importância para compreendermos a relação existente entre os usuários de drogas de Marechal Cândido Rondon e o próprio fazer-se desta cidade.

A Elaboração da cidade moderna prevê a ocupação dos espaços por sujeitos selecionados, muitas vezes valendo-se de um discurso de “higienização”, com a intenção de expulsar para as margens, para a periferia, as contradições sociais. O centro é o lugar da utopia, o “castelo dos sonhos”, o protótipo da cidade ideal, o cartão de visitas para quem vem de fora e uma espécie de “oásis” para os habitantes da urbe. Em função deste contexto, o projeto de remodelação da Willy Barth considerava a ocupação da praça como principal fator motivador para a realização das reformas e implementação de atrativos.

Porém, a intenção da administração municipal era justamente atrair, para que ocupasse e fizesse uso do espaço público remodelado, um público seletivo denominado de “povo rondonense”, do qual fazia parte a família, monogâmica e feliz, que nos finais de semana trariam seus filhos para se divertirem no *play ground* e ainda poderiam aproveitar o momento de socialização proporcionado pela roda de *chimarrão* realizada no espaço originalmente batizado de *chimarródromo*, ou ainda, a juventude que aproveitaria os finais de tardes e as horas vagas para a realização de atividades físicas e esportivas, desfrutando de toda a infra-estrutura que a praça central proporcionava.

De outro modo, é importante notar que os diversos ícones internos e circundados da praça remete-nos a racionalidade do trabalho como principal prática social da comunidade. O trabalho é o valor por excelência que permeia todas as instâncias sociais e apresenta-se de forma evidente até mesmo no espaço propriamente reservado ao lazer. Desta maneira, os diversos monumentos ali fixados (a escultura do chafariz, os bustos de Willy Barth e do Marechal Rondon, a estátua do Marechal Rondon e o trator utilizado pela MARIPÁ) mais do

que procurar manter e reforçar a memória da colonização e dos “pioneiros”, acabam por firmar a noção segundo a qual o trabalho vem antes do lazer.

Desta forma, numa sociedade em que a prática religiosa luterana é predominante, vale retomar a abordagem Weberiana da ética protestante. O homem moderno capitalista, na visão de Weber, é aquele que se adequou a nova ética protestante, adquirindo capacidade de autocontrole, valorizando a vida frugal e desenvolvendo um sentimento de obrigação para com o trabalho. Elementos estes que criam uma base favorável para um aumento considerável da capacidade de produção. Assim a ética protestante ensina o indivíduo a acumular sem usufruir. Conforme Weber esta é a lógica que legitimou o método capitalista e contribuiu para o enquadramento da noção de trabalho como principal dimensão da vida social, ou seja, o trabalho como vocação herdada de Deus e única forma de realização humana.

Do lado avesso a paisagem idílica constituída pelo discurso oficial situam-se os “sujeitos imprevistos”. Ignorados na imagem que as lideranças municipais e a imprensa tecem sobre a praça e por eles considerados como “marginais”, “a tribo dos desenganados”, estes sujeitos vivem na contramão do ritual estabelecido pela ordem pública. São os usuários de drogas de Rondon que também fazem uso da praça e a ela conferem significados próprios.

Neste sentido, a praça Willy Barth é uma espécie de marco principal de Rondon, no que se refere a reelaboração do espaço urbano, considerando esta reelaboração a partir da heterogeneidade dos sujeitos que pensam e utilizam este espaço e ali constroem uma rede de significâncias. Esta questão evidencia-se no relato de todos os entrevistados, que atribuem uma ênfase especial a praça, quando questionados sobre os lugares que mais costumavam frequentar para utilizar drogas:

Normalmente lugares que tivessem menos oportunidade de a gente ser flagrado no uso né, que querendo ou não, a gente era adolescente, mas não era bobo, sabia que era um risco e que gerava problemas graves né, tanto o preconceito normal, quanto a questão judicial, da cana mesmo, a polícia chega e prende, porque isso, porque aquilo, sempre teve também aquele... aquela coisa do medo, então um lugar que a gente dava bandeira, pode-se dizer assim, que era o lugar que a gente usava, gostava de usar, que era mais ou menos público também, que ficava difícil de esconder totalmente, era na praça. A praça era um dos lugares que ‘rolava’ muito.¹⁹⁹

¹⁹⁹ TATOO. op. cit. p.137.

Na praça central o conceito de Ginzburg evidencia-se na prática. A circularidade cultural se destaca justamente entre a administração municipal e os usuários de drogas. Aqueles pensam e transformam fisicamente o espaço para um determinado fim, estes se apropriam do espaço, assimilando, rejeitando ou reelaborando os sentidos que lhes são impostos de cima.

Marechal Cândido Rondon é uma cidade publicamente conhecida pelo seu clima de festividade caracterizado principalmente pela *Oktoberfest*, na qual, a dimensão e o sucesso da festa são medidos pela quantidade de litros de *chopp* consumidos. Como era de se esperar, a preocupação pública em relação ao consumo de drogas manifesta-se principalmente em função de uma droga lícita, ou seja, o álcool:

um dos maiores problemas está entre os jovens, ‘alcoólatras’ de fim de semana que, cada vez mais procuram o álcool como maneira de se divertir, extravasar e até resolver problemas inerentes à própria idade, sem medir conseqüências posteriores, causando acidentes automobilísticos, caso típico de nossa cidade.²⁰⁰

Esta preocupação em relação ao consumo excessivo de álcool, atribuído principalmente aos jovens rondonenses, resultaria em um projeto da câmara municipal, com o objetivo principal de proibir a propaganda de bebidas alcoólicas:

Se não podemos proibir que as pessoas se agridam através do fumo e do álcool, pelo menos podemos evitar que esses produtos sejam mostrados como bons, através da propaganda [...] a matéria recebeu total apoio, inclusive, com a apresentação de alguns dados estatísticos que, segundo Ilmar, lamentavelmente comprovam que Marechal Rondon é um dos municípios onde o consumo de bebida se destaca, especialmente entre os jovens.²⁰¹

Uma contradição estava em jogo. Ao mesmo tempo que havia o incentivo do poder público ao consumo de uma droga lícita, através da promoção da *Oktoberfest*, projetos eram elaborados no sentido de restringir este consumo. Esta contradição era um prato cheio para disputas políticas e desta vez, além das críticas tecidas a festa do *chopp*, o alvo foi a choperia que estava sendo construída na praça Willy Barth.

²⁰⁰ SEMANA nacional contra o álcool. *O Presente*, Marechal C. Rondon, Coluna social de Lorena Kunzler, nº 166, p.12, 10 de fevereiro de 1995.

²⁰¹ VEREADORES querem proibir propaganda de bebidas alcoólicas. *O Presente*. Marechal C. Rondon, nº 183, p.19, 09 de junho de 1995. Fala dos vereadores Italo Fumagali (autor) e Ilmar Priesnitz (co-autor e também diretor do maior colégio estadual de Marechal C. Rondon, na época).

Exatamente um mês depois da divulgação do projeto do vereador Fumagali, o jornal estampava em uma de suas manchetes que a “choperia seria uma das atrações da nova praça Willy Barth”, ressaltando que deveria, “acima de tudo, ser um local de ambiente familiar, com atendimento cordial e solícito.”²⁰² Não demorou muito para que a contradição se transformasse em polêmica pois, apenas dois meses após a inauguração da choperia da praça, o jornal noticiava que a “população era a favor da transformação da choperia em biblioteca”, seguindo o enunciado: “Depois de funcionar alguns poucos meses, a choperia da Praça Willy Barth transformou-se em motivo de polêmica junto à comunidade rondonense.”

O vereador Italo Fumagali sugeriu que a choperia da praça fosse transformada em biblioteca/casa da cultura, fato que vem recebendo o apoio da maioria da população, segundo constata sondagem feita pela reportagem *O Presente*.²⁰³ A polêmica também gerava uma disputa política, o prefeito, sentindo desconforto pela ameaça a um dos símbolos de sua primeira grande realização, afirmava ser um absurdo os vereadores ficarem horas discutindo um assunto destes, visto que, foram eles mesmos que aprovaram a instalação da choperia. O vereador Fumagali, por sua vez, defendia-se dizendo ser inconcebível que o poder público incentivasse o consumo de bebidas alcoólicas.

O jornal, provavelmente visando uma postura de “imparcialidade”, decidiu levar o assunto a população ouvindo seis pessoas, das quais, quatro mostraram-se a favor da transformação da choperia em biblioteca e, portanto, concluía a matéria, 67% das pessoas entrevistadas não concordam com a idéia da choperia na praça. No mês seguinte, uma nova pesquisa foi divulgada, agora realizada com a população estudantil, entre meninos e meninas de doze a dezenove anos, somando um total de 343 entrevistados, sendo que o resultado da enquete, desta vez, foi contrária, a grande maioria não gostaria que houvesse uma casa da cultura no lugar da choperia da praça Willy Barth.

O resultado da polêmica criada em torno da choperia da praça foi que o investimento, com o passar do tempo, não deu certo. Hoje no local, funciona uma casa de artesanatos. De qualquer forma, o consumo de álcool na praça não cessou, pois os motivos que

²⁰² CHOPERIA será uma das atrações da nova praça Willy Barth. *O Presente*. Marechal C. Rondon, nº 186, p.13, 30 de junho de 1995.

²⁰³ POPULAÇÃO é a favor da transformação da choperia em biblioteca. *O Presente*. Marechal C. Rondon, nº 197, p. 11, 15 de setembro de 1995.

conduziam os jovens a consumirem álcool e outros tipos de drogas no logradouro público não era, necessariamente, a existência da choperia naquele lugar.

Os usuários de drogas de Rondon não foram atraídos para a praça a partir da remodelação, mas já faziam uso dela e uso de drogas nela, no tempo do “abandono”, antes mesmo das modificações, quando o espaço da praça não possuía uma iluminação forte e a vegetação era mais densa, lá estabeleciam suas relações e práticas sociais, reivindicando, no sentido do uso, um espaço, que no momento encontrava-se esquecido pela administração municipal, assim como afirma um dos entrevistados quando questionado sobre o consumo de drogas na praça:

Essa praça foi antes da reformulação ainda, porque antes da reformulação ela era mais escura né, daí no caso a população não... não enfocava muito ali né cara, que o pessoal [os usuários de drogas] ficava ali, mas depois da reformulação, que foi cortado bastante árvores, ficou um espaço mais aberto né cara, iluminado e ai eles [a população] começaram a perceber mais né cara, a movimentação do pessoal, mas era difícil né cara, porque a maioria das vezes o pessoal tudo pacífico ali né, tá certo que a população evitava passar do lado né cara, via a gente e... nem entrava na praça.²⁰⁴

Desta forma o discurso do “desertismo”, do “vazio demográfico” da praça, construído pela administração pública e pela imprensa local, através de opiniões de lideranças municipais, ignora a ocupação da praça pelos usuários de drogas. Inclusive a presença destes “sujeitos imprevistos” é um dos motivos que reforça o nomeado “abandono da praça”, motivo principal para justificar a intervenção do poder público através da remodelação física, daquele espaço.

O projeto de remodelação também não deixa de ser uma forma de higienizar o espaço urbano. O discurso de higienização da praça evidencia-se primeiramente a nível estrutural, no sentido da transformação propriamente física do lugar, deixando a praça bonita, agradável e atraente. Não atraente para os “sujeitos imprevistos”, mas a intenção, manifestada no discurso daqueles que elaboraram e reelaboraram a praça, era a de atrair a “população rondonense”, para que através de seus usos e práticas, viessem posteriormente higienizá-la socialmente, fazendo da praça um “ambiente familiar de lazer.” Esta idéia de higienização

²⁰⁴ CARRIER, op. cit., p.122, grifo meu.

pela ocupação dos “bons sujeitos”, “das pessoas de bem”, da “família rondonense” ainda hoje manifesta-se no discurso do soldado Ranov, principal responsável em Rondon pelo PROERD:

Eu sempre falo bastante em palestras é, a gente tem as praças, nós temos várias praças aqui em Rondon e algumas praças elas são usadas pelas pessoas que fazem uso das drogas [...] Muitas vezes a gente é até questionado pelas pessoas, pela comunidade, que a polícia não realiza este patrulhamento nas praças para evitar que eles [os usuários de drogas] se encontrem naquele local, mas eu sempre venho dizendo para eles [a comunidade] que a culpa de estar lá o traficante, o bandido, o usuário, as pessoas que bagunçam é das pessoas de bem, porque a partir do momento que as pessoas de bem forem fazer uso da praça, levar seus filhos para jogar um futebol, para brincar naquele local lá, eles praticamente vão estar se afastando, então o grande problema hoje nestes locais, em locais públicos é a falta da presença das pessoas de bem, que seriam os pais levar os filhos, não do pai mandar o filho brincar na praça, mas do pai ir junto na praça brincar com o filho, então hoje nós temos esta preocupação, a ausência da família na vida dos filhos [...] quando as pessoas de bem, que eu digo, as pessoas não usuários, os pais deixarem de freqüentar aqueles locais, com certeza a freqüência deles vai ser cada vez maior e eles vão fazer daquilo como se fosse um território deles mesmo.²⁰⁵

Porém, a transformação da praça em ambiente familiar, pelo menos em parte, foi mitigada pela continuidade da presença dos usuários de drogas, depois da remodelação. Enquanto os vereadores debatiam-se em torno da questão da choperia, “pondo em cheque” o incentivo ao consumo de droga lícita na praça e de certa maneira preocupados com a difamação da moral pública social, já em pauta devido a realização da *Oktoberfest*, os usuários de álcool e também outros tipos de drogas ilícitas, ocupavam outros lugares na praça, antes mesmo do projeto da construção da choperia e após a remodelação, nem eram os mesmos que freqüentavam o espaço do *chopp*.

Assim, a praça central que outrora fora o “palco do civismo” e que viria a ser o “lougradouro do lazer”, ainda que a lembrança da importância do trabalho se faça sempre presente, transforma-se também em “território de drogadicção”, pois estes “sujeitos imprevistos” já faziam uso da praça, e nela permanecem após o projeto de remodelação perpetrado pelas lideranças municipais. Estes significados elaborados para a praça permanecem concomitantemente e disputam o espaço de significâncias na própria produção simbólica da urbe.

²⁰⁵ RANNOV, op. cit., p. 158, grifo meu.

3.6. Quando as margens migram para o centro.

Desde os meus primeiros contatos com Marechal Cândido Rondon, em 1999, por ocasião do meu ingresso no curso de História e durante os quatro anos de graduação seguintes, nos quais tive a oportunidade de residir em Rondon, a praça Willy Barth sempre me intrigou. Primeiro pela beleza do lugar, espaçoso, plano e muito bem arborizado, permitindo uma visão ampla de todo o espaço, mesmo para quem olha de fora, a grama bem cuidada e o chafariz no centro quase sempre ligado, produzindo uma sensação de frescor, tranquilidade e harmonia.

Visão romântica de quem contempla uma paisagem a distância e deixa-se embriagar pelos sentidos para os quais este espaço foi justamente pensado e elaborado. De outra forma, a localização da praça, já descrita anteriormente, situada justamente no centro. Não apenas no centro da cidade, mas ladeada por edificações expressivas, reunindo no seu entorno os ícones do poder municipal: a prefeitura e o fórum que dividem o lote com a praça, o maior jornal local, o cartório, a igreja principal e um dos maiores colégios particulares do município.

Com o decorrer do tempo e através de conversas informais descobri que a praça era também espaço de drogadicção. Num primeiro momento encarei minha descoberta com uma certa indiferença, não era novidade, mas sim uma característica comum de todas as praças. Porém, logo que iniciei a pesquisa me dei conta de que não poderia ser assim com a Willy Barth, afinal de contas ela não era uma praça comum e a sua própria localização denunciava isso.

A partir do levantamento das fontes e de reflexões passei a me questionar: como pode os usuários de drogas escolherem o “pátio dos fundos” do próprio fórum e da prefeitura, um local em evidência na cidade, como local de uso e possivelmente de comércio de drogas ilícitas? Por ser bonita e pública a praça central é também movimentada, não seria mais lógico estes sujeitos permanecerem em locais mais isolados e menos evidentes? E quais os significados de tal escolha? O que estes sujeitos fazem na praça além de usar drogas? De onde vieram e quais os significados da praça para os usuários de drogas? Qual a reação da comunidade e do poder público frente a esta ocupação imprevista?

Como ponto de partida na busca de respostas para as minhas divagações, procurei compreender como os próprios usuários de drogas “encaravam” a praça e qual era o significado daquele lugar para eles. A maioria das respostas que obtive entendiam a praça enquanto um “ponto de encontro”, assim como expressa P.K., R.V. e R.S., em trechos de suas entrevistas, quando se referem ao significado da praça:

Ah, eu acho que era um ponto de encontro onde você podia ir para encontrar com os amigos, ‘ah, onde você vai ir? Eu vou lá na pista!’, era um lugar também que a gente ia para praticar esportes, andar de skate e não era só a droga também lógico, mas também a questão da amizade mesmo ‘vai sair? Vamos!’, o que que era a praça? a praça é meio que aquele lugar onde a galera se reunia, se encontrava ‘ah, beleza!’, encontra ali com os amigos e tudo o mais, lógico que nem sempre né, às vezes você vai na casa do seu colega, não precisa também se encontrar na praça, teve um bom tempo que a gente se encontrava bastante lá né, tipo sai a noite e não sabe onde o pessoal está, vai na praça para dar uma olhada, às vezes está todo mundo lá, era meio que um ponto de encontro assim.²⁰⁶

Um ponto de encontro, porque você não precisava... tipo combinar nada ‘ó vamos se encontrar em tal lugar, vamos tal hora, tal lugar,’ não, você podia ir lá na praça que você sabia que iria estar todo mundo lá. Era um ponto de encontro mesmo, para depois talvez partir para ir para outro lugar.²⁰⁷

Representava o ponto de encontro né, pra ali a pessoa, como se diz, pra você ter aonde, como ‘ó, hoje nós vamos se encontrar na praça pra decidir aonde que nós vamos se encontrar,’ ou em tal baile, ou em tal boate, ou em tal discoteca, ou em tal ponto, ou em tal casa, ali o pessoal se reunia para saber o que que ia fazer naquela noite, naquele dia, então ali era o ponto de encontro pra daí, vamos falar mesmo a realidade é, desovar as partidas, pra você saber aonde você ia passar o seu domingo, passar a sua noite né, aonde que você ia comer uma carne, onde você ia fazer um aniversário entende, ali era o ponto de encontro né.²⁰⁸

Em primeiro plano, como “ponto de encontro” a praça apresenta-se no relato dos entrevistados como uma espécie de referência para a conjuntura dos diversos grupos de usuários de drogas da cidade, principalmente de álcool e maconha, e também não – usuários, mas que apenas se identificam com o ambiente e possuem vínculos de amizade na praça. Para

²⁰⁶ TATOO. op. cit. p. 138.

²⁰⁷ CARRIER. op.cit.p. 122.

²⁰⁸ ALAGOANO. op.cit. p. 66

os usuários o “ponto de encontro” não é efêmero, mas a praça é também lugar de socialização, consumo e comércio.

Para a praça convergem, além é claro dos dependentes químicos do centro, também os usuários de drogas dos bairros, é o local no qual “os bairros se encontram e relacionam-se com o centro” através de práticas diversas, destacando-se entre elas o consumo de drogas. Esta característica da diversidade de pessoas levou um dos grupos de usuários de drogas, que freqüentava a Praça Willy Barth a denominá-la “Praça da Sé”.

Mas, a praça central de Rondon, para os adictos, é também o lugar de práticas esportivas, de diversão embalada pelo som do *rap* ou do *rock*, local de namoro e às vezes de intrigas. Neste quesito pelo menos, os usuários de drogas preenchem a expectativa da administração municipal da época da remodelação, pois fazem da praça justamente um espaço de lazer e socialização, porém com um diferencial, esta socialização é regada por tragos de álcool e uma boa “deschavada no bag”²⁰⁹:

É onde que girava a boa que nem nós dizia lá tá a erva mesmo, lá tá a boa mesmo, então vamos lá que lá nós encontra porque nos bairro, como aqui é uma cidade pequena né, não tem muito, quem tem tá na praça, se tem tá na praça, e é ali que encontrava mesmo, é ali para buscar mesmo [...] é bastante gente, não é um grupo né, é vários grupos, são todos os bairros dentro de uma praça só né, um de cada bairro, dois de cada bairro, três... [...] os ‘piás’ andavam de skate muito né, e nós ia por que uns gostavam de skate, outros de jogar bola, uns jogar capoeira né, então era assim, tudo... lá na praça é um local bom né, mas... a pena mesmo é que rolava droga mesmo né, Rodrigo, então o que era costumado a fazer era isso, andar de *skate*, jogar bola, o que eu me recordo é isso, muitos só usavam e saiam fora, então era isso que nós praticava ali.²¹⁰

E, ainda mais:

Na praça assim para nós era tipo uma casa né, um lugar acolhedor, lá você tinha uma liberdade tal, tudo lá, árvore tal, banco para sentar, a gente ia, colocava e tal, curtia *hap* a torto e direito e né, e ia por ai, sempre aparecia umas minas, na realidade eu até tinha uma namorada por um bom tempo dessa... da minha parte de ‘zoar’ né, então ia lá e se encontrava com ela lá e tal, e os caras também né, sempre tinha umas minas no meio né meu, e ali vai e vem entendeu e... ‘mil fita’ acontecia [...]Era tudo meio relacionado né, tinha ‘umas paradas’, tinha os *skatistas* e tal, pro um lado né, tinha os *rapers* tudo pro outro né, e uns curtindo *rock*, e outros isso e aquilo né cara, mas

²⁰⁹ Expressão que na gíria usual dos adictos, significa dar um trago no cigarro de maconha.

²¹⁰ MANINHO DO CRAK, op. cit. p. 25.

não tinha assim um atrito né, então, as vezes trocavam idéia, eu também... era desse jeito assim.²¹¹

A praça representa um ponto de sossego, entendeu, todo mundo ali, ali tem minininha bonita, ali tem *skatista* andando, ali tem movimento, ali tá, tá o lugar entendeu, pode escutar som, é um lugar que os caras gostam de ficar.²¹²

Não! lá era o canal mesmo assim, para se trombar e curtir, todo mundo ia lá mesmo. tudo os caras assim que fumava se conheciam ali né [...] Eu me sentia bem né cara, a vontade e tal, de boa, sempre acontecia umas coisas massas lá, mas de vez em quando rolava uns atrito de os caras se pegar feio lá, e quebra, na parte também das mina que iam lá, sempre eram umas minas assim que não era muito snobe sabe, elas eram mais de boa, você tava lá e elas já vinham com uma intenção mais assim de boa, não, vamos trombar com aqueles caras que aqueles caras são mais de boa né, também né, naquela mesma pira, mais humilde, não sei o que, e essa parte era massa.²¹³

Os adictos situam-se na quadra de areia, na quadra poli-esportiva, ao redor do chafariz e principalmente na pista de *skate*. “Mas nem todo mundo que anda de *skate* usa droga” dizia-me um dos entrevistados, de qualquer forma, a maior concentração dos usuários de drogas é na pista, talvez pelo fato da identificação de estilos entre *skatista* e adictos:

Pra mim meu, essa praça ai os cara, os cara ‘fuleraram’ mesmo né, ‘deixaram pras cobras’, porque pô, dizem bastante isso né, mais é porque também não fazem nada pra mudar né, teve até um tempo, que a praça assim né, nessa parte tem gente que vai lá e fuma mesmo, direto, direto mesmo [...] Frequenta até hoje, e ainda tem a parte que pô, sempre vão na pista né, na pista de skate, e isso além de difamar a praça difama os cara de skate né, que estão ali na função e tudo, enquanto os caras só tão ali fumando e bebendo, sem querer saber de nada né, muitas vezes o skatista não tá lá porque tá ‘trampando’ e chega um pouco mais tarde, as sete horas, e vai ver tá tudo aquela galera lá, daí não pode andar, porque? Isso porque ela tá ‘jogada pras cobras’ e ninguém quer saber.²¹⁴

Esta identificação de estilos foi o primeiro motivo pelos quais a população e a polícia, apenas seis meses decorridos da inauguração da remodelação, passaram respectivamente, a denunciar e a reprimir os usuários de drogas da praça, identificados primeiramente enquanto *skatistas*:

²¹¹ M.C.CABEÇA, op. cit. p. 85.

²¹² NEGUINHO DO JOGO, op. cit. p.49.

²¹³ BOBY, op. cit. p. 105

²¹⁴ Idem.

A polícia de Marechal Rondon deteve na Quinta-feira, dia 18, cerca de 20 adolescentes. Eles, na maioria 'skatistas', estavam tomando pinga, da braba, na Praça Willy Barth e , tentavam obrigar outros menores a ingerir-la.²¹⁵

Vizinhos da Praça Willy Barth estão pedindo providências no sentido de que sejam coibidos os abusos praticados por 'skatistas' que, por volta das três ou quatro horas da madrugada, dirigem-se à pista de 'skate' na referida praça, com aparelhos de som, cujo volume sempre é bastante elevado, e promovem grande algazarra no local, impedindo as pessoas de dormirem. Os problemas são mais acentuados nas noites de sextas-feiras e sábados.²¹⁶

Curiosamente, o jornal através de seu espaço de denúncias, refere-se apenas a prisão de *skatistas* que estavam ingerindo álcool, mas omite o fato da prisão ter acontecido também por conta do consumo de maconha na praça. Certamente os editores e redatores do jornal tinham conhecimento que a praça era freqüentada por adictos, pois a pista de *skate* situa-se justamente em frente ao jornal e como os usuários de drogas utilizam este espaço, para o consumo de maconha, também durante o dia, o cheiro atinge com facilidade o ambiente do jornal.

Afirmo isso com tranquilidade, por conta de uma experiência recente que tive a oportunidade de presenciar. Por ocasião do levantamento de fontes no referido jornal eu precisava me deslocar até a outra esquina para fazer fotocópias das matérias selecionadas. Numa das tardes, por volta das 13:40 h, quando retornava ao jornal com as fotocópias em mãos, senti fortemente o cheiro de maconha, olhei para a praça e flagrei alguns jovens, sentados na pista de *skate*, em plena tarde de segunda-feira, bem em frente ao jornal *O Presente*, um dos principais órgãos de imprensa local, consumindo droga.

O interessante é que nenhuma das matérias que analisei, praticamente todo o arquivo até o ano 2000 e algumas matérias específicas sobre drogas de 2006, denunciavam a praça enquanto local de consumo de drogas ilícitas. No discurso da imprensa a imagem da praça é preservada, pois o único problema é a pista de *skate* que atrai alguns "baderneiros" para o local.

²¹⁵ POLÍCIA de Marechal Rondon deteve 20 adolescentes. *O Presente*. Marechal C. Rondon, Coluna Tô de Olho, n.º 216, p.07, 26 de janeiro de 1996.

²¹⁶ VIZINHOS da praça Willy Barth estão pedindo providências quanto ao abuso praticado por skatistas. *O Presente*. Marechal C. Rondon, Coluna Tô de Olho, n.º232, p.07, 17 de maio de 1996.

De outra forma, vale lembrar que a construção da pista de *skate* vinculada ao projeto de remodelação da praça, não deixa de ser uma apropriação do poder público, no sentido de controlar e restringir, uma prática que em seus primórdios era considerada subversiva a ordem dominante e que vem a assumir, posteriormente o estatuto de esporte.

Entremeio ao consumo de drogas, as práticas esportivas, ao namoro e a curtição de som, circula o traficante que geralmente é um usuário de drogas mais velho e experiente. O comércio de drogas na praça, por sua vez, é casual e ambulante, não tem ponto fixo e nem hora marcada, a referência de compra é o sujeito que circula e possui a droga em maior quantidade para vender:

Acho que não existe um lugar específico para o comércio né, isso... tinha, de repente eu não tinha nenhuma droga, passava o cara lá e tinha, daí já 'ah, me passa um fino aí', não deixa de ser um comércio né cara, 'me vende cincão', ou 'dá uma buchinha.'²¹⁷

Querendo ou não, as vezes tinha um cara que ia lá para passar a droga né, ali era um ponto que não era só de consumo, muitas vezes tinha um que já era mais... que já era maior e coisa e tal, e que já queria vender o bagulho e coisa e tal, as vezes se reuniam ali para 'ah, vou encontrar o cara lá que ele deve saber quem tem', alguma coisa assim²¹⁸

O ponto fixo de venda de drogas na cidade é a própria casa do traficante e a praça serve como uma espécie de comércio itinerante e menos evidente. Este tipo de comércio dificulta o trabalho da polícia no sentido de diferenciar quem é o traficante e quem é apenas usuário, amenizando a pena em caso de flagrante, sob a alegação de serem todos usuários. Outro motivo que contribui para a impotência da ação policial é a visão privilegiada de todos os lados, mesmo para quem situa-se no centro da praça, assim até a polícia chegar os adictos tem tempo suficiente para esconder, jogar fora ou distribuir entre si a droga:

Não tinha o que fazer também né Rodrigo, vai fazer o que? Chegava e não pegava com flagrante, e só vai preso se tem flagrante, senão não tem como provar, então era o que os 'piás' usavam, e outra, muitas vezes eles só levavam o necessário para fumar ali entre eles né, e outra, cada um levava um pouco e se muitas vezes algum ia preso por causa do quilo, ia como viciado e assumia a bronca lá na delegacia: 'não! é pra mim, eu sou viciado', aí o 'BO' dava viciado, e só pega uns dias de cadeia e sai porque é para o uso

²¹⁷ CARRIER. op. cit. p. 123.

²¹⁸ TATOO. op. cit. p. 140.

[...] Todo mundo de longe via a polícia, então se tinha que dispensar alguma coisa dispensava, tipo assim, se a polícia fosse entrar lá dentro já não encontrava mais nada né, e já tinha jogado e já tinha...dava tempo de você fazer um buraco com a enxada e enterrar.²¹⁹

Eles costumam usar em locais públicos porque eles gostam de ser vistos e é muito fácil de fugir do flagrante, porque a visão deles é muito ampla, então a chegada da polícia, até chegar, por exemplo, no centro da praça ou no parque de exposições, onde nós temos uma mata lá ainda, então até o policiamento chegar a eles é muito fácil de consumir uma droga, jogar fora e tudo mais, fugindo do caráter do flagrante.²²⁰

Esta impotência em relação a repressão ao consumo de drogas na praça é responsável também pela sensação de liberdade e segurança relatada por alguns dos entrevistados. O secretário de educação Leodir Lang,²²¹ sentado em seu gabinete e estendendo o braço em direção a praça, informalmente dizia-me: “a gente sabe que este pessoal fica aí na praça usando drogas, mas não tem o que fazer”. Da mesma forma, o soldado Rannov em suas declarações afirma que, mesmo sobre protestos da comunidade, não resta muito o que fazer devido ao fato de a praça ser um local público:

Existem as reclamações, as chamadas ‘ó, o pessoal está fumando na praça, o pessoal está usando droga na praça, o pessoal está bebendo na praça’, então já são locais públicos que se a pessoa já estiver lá você não tem como fazer nada né, a pessoa é livre, ela pode andar em todos os espaços públicos e a praça não é diferente.²²²

Na praça oscilava períodos de maior e menor repressão. Houve uma tentativa de moralização do lugar através do policiamento constante, afastando temporariamente os usuários de drogas que, por sua vez, passaram a ver a praça enquanto um lugar “queimado”, “batizado”. Porém, passado o período de repressão mais intensa os usuários de droga retornaram ao local e lá dão continuidade as suas práticas habituais até hoje.

²¹⁹ MANINHO DO CRAK. op. cit. p.30.

²²⁰ RANNOV. op. cit. p. 158.

²²¹ Quando me dirigi a prefeitura para saber se existia algum programa municipal de prevenção / combate ao uso de drogas, ou de assistência aos usuários ativos, fui encaminhado a secretaria de educação. O secretário de educação, por sua vez, indicou-me o PROERD e pediu que eu conversasse com o soldado Rannov. Em síntese, não existe nenhum programa sobre drogas exclusivo da prefeitura municipal, o único trabalho desempenhado no município é o do PROERD.

²²² Idem.

Segundo o soldado Rannov, os usuários de drogas de Rondon escolheram a praça central como maneira de sanar uma necessidade inerente a todas as pessoas, ou seja, a precisão de serem socialmente vistos e reconhecidos:

Eu vejo que esta questão do consumo de drogas em locais públicos, é uma... é uma fuga mas ao mesmo tempo uma busca pelo lado social, por não poder viver sozinhos eles vem para o centro, vem para a praça, aonde eles podem ser percebidos pelas pessoas, principalmente pelo grupo deles, aonde que eles se reúnem, com uma segurança maior eu até diria, porque eles vão estar sendo até protegidos pela sociedade né, porque de repente um lugar ermo, de repente fumando alguma coisa, eles podem achar que de repente é encontrado pelo policial, alguma coisa, eles podem sofrer uma repressão maior, então na praça eles até, de certa forma, estão protegidos pela sociedade e eles buscam isso, esse se mostrar para a sociedade 'ó eu tô aqui, eu tô aqui, eu preciso também', então ao mesmo tempo que é uma fuga o uso de drogas, mas eles buscam fazer isso é, no centro mesmo, na praça, porque eles querem pertencer, eles estão de certa forma clamando para a sociedade 'ó quero fazer parte dessa sociedade', só que como eles fazem coisas é, erradas eles acabam sendo excluídos desta sociedade que a gente diz organizada, na verdade.²²³

Não sei até que ponto o fato de os usuários de drogas terem escolhido a praça como lugar de encontro, local de diversão e consumo de drogas, apresenta-se como uma contestação a ordem social vigente ou um desejo de inclusão social. Na verdade, as duas coisas acontecem simultaneamente. A praça é um lugar de grande visibilidade social, espaço “perfeito e regrado” utilizado pelo poder público para a construção da imagem de uma sociedade norteada pelo trabalho. O trabalho que visa afastar o homem do ócio e dos vícios, proporcionando dignidade.

Paradoxalmente, é justamente neste lugar que os adictos de Marechal Cândido Rondon se reúnem, para o exercício de uma prática ilegal e que nos remete muito mais ao ócio do que propriamente ao trabalho. Simultaneamente, contestação e desejo de inclusão. A droga funciona como elemento que contradiz o pacto social representado na ordenação da praça e acaba sendo utilizada na busca de visibilidade, ou seja, os adictos desejam participar da sociedade e para isso questionam suas estruturas ao passo que criam condições para serem vistos e manifestam o desejo de pertencimento.

²²³ RANNOV. op.cit. p. 159.

Da mesma forma é possível identificar um movimento de circularidade cultural. Desta maneira, ao mesmo tempo em que os usuários de drogas se apropriam da praça enquanto local de lazer, sentido para o qual a praça foi justamente pensada e elaborada no projeto de remodelação, a administração pública, por sua vez, inclui como marco de um dos atrativos da praça, a construção de uma pista de *skate*, apropriando-se de uma prática antes considerada subversiva e que agora passa a ser entendida enquanto esporte.

Contudo, os adictos assumem a praça enquanto local de lazer a sua maneira, sem, no entanto, renunciar suas práticas anteriores ao próprio processo de remodelação do logradouro público, e nisso, reelaboram os sentidos da praça conferindo novos significados ao lugar. Assim, são justamente os significados da praça para os adictos, que ajudam-nos a compreender o porque da praça central ter se transformado no lugar de encontro dos usuários de droga de Rondon:

Os cara é... os malandros mesmo ‘tamo aí’, se a praça é pública né, vamos a hora que nós qué e se reúne em pleno sol mesmo, aquela ‘marézona’, assim de você passar lá do outro lado do Cartório Nardelo, você sente a maré né, então... e os caras não tem hora, de dia de noite né, de noite estão os que trabalham de dia né [...] Tem liberdade, faz o que quer [...]E ali nós sentava e pessoas... eles passam e os cara usando droga e tá sossegado né, era mais a praça né, que nós ia, ali tava em casa, ali do lado do fórum, do lado da prefeitura e as pessoas passam, passam e polícia, e num... de dia, de meio dia né, não tem como mesmo assim né, alguém percebia que lá no meio da praça, que nem eu falei, de longe os carros passam e faz a curva e é difícil para: ‘a eles estão usando droga!’ né, então nós estava usando, ‘desbaratinado’ e tal, dando uma bola, que nem cigarro, soltava fumaça, abafava e tal e era mais ou menos isso né.²²⁴

A praça era um lugar que a gente escancarava um pouco assim, mas como era um lugar amplo e tudo mais a gente sempre pensava ‘ah, ninguém tá vendo’ né, ficava lá sentado no meio da praça, ‘ah, ninguém ia vê, o pessoal tá passando longe e não vai nem sentir o cheiro’, sendo que a gente tava dando bobeira mesmo né, qualquer um sabia o que a gente tava fazendo ali, só a gente que achava que ninguém tava ligando né.²²⁵

A praça significa um lugar de encontro, não um encontro passageiro, mas um contato que permite a socialização entre os diversos grupos de usuários de drogas da cidade e

²²⁴ MANINHO DO CRAK. op. cit. p. 25.

²²⁵ TATOO.op.cit. 137.

se este processo de socialização acontece principalmente na praça central é porque este espaço, da maneira como ele está organizado, contribui para tanto. Primeiramente porque é um lugar agradável de se estar e público, equipado com uma infra-estrutura voltada para o lazer, depois é um lugar amplo, plano, de fácil acesso permitindo uma noção do espaço como um todo, uma visão de longo alcance, de todos os lados. Neste sentido a praça é o lugar da “curtição” e também da liberdade, pois além da prática de esportes, do namoro e do som é possível principalmente usar droga, de dia e de noite, evitando, de certa forma, a repressão policial e ignorando a inconveniência da prática.

Dentro do universo de significados que a praça assume ao longo do tempo, concorrem diversos fatores que contribuem para fazer do local uma espécie de “território da drogadicção”, “centro para o qual convergem as margens”, não apenas no sentido da localização, pelo fato da praça estar situada no centro da cidade e receber os usuários de drogas dos bairros, mas também, porque estes sujeitos com suas práticas situam-se nas margens da ordem social vigente e escolhem como espaço de uso de drogas o centro do poder municipal, situam-se justamente ali, “no nariz” daqueles que denunciam as “práticas perniciosas”, que elaboram as “leis comuns” e que “julgam” os que ousam contestar a ordem pública por eles elaborada e “legitimada” socialmente.

IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Valendo-se da inversão do olhar do *flaneur*, que não se deixa encantar pelo superficialismo aparente da cidade burguesa, a idealizada “cidade gêrmanica” de Rondon

perde o horizonte da singularidade, para apresentar sua verdadeira face: a de uma cidade marcada por contratualidades sociais diversas, dentre as quais situam-se os estilos de vida dos sujeitos adictos rondonenses.

Certamente, não basta identificar a heterogenidade pertinente a cidade. É preciso, para além, verificar as implicâncias que decorrem do ato de impor a hegemonia cultural, diante da impossibilidade de homogeneizar o que por definição é múltiplo, fluído, diverso. Foi com esta motivação que procurei investigar, por meio da metodologia sustentada pela História Oral e inspirado no “fazer etnográfico”, os adictos de Rondon, no que concerne aos seus modos de vida, suas práticas cotidianas, suas visões de mundo e, de maneira mais pontual, a relação de estranhamento, derivada da contradição existente entre seus estilos de vida e os valores decorrentes da idealização da cultura germânica local.

Não se trata da recomposição de uma história dos adictos rondonenses e tampouco da reconstituição da história de Rondon, mas sim, de uma história centrada nas maneiras pelas quais os indivíduos e a sociedade representam a realidade da qual fazem parte e de como suas concepções orientam suas práticas sociais.

Estas representações do mundo social, de forma alguma são neutras, mas implicam em atribuições de sentidos em consonância com relações sociais e de poder. Igualmente é importante considerar, que as representações que os sujeitos, enquanto membros de grupos ou categorias particulares constroem de seu universo de ação e de suas relações com a sociedade mais ampla são fragmentárias e parciais. A cidade, por sua vez, não se traduz literalmente a nenhum dos sistemas de representações dos grupos ou categorias sociais estudadas. De outra maneira, as visões de mundo examinadas não são monolíticas e nem expressam limites rígidos. Pelo contrário, são cheias de ambigüidades e suas fronteiras são flutuantes. Identificasse nos relatos de vida individuais a contaminação e a influência de outras visões de mundo e valores, por vezes, contraditórios.

Desta forma, o desafio posto foi o de me concentrar em uma investigação em que a acepção da experiência de vida dos sujeitos analisados, ou melhor, os valores elaborados e reelaborados, decorrentes de suas práticas sociais, tornou-se o eixo norteador da pesquisa como um todo. Assim, foi de fundamental importância, a noção de que são justamente estas experiências, desses sujeitos históricos e sociais, que se acumulam e se expressam em forma de representações acerca de si próprios e da cidade.

De outra forma, é importante igualmente considerar, que no momento em que uma pesquisa se orienta para o trato de qualquer experiência de vida a preocupação com o estudo do espaço assume uma importância capital, pelo simples fato, de que é inexecutável desmembrar a trajetória de vida de qualquer sujeito do lugar no qual ela ocorreu. Assim, no decorrer do embate foi necessário lidar com noções como territorialidade, apropriação, reapropriação, marginalidade, que por estarem fundadas em íntima relação com as subjetividades em questão, permitiram, não sem inquietação, evidenciar com maior clareza o universo estudado.

A rigor, a noção de territorialidade no espaço urbano é a idéia do espaço como notação das relações sociais. Neste contexto espacial, de lugares e fronteiras simbólicas permeáveis, se formam as sociabilidades. Os habitantes da urbe articulam experiências sociais a um ambiente determinado, conferindo-lhe contexto e significações próprias. Foi justamente em função da compreensão desta dinâmica, que obtive a possibilidade de identificar a existência de um território da drogadicção, no âmago do poder, de uma sociedade ritualizada, em torno da identidade e dos valores de uma cultura germânica inventada.

A praça central de Rondon, enquanto território da drogadicção, denuncia o movimento de convergência das margens para o centro. É o local, no qual, os adictos dos diversos bairros se encontram e se relacionam, mas é igualmente, e de forma mais contundente, o espaço de maior representação do poder municipal, escolhido, por sujeitos situados as margens da ordem social vigente, como “ponto de encontro”. Não se trata de um contato efêmero, mas de um espaço, no qual, se estabelecem relações de sociabilidade, por meio de práticas de lazer, consumo e comércio de drogas.

A transformação da praça *Willy Barth* em território da drogadicção, não representa, necessariamente, a contestação consciente e organizada da ordem social vigente. A impugnação inevitavelmente ocorre, na medida em que os adictos se valem da utilização de um espaço público comum, para desfrutá-lo, justamente em função do objetivo para o qual este espaço foi pensado: proporcionar momentos de prazer aos rondonenses. Contudo, tal movimento remete-nos a uma ambigüidade. Ao passo em que os estilos de vida adictos refletem contestação, contraditoriamente, não conseguem afastar a necessidade de reconhecimento e inclusão social.

Em face da preponderância da pretendida “cidade germânica”, os adictos de Rondon são evidenciados, em última instância, enquanto “contra-sujeitos” de uma “contra-cidade”. Não ocorre, exatamente, uma negação absoluta do simbolismo e valores da tradição germânica inventada, porém, os valores depreendidos dos estilos de vida, configurados em torno da prática da adicção, contrastam de forma imediata, com os valores apregoados pela cultura hegemônica local.

Um bom exemplo de tal problemática é a conotação diferenciada que a noção de trabalho assume. Embora, para ambos os lados do embate o trabalho possua uma conotação positiva, os adictos o encaram de uma forma mais desprezada, transferindo, em muitas ocasiões, a dimensão do prazer para o trabalho. Já para a “cultura germânica”, o trabalho posto enquanto obrigação relega a dimensão do prazer para um segundo plano e o ato de desfrutar torna-se licito somente após o cumprimento das exigências laboriosas.

De outra maneira, a sociabilização e as contratualidades estabelecidas pelos adictos, em plena praça central, apontam para a existência de uma outra cidade, aquela da diversidade de práticas e sujeitos sociais, que se diferencia do singularismo imposto pela cidade simbolicamente elaborada, mais heterogênea e menos preconceituosa.

Contudo, a abordagem da cidade envolve um fenômeno de percepção permeado por um complexo conjunto de “lógicas sociais”, das quais, nos restam somente as reinvenções fragmentárias de bairros ou zonas. Neste sentido, o risco de estabelecer generalizações apressadas esteve sempre presente. Por vezes, ao criar categorias para melhor explicitar as dinâmicas sociais investigadas, me deparei com o perigo de postular a homogeneização que tanto criticava. Os riscos foram assumidos e foram várias as dificuldades enfrentadas, mas certamente, muitos dos relevos identificados, nesta trama de subjetividades em movimento, servirão a futuras investigações.

A experiência de conduzir a investigação a partir do complexo emaranhado urbano, identificando os vestígios daqueles que figuram como “povo”, daqueles que são, de uma forma ou de outra, marginalizados, conduz o historiador a “nadar na história a contracorrente”. Para tanto, foi preciso dispor das representações expressas nos relatos de experiências de vida, nas matérias jornalísticas, nos documentos oficiais, nas manifestações de rua, nas festas populares e no simbolismo patente da sociedade em questão. Foi somente a partir daí que pude encontrar os indícios que possibilitaram a compreensão de representações

coletivas da urbe. Representações estas, que por atestarem a diversidade desestabilizando a univocidade, trazem para a cena, sujeitos até então alijados do processo histórico e da inclusão social.

V - FONTES

4.1. Jornalísticas

ABANDONO das praças é descaso antigo. *O Presente*. Marechal C. Rondon, nº118, 25 de fevereiro de 1994.

A CIDADE mais germânica do Paraná. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 404, set.1999.

ADMINISTRAÇÃO entrega obras na festa dos 36 anos de Marechal Rondon. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 242 , jul. 1996.

ADOLESCENTES confusos, pais despreocupados. *O Presente*. Marechal C. Rondon, nº 164, 27 de janeiro de 1995.

ARA reinicia reuniões hoje à noite. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 214, jan.1996.

A TRIBO dos desenganados. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 339, jun.1998.

CCO quer moralizar Oktoberfest. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 211, dez.1995.

CHOPERIA será uma das atrações da nova praça Willy Barth. *O Presente*. Marechal C. Rondon, nº 186, 30 de junho de 1995.

COLUNA Arno Kunzler. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 190, jul.1995.

COLUNA tô de olho. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 204, nov.1995.

CONHEÇA o outro lado da Oktoberfest. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 255, out.1996.

EM BREVE também iremos prender os “tubarões” do tráfico. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 299, ago.1997.

ESCOLHIDO projeto do portal da cidade de Marechal Rondon. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 152, out. 1994.

ESTÁDIO Valdir Schneider entra na fase final. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 260, nov. 1996.

ESTILO GERMÂNICO: a marca registrada de Marechal Rondon. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 346, jul.1998.

GRANDE público prestigia inauguração da remodelação da Praça Willy Barth. *O Presente*. Marechal C. Rondon, nº 188, 14 de julho de 1995.

IPTU – imposto para todos com usura. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 170, mar.1995.

JOVENS reclamam da falta de programa e reúnem-se nos “bobódromos” nos finais-de-semana. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 206, nov.1995.

MARCADA data para inauguração da praça Willy Barth. *O Presente*. Marechal C. Rondon. Propaganda da prefeitura municipal, nº 174, 07 de abril de 1995.

MARECHAL RONDON pode ter 3500 alcoólatras. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 192, ago.1995.

MARECHAL RONDON – um projeto viável?. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 90, jul.1993.

O PIOR cego é aquele que não quer ver. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 370, editorial, jan.1999.

7ª OKTOBERFEST. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº101 , out.1993.

O PÓ MALDITO fica mais popular. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 370, jan.1999.

PARA MÉDICO, carências afetivas são as principais causas do consumo de álcool. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 194, ago.1995.

PASTOR explica o que acontece quando um cristão bebe. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 211, dez.1995.

PAVILHÃO de eventos: um sonho do rondonense. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 08, nov.1991.

POLÍCIA de Marechal Rondon deteve 20 adolescentes. *O Presente*. Marechal C. Rondon, Coluna Tô de Olho, nº 216, 26 de janeiro de 1996.

POLÍCIA RONDONENSE declara guerra aos traficantes de drogas. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 214, jan.1996.

POLÍCIA RONDONENSE intensifica o combate ao tráfico e consumo de drogas. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 298, ago.1997.

POPULAÇÃO é a favor da transformação da choperia em biblioteca. *O Presente*. Marechal C. Rondon, nº 197, 15 de setembro de 1995.

PRAÇAS desertas: situação precisa ser revertida. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, Coluna de Hugo Balko, nº 01, 04 de outubro de 1991.

PREFEITO Ademir Bier garante que vai transformar a Praça Willy Barth. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, Coluna Tô de Olho, nº 87, 02 de julho de 1993.

PREFEITURA agiliza obras na Praça Willy Barth. *O Presente*. Marechal C. Rondon, nº 168, 24 de fevereiro de 1995.

PREFEITURA dá últimos retoques para inaugurar remodelação da Praça Willy Barth. *O Presente*. Marechal C. Rondon, nº 185, 23 de junho de 1995

PREFEITURA entrega obras em Rondon. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 243, ago. 1996.

PREFEITURA vai implantar ciclovias e remodelar a praça Willy Barth até o final do ano. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, Manchete, nº 97, 17 de setembro de 1993.

PROMISCUIDADE dos jovens em Marechal Rondon chega a extremos. *O Presente*. Marechal C Rondon, nº 163, 20 de janeiro de 1995.

RAÍZES Alemãs. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 416, nov. 1999.

RONDON 2000. *O Presente*. Marechal C. Rondon, Coluna de economia de Nilton Ricardo Lang, nº 116, 04 de fevereiro de 1994.

RONDONENSES querem que Oktoberfest seja repensada. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 256, nov.1996.

SEMANA nacional contra o álcool. *O Presente*, Marechal C. Rondon, Coluna social de Lorena Kunzler, nº 166, 10 de fevereiro de 1995.

TRADIÇÃO GERMÂNICA em destaque. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 408, out.1999.

TUDO pronto para a inauguração da remodelação da Praça Willy Barth. *O Presente*. Marechal C. Rondon, nº 187, 07 de julho de 1995.

VEREADORES querem proibir propaganda de bebidas alcoólicas. *O Presente*. Marechal C. Rondon, nº 183, 09 de junho de 1995.

VISITA do governador Moisés Lupion à Vila General Rondon. *Jornal Rondon Hoje*. Marechal C. Rondon. 27 de julho de 1977.

VIZINHOS da praça Willy Barth estão pedindo providências quanto ao abuso praticado por skatistas. *O Presente*. Marechal C. Rondon, Coluna Tô de Olho, nº232, 17 de maio de 1996.

4.2. Documentos oficiais de época

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. *Decreto nº 31.337/60*. 5 de agosto de 1960.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Lei Estadual nº 4.338/61. 25 de janeiro de 1961.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON. *ata nº 42*. Arquivos da Câmara Municipal de Marechal Cândido Rondon – Pr. 21 de dezembro de 1963.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON. *Decreto nº 17*. Arquivos da Prefeitura Municipal de Marechal C. Rondon – Pr. 02 de abril de 1962.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON. *Decreto nº 083/73*. Arquivos da Prefeitura Municipal de Marechal C. Rondon – Pr. 24 de julho de 1973.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON. *Decreto nº 090/1987*. Arquivos da Prefeitura Municipal de Marechal C. Rondon – Pr. 22 de junho de 1987.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON. *Decreto nº 06/61*. Arquivos da Prefeitura Municipal de Marechal C. Rondon – Pr. 28 de dezembro de 1961.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON. *Lei nº 82*. Arquivos da Prefeitura Municipal de Marechal C. Rondon – Pr. 24 de dezembro de 1963.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON. *Lei nº 3.253*. 25 de maio de 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON. *Ofício nº 178/65*. Arquivos da Prefeitura Municipal de Marechal C. Rondon – Pr. 08 de outubro de 1965.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON. *Projeto Rondon 2000*. Arquivos da Prefeitura Municipal de Marechal C. Rondon – Pr. 1994.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TOLEDO. *Lei nº 17*. Arquivos da Prefeitura Municipal de Toledo – Pr. 24 de dezembro de 1953.

4.3. Orais - Entrevistas realizadas pelo autor

ALAGOANO - ENTREVISTA (fita-microcassete). Produção: Rodrigo Piovesana. Marechal Cândido Rondon: Arquivo pessoal, 2006. 160min (aprox.), Sony-microcassete, MC-60.

* Nascido em 1966, no município de Ibataguara – AL, veio para Marechal C. Rondon com apenas nove meses de idade, trazido por seus pais, onde reside até hoje. Usuário ativo de drogas. Marechal Cândido Rondon – Pr. 10 de janeiro de 2006.

BOBY - ENTREVISTA (fita-microcassete). Produção: Rodrigo Piovesana. Marechal Cândido Rondon: Arquivo pessoal, 2006. 125min (aprox.), Sony-microcassete, MC-60.

* Nascido e residente em Marechal C. Rondon desde 1980, usuário ativo de drogas. Marechal Cândido Rondon – PR. 14 de janeiro de 2006.

CARRIER - ENTREVISTA (fita-microcassete). Produção: Rodrigo Piovesana. Marechal Cândido Rondon: Arquivo pessoal, 2006. 130min (aprox.), Sony-microcassete, MC-60.

*Nascido e residente em Marechal C. Rondon desde 1978, ex-usuário de drogas. Marechal Cândido Rondon – Pr. 19 de março de 2006.

MANINHO DO CRAK - ENTREVISTA (fita-microcassete). Produção: Rodrigo Piovesana. Marechal Cândido Rondon: Arquivo pessoal, 2006. 190min (aprox.), Sony-microcassete, MC-60.

* Nascido e residente em Marechal C. Rondon desde 1984, ex-usuário de drogas. Marechal Cândido Rondon – Pr. 04 de janeiro de 2006.

M.C. CABEÇA - ENTREVISTA (fita-microcassete). Produção: Rodrigo Piovesana. Marechal Cândido Rondon: Arquivo pessoal, 2006. 140min (aprox.), Sony-microcassete, MC-60.

*Nascido e residente em Marechal C. Rondon desde 1977, ex-usuário de drogas. Marechal Cândido Rondon – Pr. 13 de janeiro de 2006.

NEGÃO DO RIO - ENTREVISTA (fita-microcassete). Produção: Rodrigo Piovesana. Marechal Cândido Rondon: Arquivo pessoal, 2006. 140min (aprox.), Sony-microcassete, MC-60.

* Nascido em 1980, na cidade de Volta Redonda, Rio de Janeiro, venho para Marechal Cândido Rondon em 2004, em busca de tratamento contra o uso de drogas e permaneceu residindo no município, é ex-usuário de drogas. Marechal Cândido Rondon – Pr. 03 de janeiro de 2006.

NEGUINHO DO JOGO - ENTREVISTA (fita-microcassete). Produção: Rodrigo Piovesana. Marechal Cândido Rondon: Arquivo pessoal, 2006. 125min (aprox.), Sony-microcassete, MC-60.

* Nascido e residente em Marechal C. Rondon desde 1981, usuário ativo de drogas. Marechal Cândido Rondon – Pr. 05 de janeiro de 2006.

RANNOV, Ito Dari. - ENTREVISTA (fita-microcassete). Produção: Rodrigo Piovesana. Marechal Cândido Rondon: Arquivo pessoal, 2006. 100min (aprox.), Maxell-microcassete, MC-60UR.

* Nascido em 1977 em Três Passos – RS, veio para Marechal C. Rondon por motivo de trabalho onde residiu até 1993, no ano seguinte entrou para a polícia, atuando no município de Cascavel e em 1997 foi transferido para Rondon, onde reside e atua até hoje. Soldado da polícia militar e coordenador do PROERD – Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência em Marechal Cândido Rondon. Marechal C. Rondon – Pr. 05 de junho de 2006.

TATOO - ENTREVISTA (fita-microcassete). Produção: Rodrigo Piovesana. Marechal Cândido Rondon: Arquivo pessoal, 2006. 170min (aprox.), Maxell-microcassete, MC-60UR.

*Nascido em 1979, no município de Lageado – RS, veio para Marechal C. Rondon com apenas quatro anos de idade, trazido por sua mãe, onde reside até hoje. Usuário ativo de drogas. Marechal Cândido Rondon – Pr. 27 de março de 2006.

4.4. Orais – Outras entrevistas

LAMB, Arlindo Alberto. Ex-prefeito de Marechal Cândido Rondon. Entrevista concedido ao Projeto Lembranças Vivas. Prefeitura de Marechal Cândido Rondon – Pr. 19 de janeiro de 2000.

PETER, Neusa. Nascida e residente em Marechal Cândido Rondon e testemunha da primeira inauguração da Praça Willy Barth. Entrevista concedida a SCHIMIDT. Robi. *Cenas da constituição de um mito político: memória de Willy Barth*. Cascavel: Edunioeste. 2001.

VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Jean Luiz N. *O flâneur e a cidade na literatura brasileira: proposta de uma leitura benjaminiana*. Mneme – Revista virtual de humanidades, n.10, v. 5, abr./jun. 2004.

AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e Abusos da História Oral*. 5ª ed. – Rio de Janeiro: editora FGV, 2002.

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ARANTES, Antônio A. *A Guerra dos Lugares*. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: nº23, 1994.

BECKER, H.S. *Los extraños – Sociología de la desviación*, Buenos Aires, Tiempo Contemporâneo, 1971.

BOURDIEU, Pierre, *Gostos de classe e estilos de vida*. In: Ortiz, Renato (org.) - BOURDIEU, Coleção Grandes Cientistas Sociais. nº. 39. Ática, São Paulo, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel. 1989.

BRESCIANI, Maria Stella (org.) *Imagens da Cidade*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1994

BRESCIANI, Maria Stella (org.) *Palavras da Cidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001.

BURKE, Peter. *A arte da Conversação*. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

CALVINO, Italo. *As cidades Invisíveis*. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadãos – conflitos multiculturais de globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1998.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Narrar o multiculturalismo*. In: *Consumidores e cidadãos, conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: EDURJ, 1999.

CARDOSO, Irene. *Para uma crítica do Presente*. São Paulo: Editora 34, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). *Os Caminhos da Reflexão Sobre a Cidade e o Urbano*. São Paulo EDUSP, 1994.

CELESTINO, Angélica. *A Germânia e o Outro: relações interétnicas em Marechal Cândido Rondon*. Marechal C. Rondon, UNIOESTE, Trabalho de conclusão de curso, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. Campinas/SP: Papyrus, 1995.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: A arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.

- CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação e a história entre narrativa e conhecimento. In: _____. *A beira da falésia, a história entre a certeza e inquietude*. Porto Alegre: EUFRGS. 2002.
- CHARTIER, Roger. História intelectual e história das mentalidades: uma dupla reavaliação. In: _____. *A história cultural*. Lisboa, Difel, 1990.
- COURTINE, J-J. Le tissu de la mémoire: quelques perspectives de travail historique dans les sciences du langage. In: _____ (Org.). *Mémoire, histoire, langage. Langages*, n. 114, Paris: Larousse, 1994.
- COSTA, Benhur Pinos da Costa. As relações entre os conceitos de território, identidade e cultura no espaço urbano: por uma abordagem microgeográfica. In: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto L. (org.). *Geografia: temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.
- CRUZ, M. Práticas médicas, toxicomanias e a promoção do exercício da cidadania. In: ACSELRAD, G. (org.) *Avessos do prazer: drogas, aids e direitos humanos*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000.
- DIAS, Maria Odila Silva. *Hermenêutica do Cotidiano na Historiografia Contemporânea*. Projeto História, São Paulo, n.17. nov.1998.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar. 2000.
- FARIA, Carlos Aurélio Pimenta de. *A memória cinzelada: em busca de uma consciência político-social*. Horizontes Históricos. Belo Horizonte. 1996.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa Osvaldo Cruz/CPDOC Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- FRANÇOIS, Etienne. A Fecundidade da História Oral. In: Uso e Abusos da História Oral. Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, Organizadoras, 5ª ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.1999.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.1997.
- GERTZ, Clifford.. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara. 1981.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo, SP: Cia. das Letras, 1986.

GOTTIDIENER, Mark. *A Produção Social do Espaço Urbano*. São Paulo: EDUSP, 1993.

GREGORY, Valdir. *Os euro-brasileiros e o espaço colonial: a dinâmica da colonização do oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970*. Niterói, UFF, Tese (Doutorado em História), 1997.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

IURKIV, José E. *Oktoberfest: criação e implicância na construção da identidade cultural rondonense*. Trabalho de Conclusão de Curso. Marechal Cândido Rondon, PR: UNIOESTE, 1993.

LAVERDI, Robson. *Tempos diversos, vidas entrelaçadas: trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo oeste do Paraná*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005.

LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito a Cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.

LIMBERGER, Lucinéia Regina. *A Construção de Uma Identidade Germânica em Marechal Cândido Rondon (1950-1995)*. Marechal C. Rondon, UNIOESTE, Trabalho de conclusão de curso, 1995.

LOPES, José Rogério. *Urbanidade e Cidadania: as modulações do urbano e o direito à cidade*. São Paulo: Ciências Sociais-UNISINOS, vol.37, nº 158, 2001.

MACCARI, Neiva Salete. *Migração e memórias: a colonização do oeste paranaense*. Curitiba, UFPR, Dissertação (Mestrado em História), 1999.

MAGNANI, José Guilherme. *Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole*. in: *Na Metrópole*. São Paulo: Edusp. 1996.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História (Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História/PUC). São Paulo. 1993.

O FUTURO da Oktoberfest. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 256, editorial, nov.1996.

OKTOBERFEST começa a ser questionada por rondonenses. *O Presente*, Marechal C. Rondon, nº 256, nov.1996.

OLIVEIRA, Marcos Antônio de. *“O demônio da humanidade.” O alcoolismo no discurso médico e na imprensa operária. São Paulo 1890-1930*. São Paulo – PUC. Dissertação de mestrado. 2001.

ORÍÁ, Ricardo. *A história em praça pública: os monumentos históricos de Fortaleza (1888-1929)*. Primeiros Escritos, vº 7- julho de 2001.

PERELMUTTER, Daisy. *A História Oral e a Trama Sensível da Subjetividade*. Dissertação de Mestrado, Psicologia Clínica, PUC/SP, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

PETUBA, Rosângela M. S. *Pelo Direito a Cidade: Experiência e luta dos ocupantes de terras do bairro D. Almir – Uberlândia / 1999-2000*. Dissertação de mestrado, Uberlândia, UFV, 2001.

PICCOLO, Fernanda Delvalhas. Particularidades e Generalizações: reflexões a partir de uma pesquisa urbana entre usuários de drogas em Porto Alegre. in: VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (org.). *Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.

PIOVESANA, Rodrigo. *Cidade em movimento: um estudo sobre a reivindicação do espaço urbano por dependentes químicos de Marechal Cândido Rondon*, Pr. Trabalho de conclusão de curso, especialização em história e região, UNIOESTE/Pr, 2004.

PRETI, Dino. A gíria como um elemento da interação verbal na linguagem urbana: transformações no fenômeno sociolinguístico da gíria. In: *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

QUEIRÓS, Ilse Lorena Von Borstel Galvão de. *A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon, Paraná: um estudo sobre o significado do lazer entre descendentes de alemães*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 1999.

ROLNIK, Raquel. História Urbana: História na Cidade? In: *Cidade & Cidades: Modernização das Cidades Brasileiras nos séculos XIX e XX*. Ana Fernandes e Marco Aurélio A. de F. Gomes (org.) UFBA/Arquitetura. 1997

SAATKAMP, Venilda. *Desafios, lutas e conquistas, história de Marechal Cândido Rondon*. Cascavel: Assoeste, 1986.

SCHIMIDT, Robi. *Cenas da constituição de um mito político: memória de Willy Barth*. Cascavel: Edunioeste. 2001.

SCHMITT, Jean Claude. A História dos Marginais. In: *A História Nova*. Jacques Le Goff (org.). 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SCHNEIDER, Claércio Ivan. *Os senhores da terra: produção de consensos na fronteira (oeste do Paraná, 1946-1960)*. Curitiba, UFPR, Dissertação (Mestrado em História), 2001.

SCHREINER, Davi Félix. Cotidiano, trabalho e poder: a formação da cultura do trabalho no extremo-oeste do Paraná. Toledo/PR, Editora Toledo, 1997.

SEYFERT, Giralda. *As contradições da liberdade: análise de representações sobre a identidade camponesa.* in: *Revista Brasileira de Ciências Sociais.* ANPOCS, nº18, v.7, fevereiro de 1992.

SMANIOTTO, Jéferson. *A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon – 1987-1996.* Trabalho de Conclusão de Curso. Marechal Cândido Rondon, PR: UNIOESTE, 1997.

SOUZA, Marcos Alvito Pereira de. *As Cores de Acari: Uma Favela Carioca.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

SPECK, Lori Spitzer. *A Cidade e a Praça: memória e política em Marechal Cândido Rondon.* Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em história, UFF-UNIOESTE, Niterói, 2002.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion____(orgs.). *Domínios da história; ensaios de teoria e metodologia.* Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VELHO, Gilberto. *A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social –* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

VELHO, Gilberto. *Desvio e Divergência: uma crítica a patologia social,* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

VELHO, Gilberto. *Nobres e Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia.* Rio de Janeiro: FGV. 1995.

VIEIRA, Liszt. *Cidadania e globalização.* Rio de Janeiro: Record. 2003.

WACQUNAT, Loic. *Os condenados da cidade: estudos sobre marginalidade avançada –* Rio de Janeiro: Revan. 2001.

WACHOWICZ, Rui Cristóvan. *Obrageiros, Mensus e Colonos: História do Oeste Paranaense.* Curitiba: Vicentina, 1987.

ZALUAR, Alba. A criminalização das drogas e o reencantamento do mal. In: ZALUAR, Alba (org.). *Droga e Cidadania: repressão ou redução de riscos.* Brasiliense, São Paulo. 1994.

VII - ANEXOS

7.1. Roteiro para orientação de entrevistas.

✓ Sobre como foi educado e os motivos que o levaram ao uso de drogas.

- 01 Quando e Onde nasceu
- 02 Como foi sua infância e adolescência
 - Relação com os pais
 - Relação com os colegas
 - Relação com a escola
- 03 Quando e como se deu os primeiros contatos com a cidade de Rondon (somente p/ depoentes que não são naturais de Rondon)
- 04 Quando e como começou a utilizar drogas. (procurar identificar as circunstâncias que o levaram a utilizar drogas).
- 05 Sempre utilizou a mesma droga, ou se houve, ou porque houve evolução no vício. (Procurar identificar as circunstâncias que o levaram a utilizar outro tipo de droga.)
- 06 Que tipo de droga usa atualmente.

✓ Sobre os espaços nos quais se davam o uso de drogas.

- 07 Existe algum lugar conhecido na cidade por ser freqüentado por usuários de drogas, uma espécie de “território de drogadicção.” (procurar identificar relações que fundam e refundam territórios, “noção de pedaço”, o significado de tais lugares em relação a cidade)
- 08 freqüenta (ou freqüentava) estes locais quando costuma (ou costumava) utilizar drogas.
- 09 Utilizava drogas sozinho ou em grupo.
- 10 Como é (ou era) o comportamento no grupo, o que pode (ou podia) e o que não pode (ou não podia) fazer. Existe (ou existia) alguma obrigação a ser cumprida. (procurar identificar regras de conduta)
- 11 Existe uma linguagem própria entre o grupo ou as pessoas que freqüentam (ou freqüentavam) os espaços de uso.
- 12 Em que horário utiliza (ou utilizava) este (s) espaço (s).
- 13 Quais os grupos que freqüentam (ou freqüentavam) estes lugares.
- 14 O que fazia neste lugar além de utilizar drogas.
- 15 Como se sente (ou se sentia) neste (s) lugar (es).
- 16 O que significa (ou significava) este (s) lugar (es) na sua vida. (procurar identificar o significado do lugar, identificar laços de sociabilidade dentro de uma racionalidade própria investida ao lugar),

✓ Sobre os valores do grupo a que pertence.

- 17 Se existe alguma expressão para identificar o outro usuário de droga que pertence ao mesmo grupo ou de grupos diferentes, e qual o significado.
- 18 As gírias (códigos de linguagem) são utilizadas frequentemente, ou só com os integrantes do grupo. Quais são as mais utilizadas e seus significados.
- 19 Se existe hierarquia no grupo, quais as regras a serem seguidas.

✓ **Sobre as preferências pessoais.**

- 20 Qual a preferência musical.
- 21 Qual o tipo de vestimenta que se habitua a utilizar.
- 22 quem é seu “herói” – uma pessoa que admira ou tem como exemplo.

✓ **Sobre a visão de si mesmo a cerca do uso de drogas.**

- 23 Quais os pontos positivos e negativos do uso de drogas.
- 24 O uso de drogas é uma alternativa de vida. (procurar identificar se buscam uma vida alternativa, quais os valores do grupo social que convive, reelaboração de valores na medida em que muda o grupo social)
- 25 O que mudou antes e depois do uso.
- 26 Como está sua vida atualmente
- 27 Já buscou tratamento contra o uso de drogas, quais os motivos.
- 28 Como foi o tratamento e o que mudou depois.
- 29 Como você é visto pela sociedade rondonense.
- 30 Como gostaria de ser visto.

✓ **Sobre sua visão de mundo, valores e crenças.**

- 31 Se existe algum ritual pessoal ou no grupo, algo que considera sagrado. (preocupação com o significado da experiência de vida destes atores urbanos, quais são suas lutas, valores, crenças, visão de mundo, relações e práticas que os constroem como sujeitos e constroem os espaços onde vivem.)
- 32 pratica alguma religião, em que acredita.
- 33 Existe algum tipo de mito ou lenda sobre o uso de drogas.
- 34 Qual o significado da existência humana.
- 35 Em relação a sua vida o que está bom e o que é preciso mudar
- 36** Em relação ao mundo o que está bom e o que é preciso mudar.

✓ **Sobre suas práticas sociais na cidade.**

- 37 Qual o tipo de trabalho que realiza
- 38 Como é a relação no trabalho.
- 39 Quais são as práticas de lazer. (procurar identificar como se processa a relação com a cidade, “consumo da cidade”)
- 40 Como é a relação com seus pais, namorada (ou sua família) hoje. (procurar identificar laços de afetividade)
- 41 Em relação a cidade de Rondon, o que está bom e o que é preciso mudar.

✓ **Sobre sua consciência política.**

- 42 O que é ser cidadão para você.
- 43 Se considera um cidadão, porque.
- 44 Faz parte da sociedade rondonense, porque. (identificar quais as estratégias de integração a sociedade.)
- 45 O que é ser marginal
- 46 Se considera um marginal, porque. (identificar como a marginalidade é construída e vivenciada)

Autorizo a reprodução deste trabalho.

Dourados, 22 de agosto de 2007.

RODRIGO PIOVESANA